
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE
(PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA)**

**O PRAZER E O MEDO NAS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA
NATUREZA**

SANDRO CARNICELLI FILHO

Dissertação apresentada ao
Instituto de Biociências do Câmpus
de Rio Claro, Universidade
Estadual Paulista, como parte dos
requisitos para obtenção do título
de Mestre em Ciências da
Motricidade .

Dezembro - 2007

O PRAZER E O MEDO NAS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA.

SANDRO CARNICELLI FILHO

Orientador: GISELE MARIA SCHWARTZ

Dissertação apresentada ao Instituto de
Biociências do Câmpus de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista, como parte dos
requisitos para obtenção do título de Mestre em
Ciências da Motricidade (Área Pedagogia da
Motricidade Humana)

RIO CLARO
Estado de São Paulo-Brasil
Dezembro - 2007

Dedicatória

Aos meu pais e irmãos, fontes de sabedoria,
amor e amizade, pela eterna compreensão
e auxilio na conclusão de mais este
projeto de minha vida.
Amo vocês.

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus, por estar sempre ao meu lado e por colocar pessoas maravilhosas na minha vida, por sempre me proteger e me ajudar nos momentos mais difíceis....

Agradeço aos meu pais, Sandro e Angela por estarem sempre ao meu lado, me apoiando, incentivando e dando coragem para caminhar. Espero que a distância que estará entre nós ano que vem sirva para estreitar ainda mais nossos laços.

Agradeço aos meus irmãos Paulo e André....Vocês são fundamentais na minha vida. Amo muito vocês.

Aos meus familiares (avós, tios e primos) por me darem a alegria , o orgulho e a felicidade de dizer que tenho uma família exemplar.

Aos meus amigos.... são tantos que se eu fosse escrever o nome de todos faltaria espaço....

Saibam que vocês estão no meu coração e onde quer que eu esteja vocês estarão comigo. Tenham certeza que os momentos que passamos juntos me ajudarão no árduo caminho e me darão força para poder reencontrá-los em breve. (Tais, Jp, Ana Paula, Leo, Lulo, Enrico, Gian, Teto, Danilo, Ipatinga, Rodrigo Franzin, Rep. Oui, Amigos do BEF 02, da Unesp, do Acampamento, da CCJ e do Puríssimo).

Aos professores membros da Banca Afonso e Alcyane por serem meus exemplos na área acadêmica.

À minha querida amiga e orientadora Gisele, por esses quatro anos juntos...serei eternamente grato a você, obrigado por me ajudar nessa transformação e tenha certeza que sempre levarei muito de você e você será sempre um espelho para minhas atitudes.

Às famílias Carneiro e Fuzaro, por tudo o que fizeram por mim nesses últimos anos e por deixarem eu raptar a Mayra... Muito obrigado por tudo.

E finalmente agradeço ao meu amor, que me dá força pra continuar e inspira meus sonhos mais loucos. Sonhos de amor, de vida, de família.... Quero ter sempre você ao meu lado, minha alegria, meu sorrir, meu colorido.... Tenha certeza que não teria força para terminar esse mestrado

e ir em busca de um doutorado do outro lado do mundo se não tivesse você Mayra, que nosso amor seja eterno e que Deus olhe por nós. Que tudo o que já passamos juntos sirva para aumentar ainda nosso respeito, nosso carinho e nossa admiração e nosso amor.... Muitas outras coisas teremos que enfrentar mas juntos podemos conquistar o mundo.....Obrigado por estar na minha vida. Te amo muito. E a Nova Zelândia que nos aguarde.....

RESUMO

Este estudo, de natureza qualitativa, tem como objetivo investigar as emoções de prazer e medo relacionadas às vivências de atividades de aventura, na visão de pessoas iniciantes nessas práticas. O estudo foi desenvolvido em duas etapas, sendo a primeira uma revisão de literatura referente às temáticas propostas e a segunda uma pesquisa exploratória, utilizando como instrumento para coleta de dados uma entrevista estruturada. A população alvo do estudo será composta por 30 sujeitos sendo 10 iniciantes de *Rafting*, 10 de Escalada e 10 de Pára-Quedismo. Os resultados foram analisados de maneira descritiva, por meio da Técnica de Análise de Conteúdo Temático e apontam diferentes relações entre as emoções e a primeira prática de uma Atividade Física de Aventura na Natureza. A pesquisa mostrou que a presença dos elementos emocionais, no entanto, faz parte, não apenas das atividades em si, mas de todo um imaginário e de conceitos trazidos pelos participantes de que, em sua primeira prática, apostam que vivenciarão fortes emoções. Verificou-se que o prazer e o medo agem de forma profunda nas relações traçadas entre estas atividades e os sujeitos praticantes, levando em conta aspectos sociais e psicológicos que são importantes tanto antes da atividade quanto ao término da mesma. Isso porque as respostas dos participantes apontaram que esses dois elementos permeiam toda a atividade e formam a base do enredo emocional da aventura.

Palavras Chave: Medo, Prazer, Atividades Físicas de Aventura na Natureza

SUMÁRIO

	Página
RESUMO.....	vi
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. JUSTIFICATIVA.....	6
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	9
3.1 AFAN (Atividades Físicas de Aventura na Natureza).....	9
3.2 Rafting.....	18
3.3 Escalada.....	23
3.4 Pára-Quedismo.....	25
3.5 Emoções.....	27
3.6 Emoções no Meio Natural.....	33
3.7 Expressão Emocional.....	40
3.8 Medo.....	42
3.9 Medo Inato e Medo Adquirido.....	52
3.10 Aspectos Neurais do Medo.....	54
3.11 Prazer.....	55
3.12 O Prazer do Medo e o Medo do Prazer.....	61
4. OBJETIVO.....	66
5. MÉTODO.....	67
5.1 Natureza da Pesquisa.....	67
5.2 Instrumentos.....	68
5.3 Participantes.....	69
5.4 Procedimentos.....	70
6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	72
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99

8. REFERÊNCIAS.....	104
ANEXO 1.....	115
ANEXO 2.....	116
ANEXO 3.....	117
ANEXO 4.....	118
ANEXO 5.....	119
ANEXO 6.....	120
ABSTRACT.....	156

1. INTRODUÇÃO

O ser humano, o qual muito se distanciou do ambiente natural, principalmente após a revolução industrial, já que esta promoveu uma migração de capital e de pessoas para próximo das fábricas e das conseqüentes cidades que nasceram ao redor desta atmosfera, depara-se com uma queda na qualidade de vida, provocada por diversos fatores estressantes sofridos em seu cotidiano. Estes, por sua vez, podem gerar uma série de descompassos, especialmente nos âmbitos fisiológicos e psicológicos, com o aumento do sedentarismo e da violência, surgindo a necessidade de se investir em novas oportunidades para que estes quadros sejam revertidos.

Tendo em vista que o ser humano faz, também, parte do meio natural e que, portanto, a interação entre ambos é possível mesmo que certos impactos se façam presentes. São, de fato, as tecnologias e próprio aperfeiçoamento realizado pelos humanos, que se tornaram seres urbanos, que fazem com que a percepção do meio ambiente natural se modifique e, então, começam a percebê-la de forma diferente como algo a parte de suas próprias naturezas.

Sob esta perspectiva, tem início um processo lento, porém, crescente, de conscientização de que o descanso, assim como a atividade física em contato com o meio natural, podem representar fatores vitais para uma vida com mais qualidade, o que promove

a re-valorização de algumas atividades do contexto do lazer, sobretudo, aquelas que enfatizam a aproximação humana com o ambiente natural.

Honoré (2005) apresenta a idéia de que, muitas vezes, a tranquilidade e o equilíbrio são alcançados apenas quando se sai do *frenesi* que a sociedade moderna impõe e se volta a encontrar o ritmo natural do ser, o qual permeia toda a existência, desde o modo como se trabalha, come-se e se utiliza o tempo disponível para o lazer. Tal retorno promove um novo encontro do ser humano consigo mesmo e também com suas emoções.

A busca por outras emoções e sensações, diferenciadas daquelas do cotidiano, negligenciadas com a evolução social, tem se tornado um fator importante de adesão às práticas realizadas no meio ambiente (TAHARA, 2004), ampliando as possibilidades de novas vivências no contexto do lazer.

O lazer possui diversas concepções e enfoques, como os evidenciados nos trabalhos de Camargo (1998), Bruhns (2000), Marcellino (2001), Burgos *et al.* (2002), Schwartz (2003) e Melo (2005), tornando-se desafiador estudar novas vertentes e as diferenças emocionais associadas a algumas delas.

Nestas atividades, aparentemente desinteressadas, o ser humano busca, não apenas sua liberdade, a espontaneidade e o prazer por si só (FRIEDMAN, 1958), mas, também, procura superar-se.

Ao se focalizar a definição dada por Dumazedier (1974), para o qual o lazer é o conjunto de ocupações em que o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, retoma-se a importância da espontaneidade e da liberdade de ação, promovidas em diversas opções do âmbito do lazer.

É no universo de atividades no contexto do lazer que surgem as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN), as quais utilizam os recursos naturais, algo que o Brasil possui em abundância, como evidenciam Barros e Dines (2000).

Na última década, pode-se observar uma grande utilização dos recursos naturais brasileiros para o incremento do turismo. Regiões que possuem rios, cachoeiras, praias, parques e florestas nativas, apóiam-se nesses atrativos para fortalecerem a economia local. As AFAN, mais comumente chamadas de esportes radicais, estão imersas neste cenário, promovendo novas e significativas experiências, principalmente no âmbito emocional, aos seus adeptos.

Estas atividades podem estar inseridas na categorização que Caillois (1990) denomina de *ilinx* ou jogos de vertigem e que consistem na tentativa de desestabilizar a percepção, de provocar um estonteamento e de encontrar um possível estado de transe.

Acerca da nomenclatura destas atividades, Marinho (2003) enfatiza mais detalhadamente e apresenta como denominações utilizadas: atividades de aventura, esportes tecnoecológicos, esportes em liberdade, esportes californianos, esportes selvagens, entre outros.

Ainda que pese a dedicação com que o Ministério do Turismo, juntamente com uma comissão formada por especialistas e a Associação Brasileira de Normas Técnicas (por intermédio da norma ABNT NBR 15500) venham estudando a possibilidade de sistematizar, inclusive, o nome destas atividades sugerindo como nomenclatura apenas Atividades de Aventura, para este estudo será utilizado o termo Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) corroborando a definição proposta originariamente por

Betrán (1995), já que esta consegue abranger qualquer prática que desperte o instinto aventureiro e que tenha uma ligação profunda com o meio natural, representando uma atividade de diversão, tendo o corpo, não como meio, mas como um fim em si mesmo, por ser o portador de emoções e sensações vivenciadas.

Provavelmente, durante a prática das atividades físicas de aventura na natureza, um dos elementos mais intervenientes é a emoção, afinal, a própria aventura pode proporcionar ao praticante certo grau de reações fisiológicas, físicas e psicológicas, as quais influem na percepção, na aprendizagem e no desempenho.

Dentre as emoções e sensações recorrentes nestas atividades estão o medo e o prazer, focos deste estudo e que se mesclam neste ambiente de sentimentos confusos. Este “jogo” emocional acaba sendo o grande atrativo destas aventuras, capaz, inclusive, de estimular a adesão às diferentes práticas.

Medo e prazer também são encontrados no cotidiano das pessoas, as quais, muitas vezes, especialmente no caso do medo, preferem isolar-se de vivências com esta caracterização. Entretanto, cabem algumas indagações sobre a intensidade destas emoções: será que a intensidade durante uma AFAN é igual a de uma situação do cotidiano? Em outras palavras, será que o medo e o prazer, vivenciados no cotidiano, são iguais ao medo e ao prazer sentidos durante a prática de uma AFAN? Qual a relação entre sentir medo e sentir prazer durante estas atividades? Esta relação representa efetivamente um dos atrativos das AFAN?

Estas questões tornaram-se inquietantes, ao se perceber o contraste das emoções que permeiam estas práticas, sendo que, no momento de euforia subsequente ao final das atividades, estas emoções podem, conscientemente, estar misturadas.

Portanto, torna-se instigante compreender como se processam as relações de prazer e medo nas AFAN, evidenciando como estas emoções se apresentam para os praticantes destas atividades.

Este trabalho visa, também, compreender os fatores desencadeadores destas emoções e o modo como estes podem intervir na atividade, podendo torná-la ainda mais atrativa.

2. JUSTIFICATIVA

Os seres humanos recebem, cada vez mais, uma formação baseada na cultura do trabalho e do consumo, valorizando, sobremaneira, bens materiais e descartáveis e sentimentos fugazes.

Estando presas em uma sociedade que se baseia em pré-conceitos e que pouco se importa com a natureza humana, as pessoas, inconscientemente, deixam de lado o contato nos âmbitos pessoal e humano e passam a viver de forma rotineira, quase robotizada. Quando tomam consciência dos estragos em vários níveis, causados por este estilo adotado, ou quando o corpo literalmente “grita” por novas experiências, procuram escapar e encontrar momentos, no seu tempo disponível, em que possam viver emoções e sensações que se perderam, ou há muito estão adormecidas.

Algumas atividades no contexto do lazer, dentre elas, as atividades físicas de aventura na natureza, por suas características, podem promover, além de um profundo contato com o meio natural, um reencontro humano com sua identidade e sua essência.

Tendo em vista este embotamento das sensações e emoções prazerosas vividas no cotidiano e na frenética vida urbana, as AFAN surgem como uma opção capaz de promover uma ressignificação da relação ser humano-natureza-emoção.

Alguns campos de estudo, entre eles a Psicologia e a Motricidade Humana, já começam a dedicar atenção para a necessidade de melhor compreensão dessas relações

entre a fuga temporária do cotidiano, a qualidade de vida e as emoções vivenciadas em atividades junto à natureza, uma vez que há uma lacuna, ainda, acerca de trabalhos acadêmicos voltados ao entendimento direto desta interação, nas diversas áreas do conhecimento.

Mesmo na Motricidade Humana, área que focaliza mais diretamente o movimento humano, pouco tem sido abordado sobre essas atividades, sobre os esportes realizados na natureza, sobre as emoções que permeiam estas práticas e o papel que elas exercem durante a atividade, tornando-se premente uma revalorização desses temas, já que estes representam, inclusive, a possibilidade de ser um campo de atuação profissional.

Concebendo a idéia de que a emoção é um termo complexo e que é abordado principalmente pela Psicologia, esta temática parece distante da realidade do profissional de Educação Física. No entanto, ao se pensar no ser humano de maneira holística, a motricidade humana também pode prestar colaboração nas reflexões acerca desta temática, uma vez que há interfaces diretas entre os estados emocionais e as atividades físicas.

O estudo sobre as emoções pode permear, não apenas uma área, mas diferentes segmentos da ciência, que buscam olhar, por meio de focos específicos, este fenômeno intrínseco ao ser humano. De fato, as reações e o complexo enredo emocional que envolve o ser humano, como a relação entre o prazer e o medo, são ambientes fecundos para pesquisas que buscam compreender a espécie, de forma mais completa. Sendo, portanto, de suma importância estudos sobre as emoções para profissionais da saúde como, por exemplo, os profissionais da Educação Física.

No que tange ao preparo dos referidos profissionais para trabalhar com essas práticas no âmbito do lazer, também parecem ocorrer lacunas, em que cursos de formação, com raras exceções, ainda não focalizam este tema em seus contextos pedagógicos, derivando daí uma prática comprometedora em relação à segurança e ao modo como o profissional irá lidar com diferentes situações, como a presença do medo, do prazer e de outros aspectos subjetivos inerentes a estas vivências.

Ainda que o campo de abordagem para este tema seja bastante amplo, para este estudo não serão feitas incursões profundas, especialmente no que concerne às reflexões sobre as questões neurais, uma vez que a fundamentação desta pesquisa não se dará pela neurociência, mas, pela motricidade humana, com enfoque na psicologia.

O estudo justifica-se, inclusive, como uma reflexão, no sentido de subsidiar outras pesquisas referentes à temática em questão.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 AFAN (Atividade Física de Aventura na Natureza)

As AFAN podem ser uma das opções do lazer. Sendo este o enfoque deste estudo, é necessário, portanto, que se compreenda a inserção delas neste universo. Para isto deve-se levar em conta os conteúdos culturais do lazer propostos por Dumazedier (1974), o qual, em sua obra *Sociologia empírica do lazer*, dá um passo significativo para que uma nova visão deste fenômeno social fosse implantada. Ao categorizar os conteúdos culturais do lazer, Dumazedier sofreu diversas críticas, por tentar subdividir o campo, o que romperia com o caráter de interação e de totalidade inerente ao lazer, ainda assim, em termos pedagógicos, sua contribuição não pode ser negligenciada, tendo em vista que esta classificação dos interesses culturais do lazer representam a abrangência social que este fenômeno pode adquirir, em diferentes épocas, tendo sido uma contribuição importante do autor, para o estudo do fenômeno do lazer.

Físico-esportivos, manuais, artísticos, intelectuais e sociais foram os conteúdos propostos por Dumazedier (1974), representando as características sociais da época de seu estudo, porém, estes foram complementados por Camargo (1998), o qual inseriu o conteúdo turístico e, posteriormente, foram re-atualizados por Schwartz (2003), a

qual adicionou o conteúdo virtual, na perspectiva de acompanhar os novos interesses culturais da atualidade.

Muitas das atividades no âmbito do lazer integram mais de um destes conteúdos e com as AFAN não é diferente, ainda mais se estas forem consideradas pertinentes ao Turismo de Aventura, como defendido por Swarbrooke *et al* (2003). Este campo, portanto, apresenta uma gama de possibilidades de estudo nos diferentes enfoques. Para esta pesquisa será utilizada a concepção de que estas atividades estão inseridas no campo do lazer, na perspectiva dos conteúdos físico-esportivos e turísticos.

O crescente interesse pelas AFAN já é dado certo e comprovado em pesquisas como a de Tahara (2004) e a área do lazer começa a dedicar maior atenção a estas práticas, merecendo o olhar cada vez mais constante, por parte de pesquisadores nacionais e internacionais, como é o caso de Betrán (1995), Bruhns (1997), Marinho (2003), Schwartz e Silva (1999), Costa (2000), Abdalad (2001), Swarbrooke *et al.* (2003) e Cater (2006), entre inúmeros outros.

As atuais pesquisas nesta área trazem como característica principal experiências particularmente emocionais, de aventura e de novo significado ao risco, capazes, inclusive, de promover o que Schwartz (2002) evidencia como a dinâmica metafórica de novos estilos existenciais.

Betrán (1995) tem seu enfoque voltado para a análise do surgimento deste tipo de atividade, salientando que este se dá na década de setenta, quando surge uma nova realidade lúdica com enfoque específico para a vivência das AFAN.

Já Bruhns (1997) acredita que a crescente busca por atividades na natureza se dá devido ao grande vazio existencial, incômodos permanentes e perda de valores que acontecem na sociedade atual, onde o ser humano procura, assim, algo desconhecido e desafiador.

Diegues (2001) afirma que o que leva o ser humano a apreciar o belo, o harmonioso e obter a paz interior, proveniente da admiração da paisagem intocada são, justamente, os elementos míticos presentes na concepção humana de natureza selvagem. Esta natureza é compreendida pelo autor como um “neomito” (termo que o autor utilizou, seguindo a definição dada por Morin, 1986), em que, apesar da dessacralização feita pelos cientistas, consegue manter os seus verdadeiros mitos como pseudo-religiões. Estes aspectos, acabam por influenciar, também, os seres humanos provenientes das cidades industrializadas.

De Masi (2000) aponta que a atual civilização urbana vive de modo sedentário, porém, apesar disso, os cidadãos seguem um ritmo de vida marcado pelo “frenesi” e pela correria em busca de emprego, de uma profissão e de segurança, o que pode fortalecer problemas emocionais ligados ao estresse. Porém, essas emoções do cotidiano não complementam, nem agregam valores positivos relacionados com a qualidade de vida.

Ao se perceberem debilitadas física e psicologicamente, as pessoas tendem a estabilizar o ritmo circadiano e procuram, além da passividade e de perspectivas para amenizar esse estresse, alguma forma de atividade que lhes propiciem vivências mais prazerosas e mais significativas.

Para tanto, muitas vezes, assumem uma conduta de fuga da realidade, ou partem à procura de suas origens mais simples, ou por ambientes mais tranquilos, em busca de uma paz interior e do alívio das tensões, como uma recarga de energias, ou mesmo de novas sensações e emoções, o que pode ser proporcionado em contato com o ambiente natural e, inclusive, por meio das AFAN.

Vive-se, então, um complexo paradoxo, que envolve aspectos como a paz interior, o contato com a natureza, a adrenalina, o risco e as emoções, ao mesmo tempo que, uma cultura do “devagar” é difundida, disseminada por movimentos como o *Slow Movement* e o *Slow Food*, que surgem, segundo Honoré (2005), da necessidade de contrapor o ritmo frenético das cidades e dos *fast-foods*, buscando uma nova ordem social, baseada em vivências, de certa forma, transcendentais, que transformam o dia-a-dia.

Abdalad (2001) salienta que, nestas atividades, existe a possibilidade de transgressão de normas sociais urbanas definidas, a ruptura temporária com o cotidiano, com os compromissos familiares e com o trabalho, representando uma fuga da rotina e uma forma de libertar-se e encontrar-se.

Essa possibilidade de uma “pseudo” volta às origens, como enfatiza Marinho (2003), pode libertar temporariamente o ser humano dos padrões definidos da sociedade, em que este não pode se emocionar, ou mesmo, sentir medo.

Para Bruhns (2003), o contato com a natureza que estes esportes proporcionam pode representar uma reaproximação com os estados de surpresa, medo e repugnância, presentes no inconsciente e que podem produzir prazer e o sentimento de “leveza”.

Para Costa (2000), o ser humano tem a vontade de desafiar a realidade em busca de liberdade e é pelo fato de se vivenciar riscos e incertezas, de maneira controlada pelos avanços tecnológicos e pela segurança de profissionais qualificados, que ele se vê estimulado a superar seus limites e romper a barreira do medo.

O risco é um dos principais elementos envolvidos, principalmente, por ser uma das variáveis que pode proporcionar emoções durante as práticas. Alguns estudiosos de âmbito nacional e internacional, como Schwartz (2002) e Cater (2006), têm abordado esta temática, que está diretamente associada aos aspectos emocionais envolvidos na prática e nos acidentes que ocorrem durante as vivências.

Para Ibrahim e Cordes (2002), o simples envolvimento com estas atividades já é o suficiente para apresentar o risco como aspecto inerente e a participação voluntária pode ser interpretada como a aceitação de vivenciar momentos de risco.

Schwartz (2002) diferencia risco de perigo e aponta para o caráter controlável do primeiro, enquanto o segundo foge do domínio humano. Isso é fundamental para se compreender que as atividades de aventura, se realizadas por profissionais responsáveis, é bastante segura, mesmo tendo o componente do risco envolvido.

Já, para Cater (2006), o risco não é o ponto central destas atividades e afirma que o principal atrativo é o medo e que os participantes jogam, cada um deles, com seus próprios receios. Isso se deve ao fato de que o autor não distingue o risco do perigo, considerando, provavelmente, os dois como algo compatível.

Porém, não se deve confundir o risco com negligência e é justamente este ponto que Callander e Page (2003) enfatizam. Para os autores, muitos dos acidentes que

ocorrem não são simples fatalidades provenientes do risco (ou perigo) inerente à atividade, mas também, e em sua maioria, problemas de negligência, provocados por guias e agências pouco preparadas.

É evidente que estas atividades, por serem realizadas em ambientes que fogem do controle do ser humano e por necessitarem de um profundo conhecimento daquele local específico, abrem margem para situações de risco e perigo, mas, é justamente por isso que os guias necessitam de uma formação e uma preparação ampla e densa, sem deixar de contextualizar o futuro profissional no local onde irá exercer sua atividade. Ao se considerar o *Rafting*, atividade que envolve a descida de corredeiras de rios com botes que comportam de cinco a doze pessoas, sua prática muda completamente dependendo do rio utilizado e é por isso que a formação deve ser contextualizada no local de exercício da atividade.

Para Swarbrooke *et al.* (2003), as organizações envolvidas com a realização destas atividades (agências e operadoras) devem reconhecer que o risco é parte da motivação para a maioria dos turistas, porém, estas devem conseguir gerenciá-lo com eficácia, caso contrário, poderão sofrer com quatro conseqüências negativas, apontadas pelos autores como: perda de clientes, perda de reputação e da confiança do cliente, perda da equipe como resultado da perda de clientes e/ou ações disciplinares e perda de dinheiro, por causa do pagamento de reembolsos das perdas de clientes.

Para os mesmos autores, o risco é apenas uma das características da aventura que, além desta, possui também resultados incertos, desafio, expectativa de recompensas, novidade, estímulo e entusiasmo, escapismo e separação, exploração e descoberta, atenção

e concentração e as emoções contrastantes. Eles afirmam ainda que muitas destas estão interligadas e são interdependentes e que nenhuma delas, se tomada separadamente, representa a aventura.

A aventura, para estes autores acontece sempre que uma pessoa, voluntariamente, coloca-se em posição rumo ao desconhecido, onde enfrentará desafios e poderá descobrir ou adquirir algo valioso a partir desta experiência. Porém, esta condição se baseia na percepção individual da situação e de si próprio, tornando a “aventura” algo subjetivo e singular.

A aventura, então, passa a significar ação, não podendo ser uma experiência passiva. Essa ação pode ser de ordem física, intelectual, emocional ou espiritual, envolvendo o ser, o fazer, o tocar, o ver e o sentir.

Betrán (2003), ao classificar as AFAN, utiliza critérios tais como: ambiente físico, ambiente pessoal, valorização ético-ambiental e ambiente social (ANEXO I). O ambiente físico é formado, não só pelo meio ou ecossistema em que é realizado (água, terra e ar), mas também, pelo plano em que se desenvolvem (vertical ou horizontal) e pelo grau de incerteza apresentado pelo meio (o meio onde é realizada a atividade por ser estável ou instável).

O ambiente pessoal envolve a dimensão emocional, as sensações e os recursos biotecnológicos. A dimensão emocional busca diferenciar as condutas hedonistas (que não requerem um grande esforço físico e geram uma sensação de prazer e bem-estar) e ascéticas (que exigem uma condição física mínima).

A concepção de sensação foi dividida em duas partes, sendo que a idéia de prazer/descanso quando o praticante experimenta certa paz e harmonia e o prazer prolongado permite que ele desfrute a atividade e contemple o ambiente; a sensação de risco/vertigem representa as situações de estresse e com alta carga emocional e certo nível de incerteza.

Os recursos biotecnológicos são divididos em quatro e representam aquilo que o praticante necessita para realizar a atividade. Os recursos propostos pelo autor são: artefatos mecânicos/tecnológicos, artefatos de motor, o corpo e os animais (BETRÁN, 2003).

A valorização ético-ambiental envolve o impacto ambiental resultante da interação entre o ser humano e o meio e que altera o equilíbrio. O impacto, segundo Betrán (2003), pode ser alto, médio ou baixo, já que existem atividades mais danosas que outras.

Por último, está o ambiente social, em que o autor pontua se a atividade é realizada de forma individual, com um grupo que interage e colabora, ou com um grupo sem necessidade de colaboração entre os participantes.

Dentre dessa classificação apresentada pelo autor (BETRÁN, 2003), encontram-se as atividades propostas para este estudo, quais sejam:

- *Rafting*: Atividade realizada na água, no plano vertical (rio), com grau de incerteza instável, de dimensão emocional hedonista, permeada pela sensação de risco/vertigem, utilizando artefatos mecânicos/tecnológicos, com impacto ecológico médio e exigindo um grupo de participantes que colaborem uns com os outros.

- Pára-quedismo: Atividade realizada no ar, em plano vertical (cair/queda), com grau de incerteza estável, o hedonismo como dimensão emocional, sensação de risco/vertigem, usando como recursos artefatos mecânicos/tecnológicos, impacto ecológico baixo e ambiente social individual.

- Escalada: Realizada na terra, com plano vertical ascendente, grau de incerteza instável, tanto o ascetismo quanto o hedonismo estão presentes e pode envolver a sensação de prazer/descanso ou de risco/vertigem, utilizando como recursos o corpo, um impacto ecológico médio e são realizadas em grupos, porém, sem a necessidade de colaboração.

Estas três atividades foram selecionadas levando-se em consideração apenas o meio ambiente onde elas se realizam. Portanto, optou-se por escolher uma atividade de terra, uma de ar e outra de água, dentre as inúmeras opções de AFAN.

Nas classificações apresentadas por Betrán (2003) podem ser feitas diversas considerações. A primeira diz respeito às dicotomias, principalmente quando o autor se refere ao ambiente pessoal, em que separa as atividades hedonistas, como aquelas que não exigem grande esforço físico e que, portanto, geram a sensação de prazer, daquelas ascéticas, as quais necessitam de uma condição física mínima e um certo esforço. Tal diferenciação pode acarretar inúmeras discussões, uma vez que ainda não se tem comprovação científica de que as atividades que exigem grande esforço físico não geram prazer e bem estar.

Na classificação das sensações, o autor provoca mais uma inquietação, ao citar apenas dois tipos de sensações; prazer/descanso e sensação de risco/vertigem

associadas a estas atividades. Pesquisas recentes, como as de Freire (2005), Carnicelli Filho e Schwartz (2005), Morgan *et al.* (2005) apontam que outras sensações podem efetivamente permear estas atividades, entre elas o medo.

Ainda que esta classificação gere possibilidades de discordâncias, ou mesmo, apresente certa incompletude, ela é uma das únicas bases de sustentação de referencial acerca de categorização dessas atividades, merecendo, portanto, ser inserida para ilustrar este estudo, conquanto que se resguarde essas imperfeições, anteriormente apontadas.

É, portanto, neste universo da aventura que este estudo se situa e procura explorar a relação paradoxal provocada pelo medo e pelo prazer vivenciados concomitantemente, tendo como cenário as AFAN, elementos que favorecem o encontro com as diversas emoções, focalizando diretamente o *Rafting*, a escalada e o pára-quedismo, como temas de investigação.

3.2 RAFTING

O *Rafting* é uma atividade praticada em corredeiras de rios com botes que comportam de cinco a doze pessoas e que necessita da coordenação das remadas e do entendimento de todos os praticantes durante as quedas dos rios, para que se obtenha sucesso na atividade, acabando por promover sensações únicas de cooperação e trabalho em equipe, pois, a cada descida, as quedas do rio estão diferentes, seja pelo volume de água, seja pelo posicionamento do bote, tornando a aventura sempre cheia de surpresas e necessidade de adaptação (CARNICELLI FILHO, 2005)

Sua história, conforme evidencia Souza (2004), remonta a segunda metade do século XIX, quando John Wesley Powel, em 1869, organizou a primeira expedição registrada. A aventura aconteceu no rio Colorado, EUA e os barcos utilizados eram de madeira e com remo central. No começo, as técnicas de condução destas embarcações eram primárias e, portanto, os praticantes tiveram muitos problemas, como capotamentos e choques com pedras.

Porém, a práticas e as técnicas de *Rafting* se desenvolveram com velocidade surpreendente, tanto que, em 1909, apenas 40 anos depois dessa aventura registrada, aconteceu a primeira viagem, com finalidade comercial, realizada pela Juliú's Stone's Grand Canyon.

No Brasil, a história do *Rafting* é bem mais recente e inicia com a chegada, em 1982, dos primeiros botes para corredeira. Esses botes foram trazidos com a finalidade de montar a primeira empresa brasileira, a TY-Y Expedições, a qual, no início, operava no Rio Paraibuna do Sul e Rio Paraibuna, ambos em Três Rios, RJ. Mas, foi na década de 90 que começaram a surgir novas empresas e iniciou-se a exploração de outros rios em diversos estados do país (SOUSA, 2004).

Atualmente, o *Rafting* é considerado uma modalidade esportiva e está associado à Confederação Brasileira de Canoagem (CBCA). As corredeiras dos rios foram classificadas, pela *International Rafting Federation*, em seis classes (de I a VI), de acordo com o nível de perigo e dificuldade a ser enfrentada. As variáveis básicas que alteram a classificação dos rios estão relacionadas ao volume de água e à região em que estes se

encontram (serra, planalto, montanha, etc). Estes elementos, combinados com a formação geológica, dão uma caracterização geral do rio.

De acordo com Merkle (2002), o perigo e a dificuldade das corredeiras são classificadas em:

- Classe I: Novatos. Correnteza leve, com poucos obstáculos. Podem ter pequenas ondas e refluxos.
- Classe II: Iniciantes. Corredeiras fáceis, com ondas maiores que 1 metro, porém, estáveis. Canal aberto com caminhos óbvios. Não há a necessidade de *Scout* (análise das corredeiras, fluxos, refluxos, quedas e volume de água feito por observação ao longo da margem do rio), mas é importante ter o domínio de algumas manobras básicas.
- Classe III: Intermediário. Corredeiras com ondas altas e irregulares, passagens estreitas que requerem manobras mais complexas.
- Classe IV: Avançado. Corredeiras geralmente longas e difíceis, com passagens que requerem manobras precisas em águas muito turbulentas. É necessário *Scout*.
- Classe V: Especialistas. Corredeiras extremamente difíceis, muito violentas e geralmente longas. Passagens obrigatórias. É imprescindível o *Scout* e os participantes que querem descer devem ter experiência em resgate.

- Classe VI: Corredeiras intransponíveis e não aconselhadas, nem mesmo para pessoas experientes.

Durante a prática da atividade, conforme orientações de Merkle (2002), existem cinco comandos de remada que são imprescindíveis para uma boa condução do bote, esse comandos devem ser executados com o maior grau possível de sincronismo entre os participantes, para que se consiga realizar a manobra de maneira perfeita.

Os comandos de remada são:

- Frente: todos no bote remam em frente, colocando a pá do remo a aproximadamente 1 metro à frente e puxando até a linha lateral do corpo. É importante que toda a pá do remo esteja submersa, para que se aumente a quantidade de água puxada.
- Ré: todos no bote remam em ré. Coloca-se a pá do remo aproximadamente 1 metro atrás da linha lateral do corpo e puxa-se até a lateral do corpo.
- Direita ré: as pessoas do lado direito do bote remam em ré, os da esquerda em frente. Esse comando realizará a rotação do bote em sentido anti-horário.
- Esquerda ré: as pessoas do lado esquerdo do bote remam em ré, os da direita em frente. O bote irá gira em sentido horário.
- Parou: todos devem parar de remar sem, no entanto, soltar os remos, principalmente a mão que segura o cabo.

Outros comandos geralmente utilizados são:

- Piso ou fundo: todos devem se ajoelhar ou sentar dentro do bote. Este comando serve para dar maior estabilidade ao bote (utilizado geralmente em quedas

grandes). Assim como no comando “Parou“, os praticantes não devem soltar os remos, principalmente o suporte em forma de T.

- **Peso à direita ou à esquerda:** caso o bote suba de lado em alguma pedra, os passageiros devem se colocar no lado mais alto do bote. Quando o bote encalha e tende a virar, deve-se mudar todo o peso para o lado mais alto do bote.

- **Scout:** caminhar na margem para decidir o melhor percurso.

Os equipamentos básicos para uma prática segura do *Rafting* são: os remos (composto por três partes: suporte em formato de T, cano e a pá, confeccionados em material leve e resistente, são flutuantes e em caso de emergência pode ser utilizado como equipamento de segurança e resgate; capacete (produzido em material resistente, geralmente termoplástico, possui aberturas na calota (parte superior do capacete) para autodrenagem, regulagem interna de tamanho e protetores de orelha); colete salva-vidas (desenhado especificamente para a prática de *Rafting*, conta com espuma de flutuação, 4 *clips* de fixação, fitas de regulagem nas laterais, flutuador de cabeça e reforço nos ombros para eventuais resgates; botes (feitos de material como uretano e PVC e de borracha, como hypalon, de tamanho variado entre 12 e 20 pés, que permite de 5 a 12 pessoas; saco de resgate (equipamento especialmente desenhado para facilitar o transporte e o arremesso da corda. É composto de um saco de *nylon* e uma corda maleável, a qual pode ser de diversos tamanhos) (CARNICELLI FILHO, 2005)

Em resumo, o *Rafting* é uma prática segura, desde que se respeite o uso dos materiais de segurança, como também, que se realizem as manobras de forma correta,

seguindo as orientações de profissionais conhecedores das técnicas de condução e dos rios onde a aventura acontecerá.

Da mesma forma, os cuidados e o conhecimento sobre outras modalidades de AFAN, como a escalada e o pára-quedismo, representam aspectos cruciais para a prática segura das mesmas, merecendo a atenção deste estudo, no sentido de compreender seus meandros.

3.3 ESCALADA

A Escalada é uma modalidade que é praticada em superfícies verticais (pedras, penhascos, paredões, falésias...), podendo explorar qualidades físicas, técnicas e psicológicas dos praticantes, envolvendo complexas relações emocionais, dentre elas, o medo e o prazer. Para a parte do descenso utiliza-se a técnica de *Rapel* que, para esse estudo, será considerada como parte integrante da Escalada.

Esta é uma atividade que descende do Montanhismo, o qual, por sua vez, tem sua história intimamente ligada ao desenvolvimento do ser humano. As pessoas que moravam próximas às montanhas, freqüentemente, tinham que ultrapassar estas regiões para alcançar um determinado local. Hoje, essa prática pode ser definida como a atividade de subir montanhas, com o propósito de atingir o cume, seja através de escaladas ou de caminhadas (COSTA, 2004).

Para Corneloup (2003), a escalada surge, então, primeiramente como técnica de treinamento para o Montanhismo, porém, a partir da década de 70, ela nasce como esporte, quando se lança o “Código de Ética do Livre”, um manual contendo regras e

comportamentos para os praticantes da escalada, o qual impedia o uso de qualquer equipamento para a subida da montanha.

A principal diferença entre a Escalada e o Montanhismo, como enfatiza Costa (2004), é que, na escalada, o praticante não tem como objetivo atingir o cume de uma montanha, mas sim, baseia-se na ação de subir, independentemente se em uma rocha, em uma parede de gelo ou em uma parede artificial.

Um ponto que parece ser de consenso entre alguns pesquisadores que estudaram a escalada, como Marinho (2001) e Costa (2004), é o fato, já evidenciado, de que ela surgiu como forma de treinamento para o Montanhismo e para a prática de iniciantes. Marinho (2001) vai além, ao observar que a escalada, principalmente quando desenvolvida em paredes artificiais e em ambientes fechados (prática conhecida como *indoor*) pode ter, também, finalidades educacional e recreativa. A autora ainda aponta que, devido a essas diferentes possibilidades de abordagens desta atividade, ela vem crescendo de forma significativa.

Mais recentemente, a Escalada Esportiva foi adaptada para a prática *indoor*, com paredes artificiais implantadas em ginásios e academias, que simulam as condições da escalada desenvolvida ao ar livre. Esses ambientes são projetados e equipados para tentarem garantir total segurança ao escalador e visam uma popularização da atividade, a qual pode ser realizada tanto em ambiente natural quanto urbano.

Os “caminhos” da parede que levam ao topo são chamados de vias e, tanto em paredes artificiais, quanto em escalada em rochas, é possível escalar a mesma via várias vezes, todas de formas diferentes.

A prática desta “antiga” atividade ganha forte impulso ao se criar o chamado turismo de aventura, para o qual as pessoas buscam os lugares mais apropriados para o desenvolvimento desta e de outras atividades. É o que vem ocorrendo na Espanha, segundo Swarbrooke *et al.* (2003), em que regiões como Maiorca, Tenerife e Costa Blanca organizam sua rede de hotelaria e suas agências de turismo para receberem turistas que buscam especificamente a escalada esportiva.

Além da escalada, outras atividades também exercem fascínio e estimulam o turismo de aventura, entre elas está o pára-quedismo.

3.4 PÁRA-QUEDISMO

Esta é uma atividade criada há pouco tempo que, porém, deriva do eterno sonho de voar do ser humano, destinado a viver no chão.

A história apresentada pela Confederação Brasileira de Pára-quedismo (2007) e por Poynter (1989) aponta que os primeiros passos em busca da concretização deste sonho se deram com os acrobatas chineses, os quais, em 1306, atiravam-se de muralhas e torres empunhando um dispositivo semelhante a um grande guarda-chuva, que amortecia a chegada ao solo.

Em 1495, Leonardo Da Vinci escreveu que, se um homem dispuser de um pedaço de pano impermeabilizado, com os poros bem tapados, pode atirar-se de qualquer altura, sem danos para si. Da Vinci é considerado também o precursor de um pára-quedas como projetista. Em 1797 André-Jacques Garnerin, em Paris, salta de um balão, a uma altura aproximada de 2000 pés. Garnerin é considerado o primeiro pára-quedista do mundo,

chegando a saltar de uma altura de 8000 pés, em 1802 (FECHET *et al.*, 1942; POYNTER, 1989).

Porém, o pára-quedismo se desenvolveu principalmente como instrumento militar, sendo utilizado em diversas guerras a partir de 1920, como forma de introdução de tropas em locais de difícil acesso por terra ou por mar.

No Brasil, o pára-quedismo teve início com Charles Astor, em 1931, no Aeroclube de São Paulo, tendo sido o maior incentivador do esporte nesse país. Entretanto, o primeiro brasileiro a realizar um curso de pára-quedismo foi o Cap. Roberto de Pessoa, em 1944, nos EUA. Depois dele, o exército enviou mais 34 militares, em 1945, para, assim, formarem a Escola de Pára-quedistas do Exército Brasileiro (POYNTER, 1989).

A partir de então, a atividade começou a se proliferar para o meio civil, até tornar-se uma modalidade esportiva, com a criação da Confederação Brasileira de Pára-Quedismo (CBPq) e de diversas federações, que se espalham, hoje, por todo o país.

Atualmente, no pára-quedismo, existem dois tipos de equipamentos básicos denominados *Static Line* e AFF Queda Livre. O *Static Line* possui um sistema de abertura semi-automático, permitindo que a própria queda do aluno acione o processo de abertura do velame. Esse processo acontece devido a uma fita que liga o “pilotinho extrator do velame” à extremidade da aeronave. Já na versão AFF, o processo de abertura é disparado pelo próprio pára-quedista, que o libera através do punho de comando. Existe, também, um disparador automático do pára-quedas reserva, equipamento de segurança que é acionado automaticamente em uma altura pré-determinada, geralmente, 1500 pés.

Para a prática do Pára-Quedismo é necessário que o praticante possua noções de aerodinâmica, como, por exemplo, saber que, aproximadamente, nos doze segundos iniciais de queda livre, o corpo estará em constante aceleração em direção ao solo, devido à lei da gravidade. Após esse período, a resistência do ar se iguala à força de atração, estabilizando a velocidade em, aproximadamente, 200 km/h. Essas noções auxiliarão o pára-quedista a traçar estratégias para pouso, para momentos imprevistos e de segurança.

Em resumo, não só o Pára-Quedismo, mas todas estas atividades alteram o estado psicológico e as emoções de seus praticantes, sendo aspecto fundamental para que a prática se torne uma vivência significativa dos estados emocionais.

3.5 EMOÇÕES

O termo emoção, proveniente do latim *emovere* e que, na referida língua significa pôr em movimento, é de difícil conceituação, já que existe uma série de significados e diversos problemas relativos a sua tradução em outras línguas. Na língua portuguesa, em dicionários comuns, encontra-se como definição para emoção: “...a reação intensa e breve do organismo a um lance inesperado, a qual se acompanha de um estado afetivo de conotação penosa ou agradável” (FERREIRA, 2000, p.634-635).

Ao observar a evolução do termo com base em um olhar pautado na filosofia, Abbagnano (1962) divide as teorias sobre emoção em duas grandes classes. A primeira reconhece nas emoções um significado e estas aparecem como valores das situações quanto às possibilidades de vida, de conservação, de desenvolvimento e da realização dos interesses e das tarefas. Esse reconhecimento do papel das emoções promove

a negação da concepção de que existe uma natureza necessariamente racional no mundo em que o ser humano vive.

A segunda classe identificada pelo autor está fundamentada, principalmente, na teoria estóica, na qual os pensamentos de filósofos como Espinosa e Leibniz se apóiam. Estes pensadores consideram as emoções como pensamentos confusos e opiniões vãs. Para esta classe existe uma desconsideração das sensações emocionais, já que, no mundo racional e “perfeito” (mundo este que é completamente racional e que tem o uso desta razão como “motor” da vida), as emoções se apresentam como se fossem desvios da existência pautada em uma realidade unicamente racional. Para Abbagnano (1962), a crítica sobre estas doutrinas está em que elas não dão conta de explicar, de forma clara estas concepções as quais reduzem as emoções.

Com relação ao percurso histórico do termo e dos estudos sobre ele, Damásio (2002) enfatiza que são relativamente recentes as primeiras preocupações com este assunto. O autor cita Charles Darwin, Willian James e Sigmund Freud, como pioneiros do século XIX e faz uma dura crítica à neurociência e à ciência cognitiva, por tratarem o assunto, por tantos anos, com desdém.

Torna-se importante elucidar a concepção de Damásio, o qual classifica as emoções em três grupos, sendo as primárias ou universais, geralmente inatas e pré-organizadas, como a alegria, a tristeza, o medo, a raiva e a surpresa; as emoções secundárias ou sociais, que provêm de representações adquiridas, como o ciúme, a culpa e o orgulho e, por último, as emoções de fundo, como o bem-estar, o mal-estar, a tensão ou a calma. Estas emoções de fundo são, segundo Damásio (2002), geralmente, induzidas por

fatores internos, como conflitos psíquicos e esforços físicos prolongados, sendo comumente detectadas por meio de sutis detalhes, como o posicionamento corporal, entre outros signos.

Atualmente, parece que o termo é de conhecimento universal, já que todos têm uma idéia do que seja emoção, mas a dificuldade está em conseguir explicá-la, como afirmam Lazarus (1991) e LeDoux (1998). Esta dificuldade pode estar relacionada com a diversidade de reações encontradas nas pessoas, significando que cada pessoa pode reagir de modo diferente para cada emoção apresentada.

Engelmann (1978), devido à confusão terminológica com a qual se deparou ao estudar o termo, preferiu ampliar suas pesquisas, de forma a incluir também os termos “afetos” e “sentimentos”. Porém, este novo leque terminológico ainda não foi suficiente e, portanto, busca nos estados subjetivos, revelados com base em relatos verbais, uma solução para sua pesquisa. Isso significa que Engelmann (1978) preferiu utilizar, em suas pesquisas, o termo estado subjetivo em detrimento do termo emoção.

A partir de uma busca pela literatura (PAPEZ, 1937; MARINO, 1975; DAMÁSIO, 1998; 2002), observa-se que as emoções podem ser definidas a partir de duas vertentes: a concepção neurofisiológica e a da psicologia das emoções.

A concepção neurofisiológica atribui à vivência e às respostas emocionais os estímulos recebidos e enviados pelo sistema nervoso central e pelos mecanismos corticais. Papez (1937) formulou a hipótese de que o sistema que funciona como mediador das emoções é o sistema límbico, enquanto o hipotálamo é o responsável pelas expressões emocionais.

Na abordagem neurofisiológica do comportamento, a emoção é definida como estado fisiologicamente alterado, que promove mudanças no sistema nervoso autônomo, principalmente no sistema simpático (MARINO, 1975).

Uma função biológica do sistema nervoso é o que LeDoux (1998) compreende por emoção, dando maior ênfase para o enfoque que a considera como uma função do cérebro e distanciando-se da abordagem que a estuda como estados psicológicos, independentemente dos estados cerebrais subjacentes.

Goleman (2001) aborda as chamadas “explosões emocionais” vistas como “seqüestros neurais”, tomada de poder neural, que se originam nas amídalas, estruturas situadas acima do tronco cerebral, uma de cada lado do cérebro. Segundo o autor, as amídalas atuam como depósitos de memória emocional e de seus significados.

LeDoux (1998) explica, em seus estudos, que o funcionamento dessas amídalas é responsável pelo envio das principais mensagens urgentes para as diferentes partes do cérebro. Assim, a amígdala, em uma situação de medo, é a responsável por enviar sinais e ativar o sistema cardiovascular e muscular, visando a uma reação de luta ou de fuga.

Para Hackfort (1993) as emoções são um complexo sistema de inter-relação entre o psíquico, o fisiológico e o social. Portanto, para o autor, as pesquisas envolvendo as emoções deveriam considerar fundamentalmente a interação dos processos psicofisiológicos e psicosociais.

Esta definição de Hackfort (1993) está associada à idéia de que as emoções não podem ser analisadas de forma simplista, apenas pelo lado fisiológico, ou apenas sob o

aspecto psicosocial. A emoção, comprovadamente, envolve alterações das atividades musculares e glandulares, assim como, alterações dos estados de ânimo, como, por exemplo, do humor do indivíduo.

Se levada em consideração a concepção psicológica, a emoção representa um estado de excitação do organismo. Para Whittaker (1976, p.688), a emoção era concebida como: “estado de excitação do organismo no qual a experiência pode ser leve ou intensa”.

Samulski (2002), ao se basear na psicologia do Esporte, aborda as emoções a partir de duas funções básicas: a de organizar, orientar e controlar as ações, bem como, a função energética e de ativação. A primeira implica em planificar as ações, sendo que a emoção tem papel fundamental, podendo ser crucial para que um resultado seja positivo ou negativo. A segunda, relativa à função energética e de ativação, pode, por exemplo, demonstrar que um esportista alegre participa mais ativamente de um treinamento que um desmotivado.

Damásio (2002), com base na neurociência, relaciona as emoções e os sentimentos à consciência e distingue o ato de sentir, do ato de saber que se está sentindo, concedendo um novo elemento na discussão acerca da temática – a consciência. Para o autor, porém, a emoção se estabeleceu no processo evolutivo, provavelmente, antes da consciência, enquanto o sentimento só existe sob a luz da consciência.

A diversidade de concepções associadas ao tema das emoções não se encerra com estas anteriormente apresentadas, entretanto, devido à necessidade de delimitação do estudo, o termo será genericamente relacionado à concepção de que emoção é um estado

subjetivo alterado que pode envolver, em sua expressão, os níveis fisiológicos, psicológicos e comportamentais, associados ou não, sendo desencadeadas por situações externas ou internas ao ser humano.

É patente que o ser humano sofre diversas alterações fisio-psicológicas durante os momentos em que acredita estar sob efeito de fortes emoções. Tais alterações podem ser parcialmente perceptíveis nas expressões realizadas voluntária ou involuntariamente pelo corpo. Partindo deste pressuposto, fica interessante aprofundar a temática relativa às expressões emocionais.

Goleman (2001) afirma que todas as emoções estão ligadas, em sua origem, a impulsos e a ações imediatas. Para o autor, cada emoção que se vive, predispõe a uma ação imediata. Essas emoções podem estar presentes, tanto nos comportamentos, quanto nas experiências subjetivas dos sujeitos, sendo estes, aspectos interdependentes.

As reações decorrentes de um momento de emoção podem, segundo Whittaker (1976), se apresentar de duas maneiras. A primeira é uma resposta externa apresentada por meio de uma mudança na expressão facial ou na realização de ação motora como uma agressão. O segundo tipo de resposta é interna ou fisiológica, como, por exemplo, a alteração da pressão arterial.

Schwartz (2002) relaciona a expressão emocional com os estados individuais excitados, expressos na ação motora. Para a autora, as emoções parecem ser concebidas em termos de sentimentos, preparação motora para reação, estado orgânico e estímulo externo.

Sobre a funcionalidade das emoções, Samulski (2002) explora duas vertentes: a de organização, orientação e controle das ações e a de ativação energética.

Considerando que os estados de ânimo dos atletas influenciam em seus rendimentos e na organização de seus planos de atividade, isso significa, por exemplo, que um atleta com medo poderá não render e não organizar suas ações do mesmo modo que aquele que está confiante e motivado.

Baseado no fato de que estas emoções seguem o ser humano durante toda a sua vida, não seria diferente quando este entra em contato com o meio natural. As emoções que permeiam o ser humano quando na relação com o ambiente natural serão discutidas a seguir, tendo como foco as AFAN.

3.6 EMOÇÕES NO MEIO NATURAL

Quando se trata de AFAN, um dos elementos mais recorrentes é o aspecto emocional e as ações e reações nos praticantes. É a emoção que pode mostrar a importância que aquele evento estimulador tem para o indivíduo. É por meio da emoção que ele entra em contato com o mundo e consigo mesmo, por isso, as atividades que favorecem a presença de fatores emocionais servem, inclusive, como canais para a busca da interioridade e para a fuga da rotina.

Nas atividades físicas de aventura na natureza, fica evidenciada a dificuldade de se transmitir em palavras, todas as sensações que acompanham tais eventos, como descrito por Schwartz (2002).

Marinho (2003), salientando este aspecto emocional, argumenta que as pessoas se sentem atraídas e motivadas pela busca destas emoções e pela aventura, procurando o envolvimento com práticas alternativas e criativas de manifestação no lazer,

tais como as atividades de aventura, as quais requerem o meio natural como cenário principal para sua realização. Este cenário, porém, pode não ser apenas uma pano de fundo, mas também, o ponto de partida para novas percepções em termos emocionais já que o reencontro com a meio natural transforma-se num possível re-encontro com as próprias origens. Todas estas variáveis podem influenciar na busca por estas atividades que como já argumentado anteriormente, estão se tornando um importante nicho mercadológico.

Bruhns (2003) evidencia que o aumento da demanda por essas atividades está centrado, justamente, na busca por emoções e sensações, em detrimento da procura por uma *performance* e, devido a esta causa, o termo esporte, no olhar da autora, seria inadequado para tais atividades. É explorando estes aspectos de prazer e emoção que as empresas, que oferecem este tipo de atividade, formalizam seus planos de propaganda e divulgação, buscando atrair um maior número de interessados.

Pode-se considerar que a divulgação cada vez mais constante destas atividades, na mídia e meios de comunicação, favorece um certo “modismo” e contribui para a propagação destas atividades. Cabe, então, refletir acerca de como este *marketing* funciona e qual a real mensagem que transmite ao futuro consumidor.

É neste sentido que Costa (2000) explora o universo de relações entre as atividades de aventura, o prazer, a emoção e as estratégias de *marketing* das empresas. A autora afirma que o discurso utilizado pelas empresas é sedutor e se mostra como ponto de passagem de um mundo onde habitam pessoas sem prazer e sem emoção, para um mundo paradisíaco, exuberante, de prazer e gozo. Isso pode ser facilmente verificado se

observados alguns *sites* de agências que oferecem viagens para locais como, por exemplo, Bonito, Fernando de Noronha, Pantanal, Gramado e Canela.

Pode-se, então, entender que essas agências fornecem a estas atividades uma característica mercadológica, em que o mais importante é conquistar o cliente e promover a sua permanência, esquecendo de estimular práticas que forneçam instrumentos para que ele altere o *status quo* em que está imerso, mude seu estilo de vida e estimule novos valores, inclusive os preservacionistas.

Outro tema bastante recorrente neste meio é o da aventura que se baseia em práticas fundamentadas na vertigem, na velocidade, na queda, ocasionando elementos determinantes de sensações de instabilidade, prazer e desordens procuradas, uma espécie de busca paradoxal (BETRÁN, 1995).

Esta concepção pode ser complementada por Pociello (1995) que relata o fato de que, nestas atividades, as manobras e acrobacias promovem sensações de instabilidade, medos e receios, as quais, ao invés de limitar as ações, levam à excitação, proporcionando esses momentos de prazer evidenciado também por outros autores.

Talvez estes meandros descritos por Betrán (1995) e Pociello (1995) possam representar o espírito aventureiro, ponto geralmente estimulado pelas agências, as quais acreditam que, quando a pessoa assume esta identidade (de aventureiro) aumenta a procura, dando, assim, um maior caráter consumista para a atividade e transformando-a em mais um produto de um mundo que pode, até mesmo, explorar o meio natural como forma de produzir riquezas.

Miranda *et al.* (1995) salientam que a quantidade de estímulos oferecidos por essas atividades promove maior desenvolvimento dos mecanismos perceptivos e de decisão e execução, permitindo, nessa instância, a exploração de novas sensações. São justamente as sensações e emoções que permeiam estas práticas que despertam a curiosidade de pesquisadores empenhados em compreender as AFAN, não apenas como instrumento de fuga do meio urbano caótico, mas também como instrumento de uma ressignificação do contato homem-meio natural sendo uma nova e importante opção no âmbito do lazer. Este contato permeia também os riscos envolvidos que, os participantes, se submetem ao aceitar o “aventurar-se”.

Bernstein (1997), enfatiza o risco nessas atividades e evidencia que, além de autocontrole, é necessário que o aventureiro possua inteligência, audácia e as informações necessárias a respeito da situação vivida, somente assim conseguiriam desenvolver de modo seguro e extrair certos “benefícios” da atividade.

Para Le Breton (2006) nestas atividades o risco é um simulacro, em que o que está presente é apenas a idéia, fato que o autor evidencia: “Deseja-se o risco, mas sem o risco” (LE BRETON, 2006, p.96). Este desejo pode estar relacionado, segundo o próprio autor, ao fato de procurar um reencontro com a essência da vida, em uma sociedade em que a necessidade de segurança é bastante intensa e aumenta a cada dia. As AFAN tornam-se, portanto, um meio de intensificar a sensação de presença no mundo, pois, a partir do momento em que existe a possibilidade de se perder a existência, esta acaba adquirindo valor.

Ainda que haja a proximidade com as expectativas de risco, este se apresenta de maneira parcialmente controlada, tendo em vista o teor do avanço tecnológico que envolve estas práticas, assim como a necessidade, cada vez mais premente, de segurança nas ações.

Sobre o risco, Abdalad (2001) aponta para a necessidade de calculá-lo, por meio de pesquisas que informem as condições do local de prática e dos equipamentos, além de informações sobre possíveis acidentes já ocorridos e, no caso dos turistas, uma verificação acerca da empresa escolhida, para que o praticante possa extrair o prazer da atividade e não incorrer em perigo, elemento diferente do risco, por não conter o aspecto do controle e evidenciar a possibilidade latente de acidentes.

Porém, nem todos os pesquisadores da área estão convencidos sobre a questão central que o risco tem nessas atividades. Cater (2006) se opõe a essa visão de que o risco é o principal atrativo destas atividades e coloca como ponto fundamental as emoções e o medo. Isto porque, segundo o autor, não é natural do ser humano arriscar-se e, sim, buscam pela preservação da espécie sendo, portanto, incoerente que este elemento seja o principal atrativo.

Já Ewert e Hollenhorst (1989) apontam dois tipos de risco: o imaginário e o real e verificam que o risco percebido pelos participantes de atividades de aventura depende de variáveis, da relação entre as qualidades individuais (experiência, motivação, habilidades e o conhecimento da prática) e das características da atividade (se são atividades individuais ou em grupo, em ambiente mais ou menos selvagens, entre outros). Isso significa que uma pessoa que nunca participou de uma atividade pode perceber um

risco que, na verdade, é mais imaginário que real, por outro lado, pessoas com muita experiência e habilidades nestas práticas, podem criar situações e participar de atividades mais complexas, em que o risco se torna real.

Para Ewert (1988) o medo é a reação ao fato de se perceber o risco e os perigos reais que envolvem cada prática de aventura e esta concepção, junto aos quatro estágios de uma aventura ao ar livre proposto por Mortlock (1984) (*play, adventure, frontier adventure* e *misadventure*¹), induziram Priest (1992) a apresentar o *Adventure Experience Paradigm* (AEP), que estabelece as situações da aventura levando-se em consideração a percepção de risco e de competência (habilidades) dos praticantes e seus conhecimentos acerca da atividade (ANEXO II).

O risco envolvido no AEP, segundo Priest e Carpenter (1993), envolve os riscos sociais, físicos, emocionais, financeiros e intelectuais, cabendo, aqui, o destaque para a percepção de um possível risco emocional, o qual envolve, não apenas os turistas, mas também, os guias de aventura.

Ewert (1989), um dos primeiros autores a disseminar as propostas de trabalho com as AFAN, aponta que a própria emoção do risco é um dos critérios definidores da aventura, evidenciando a busca por atividades com alguma ameaça. Essa emoção pode estar relacionada com o prazer sentido e descrito por praticantes de AFAN, que desejam o risco e buscam-no por intermédio de atividades específicas.

¹ Tradução Livre do Autor para os termos: Brincadeira, Aventura, Limite da Aventura, Desventura.

Esse risco desejado também foi preconizado por Machlis e Rosa (1990), os quais observaram, nesses eventos, as incertezas relativas aos resultados, aspectos fundamentais e propositais no comportamento de adesão de indivíduos a estas práticas.

Outro elemento muito presente nestas atividades e apontado por Ferreira (2000) é a ansiedade. Para ele, a ansiedade é como um estado emocional angustiante, que vem acompanhado de alterações somáticas, em que se prevêem situações desagradáveis, reais ou não.

Para que o indivíduo possa enfrentar as tensões com bom rendimento e com determinado nível de segurança, é necessário que ele tenha estabilidade emocional, como foi enfatizado por Thomas (1983). O controle das emoções ajudará o atleta, competidor ou praticante a superar as situações inesperadas, as quais podem gerar fortes emoções, às vezes, negativas ou prejudiciais, pelo fato de ocorrer o descontrole das mesmas. Estas situações inesperadas são ainda mais presentes nestas atividades junto à natureza, principalmente devido ao fator surpresa a elas associadas.

Essas emoções podem ser de ordem primária, como a alegria, a raiva e o medo e, geralmente, estão relacionadas à busca de algum objetivo. Além das emoções primárias, também existem aquelas ligadas à estimulação sensorial, as quais podem ser qualificadas como agradáveis ou desagradáveis; as emoções ligadas à auto-estima, como o orgulho e a vergonha e, também, as emoções associadas à relação com outras pessoas ou coisas, como o amor, o ciúme e o ódio.

Percebe-se, então, que as emoções estão presentes durante toda a atividade. Afinal, o medo de enfrentar o desconhecido, a alegria de superar uma queda e de chegar até

o final da atividade com segurança, a agradável sensação de entrar em contato com a natureza e o orgulho de superar os próprios medos e receios, são algumas das emoções e sensações que permeiam estas vivências.

A própria situação de se sentir dominador de um ambiente e conquistar aquele espaço pode estar presente nestas atividades e, para Tuan (2005), à medida que o ser humano aumenta o seu poder e sua dominação sobre a natureza, diminui o medo que sente por ela. Mas, será que se consegue realmente ter algum poder sobre a natureza, ou seria apenas uma ilusão? Sousa (2004) aborda este aspecto ao afirmar que quando se termina um *Rafting*, os praticantes sentem como se tivessem domado o rio.

O modo como se consegue expressar ou demonstrar estas emoções e as relações destes atos com os pensamentos sobre o que se vivenciou também auxiliam na compreensão dos estudos sobre os estados emocionais.

3.7 EXPRESSÃO EMOCIONAL

As emoções podem ser expressas sob as formas direta e intencional, ou por meio de formas involuntárias de comportamento. Muitas vezes, as emoções se revelam por meio da fala, da escrita de movimentos expressivos, como risadas, gritos, choro ou gestos. Muitos dos gestos que o ser humano realiza como forma de expressão ou comunicação foram explicados por Darwin (1872). O fato de negar alguma coisa, por exemplo, por meio do gesto de sacudir a cabeça de um lado para o outro, remonta à infância, quando se rejeita o leite materno.

Para Woodworth e Marquis (1977), expressões emocionais como o riso e o choro, não são aprendidas e outras são adquiridas por imitação. Para os autores, as crianças aprendem a moderar suas emoções e a escondê-las. Porém, em muitos casos, é inevitável expor as emoções e, por mais que as pessoas tentem “maquiá-las”, depois de um susto é difícil conter o grito ou o sobressalto e a expressão facial de medo.

A Expressão pode ser compreendida, também, como enfatizado por Marino (1975), como a tradução da experiência emocional, por meio de experiências somáticas e autônomas, que podem ser externas ou internas.

O relato verbal é outro método para expressar uma emoção, do qual Engelmann (1978) fez uso para compreender os aspectos emocionais. Para o autor, o relato verbal é a ocorrência de um acontecimento não observável, sendo capaz de indicar ocorrências imediatamente anteriores, como relativamente remotas.

O uso da voz como expressão emocional é tão importante quanto os gestos e a fala é tão expressiva quanto o canto, por ter a liberdade de assumir diversos tons, conforme a emoção a ser expressa (WOODWORTH; MARQUIS, 1977). Essas características podem ser observadas com clareza nas atuações de atores de cinema, teatro ou televisão, que necessitam passar para o público, com base em falas e gestos, a emoção que o personagem interpretado está vivenciando.

Para Bonow (1978), o comportamento emocional pode ser expresso, não só por gestos ou pela voz, mas, também, pela postura adotada, o que torna a expressão das emoções algo ainda mais complexo e com um possível destoar de interpretações, tendo em vista as múltiplas variáveis que podem ser representativas para uma análise.

Portanto, todo o movimento corporal pode ser visto e analisado como expressão dos sentimentos e das emoções, assim como, o movimento pode influenciar nas emoções. Rebel (2002) afirma que as ações do corpo podem provocar a liberação dos sentimentos, livrando as pessoas de uma possível “congestão agressiva”, que seria o embotamento destas emoções, possíveis causadoras de doenças psico-somáticas.

Nestas emoções que permeiam a existência está o medo, um dos focos deste estudo, sentimento que ainda é estereotipado pelo senso comum como algo ruim ou desagradável. A literatura adotada para esta pesquisa buscou embasar e facilitar a compreensão deste assunto do universo emocional.

3.8 MEDO

O medo está presente em diversas situações e momentos do cotidiano das pessoas, porém, em muitos casos, estas só conseguem senti-lo em situações de extremo perigo, em que se deparam com a necessidade de preservação da sobrevivência, ou após passarem por situação de risco.

Roazzi, Fredericci e Carvalho (2002) argumentam que o medo, geralmente, é visto e interpretado como uma emoção negativa, entretanto, pode-se tomá-lo, também, como uma emoção positiva, se considerada a função de alerta e proteção contra situações potencialmente perigosas. Sendo um instinto primitivo presente em todos os seres humanos, o medo é o responsável pelo alerta de que algo diferente ou estranho, que ameaça o bem-estar, está acontecendo ou irá acontecer.

Tuan (2005) confirma esta hipótese, indicando que o medo é um sentimento complexo e formado por dois componentes: o sinal de alarme e a ansiedade. O sinal de alarme, exposto pelo autor, está relacionado com o acontecimento de eventos inesperados e impeditivos no meio ambiente, enquanto a ansiedade acontece, geralmente, quando se está desorientado, longe de seu território e de objetos e figuras conhecidas. Para o mesmo autor, o medo, existe na “psique”, mas, tem origem nas ocasiões externas realmente ameaçadoras.

Esta posição do autor tende a reforçar a dualidade tão combatida entre mente e corpo e, por representar um desafio considerável, requer uma discussão mais aprofundada, a qual, entretanto, não será alvo deste estudo.

Grey (1976) trata o medo como estado hipotético do cérebro, ou do sistema neuro-endócrino, estimulado sob certas condições e que promove certas formas de comportamento. O autor foge da idéia de se considerar o medo como estado da “mente” e abarca as concepções de medo como estado do sistema neuro-endócrino. Ele afirma que um animal com medo tende a agir de três formas: congelar, permanecendo estático e silencioso; lutar e usar seu ímpeto para escapar da situação que o amedronta; ou ele pode aprender algo novo, que fará com que ele se livre da situação ou a rejeite no futuro.

Compreender estas ações diante de uma situação de medo pode facilitar uma melhor observação das reações, as quais, muitas vezes, não conseguem ser expressas com clareza mediante a fala ou a escrita.

Porém, como conseguir perceber esta emoção sem ter uma confissão do personagem envolvido?

Difícilmente se consegue afirmar que a pessoa sentiu ou está sentindo medo sem ter uma confissão. Porém, pode-se chegar a suposições bastante próximas, se analisadas algumas características. Uma delas é a expressão facial dos envolvidos, produzidas, durante um momento de medo.

Em 1872, Charles Darwin publicou um livro chamado *The Expression of the emotion in Man and Animal*. Neste livro, o autor sugere três princípios que poderiam facilitar a compreensão das expressões. O primeiro princípio está relacionado aos hábitos associados à utilidade. Essa concepção seria a de que as expressões faciais poderiam ser reflexos de atividades primitivas importantes para a sobrevivência. Portanto, baseando-se nesse princípio, o ato de afastar os lábios poderia ser referência ao gesto de morder. O segundo princípio é o da antítese, segundo o qual dois comportamentos contrários apresentam expressões, também, opostas. O terceiro princípio é o da ação direta no sistema nervoso, que pode ser exemplificado, segundo a teoria, como a ereção dos pêlos.

Em situações de medo, o sangue irriga os músculos do esqueleto e das pernas, facilitando a fuga; o rosto fica pálido (devido à diminuição da circulação sanguínea), o corpo imobiliza-se por um breve momento, talvez para que a pessoa considere as possibilidades de agir, correr ou se esconder. Os centros emocionais do cérebro liberam hormônios que alertam o corpo, tornando-o inquieto e pronto para agir, existe um aumento na atenção para que se perceba a ameaça e se decida a resposta (GOLEMAN, 2001).

Porém, deve ficar claro que estas reações biológicas podem sofrer alterações, com base no condicionamento, da experiência ou da cultura. Isso significa que o modo

como o ser humano exhibe os medos, pode ser moldado pela cultura, afinal, ele ainda é visto como uma fraqueza humana passível de zombaria, pelo senso comum.

Segundo Hongler (1988), o medo surge sempre que o indivíduo se encontra em uma situação julgada por ele mesmo como ameaçadora. Sendo assim, o medo é considerado um estado emocional desagradável.

Porém, observando-se por outra ótica, o medo, como já dito anteriormente, pode ser considerado como mecanismo de defesa, que é amenizado pelas ações adequadas para o momento, como a fuga e a agressão, ou por meio de conhecimento sobre os fatos que ocorrem ou que ocorrerão (HUBER, 2000).

Esse mesmo autor enfatiza que a psicologia utiliza este termo para caracterizar diversas emoções baseadas na expectativa, na imaginação e na percepção, correlacionadas a uma excitação, que leva o indivíduo a uma sensação desagradável, podendo ser subjetivamente sentido como momento de tensão, de nervosismo, opressão ou apreensão.

May *et al.* (1966) afirmavam que o medo nunca está sozinho, pois sempre está associado à esperança, à coragem ou um desejo, que, sendo muito intensos, encobrem ou relevam os medos.

Hongler (1988) apresenta três níveis de reação do medo: o fisiológico, o motor e o verbal. O primeiro nível é caracterizado por alterações bioquímicas e fisiológicas, como, por exemplo, alterações na frequência cardíaca e respiratória, na pressão sanguínea e na atividade cerebral. No nível motor, as alterações ocorrem através de contrações musculares, traduzidas em ações não verbais, como gestos e expressões, que

tentam modificar ou terminar com a situação estressante. O terceiro nível é o verbal, que compreende os mecanismos cognitivos, perceptivos e emocionais que o ser humano utiliza para se expressar verbalmente. Tais reações podem, em alguns casos, ser percebidas por uma observação atenta.

Outros três níveis de resposta ao medo são apresentados por Huber (2000). O autor cita as reações fisiológico-somáticas, subjetivo-cognitivas e de conduta. No nível fisiológico-somático, o organismo está se preparando para uma reação emergencial, por meio de uma estimulação do sistema nervoso simpático, do aumento da secreção de adrenalina (constante em situações que envolvem medo e excitação) e da frequência cardíaca, além da dilatação das pupilas. Em seguida, o sistema parassimpático reage, visando à manutenção das respostas somáticas ao medo, pelo período necessário. O sistema parassimpático é ativado para que as respostas somáticas não sejam prejudiciais, fisiologicamente, ao organismo estressado.

O segundo nível de resposta ao medo é o subjetivo-cognitivo, levando em consideração a influência do aspecto cognitivo sobre os comportamentos e estado físico do organismo. A reação fisiológica do medo provoca percepções cognitivas, juízos de valores, sensibilidade na percepção e pensamentos, pois, o simples fato de se pensar na situação de que se está com medo, já é o suficiente para provocar reações físicas.

O terceiro nível diz respeito às alterações de conduta, em que o indivíduo, consciente ou inconscientemente, irá evitar as situações que ele sabe, ou imagina, que despertarão medo. Esta tese, porém, foi alvo de discussão, tendo em vista uma possível

tendência pela busca do medo e do risco, personificados como desafios propostos nas AFAN.

O medo, porém, não deve ser nem pouco, nem muito acionado, uma vez que, o sistema de alarme e de resposta natural pode perder sua eficácia. Isso significa que os sistemas de defesa devem funcionar sempre e somente em momentos necessários, evitando gastos mental e energético desnecessários. Esta emoção, por não ser completamente aceita pela sociedade como forma expressiva natural de ambos os sexos, sendo, em muitos casos, visto como sinônimo de fraqueza e de derrota, pode gerar comportamentos que exercem a função, consciente ou inconscientemente, de mascarar suas reações e camuflar suas conseqüências.

Três comportamentos são descritos por Huber (2000) como possíveis maquiadores do medo, sendo eles: a submissão, o almejo por poder e notoriedade e a agressividade. A submissão demonstra um indivíduo sem suas pretensões bem definidas e fará com que ele renuncie à sua auto-afirmação e despreze as representações que tem de si. Para outros, o poder visto como superioridade social é a solução para que ele não demonstre suas fraquezas e seus sentimentos de inferioridade, procurando em si as imagens projetadas por suas idéias e convicções. Por fim, tem-se a agressividade, que procura compensar a debilidade e a inferioridade do agressor, o qual, não conseguindo se impor perante os outros por meio de valores positivos, busca na violência um meio de se mostrar como pessoa para a sociedade.

Baker (2001) procura sistematizar o medo dividindo-o em três quadros, sendo o primeiro relativo à avaliação do perigo, o segundo indicando as emoções e

sensações provocadas pelo medo e a terceira apontando as respostas ao medo. Essa subdivisão se justifica a partir da percepção de que em um primeiro momento, antes que o corpo registre o medo, é necessário que ele reconheça uma situação de perigo e, isso, para o autor, significa “avaliar” o perigo.

É a partir da análise desta situação que as emoções e sensações do medo, como a sudorese, aceleração cardíaca, náuseas e tensões, apresentam-se. Essas emoções e sensações se desencadeiam automaticamente uma vez reconhecido o perigo. Após a percepção destas emoções e do sentimento do medo é que se constrói uma reação, que podem ser, por exemplo, a fuga, a luta ou o congelamento.

LeDoux (1998) confirma o primeiro quadro exposto sobre a avaliação do perigo, indicando, que a sensação de medo é uma consequência da atividade do sistema neural, que indica uma situação de perigo e que atua de forma inconsciente, remetendo-se a Freud (2004) que revelou, de forma inédita, que o inconsciente é a sede das emoções.

Machado (2006) vai além e enfatiza que, quando o medo é desproporcional, a ameaça irracional, com sinais de perigo e ativador de sistemas preventivos às situações causadoras de medo, então ele se denomina fobia. Esta fobia é um medo interno e específico, o qual, por meio de manifestações como vertigens, pânico, palpitações e sudorese, são exteriorizadas.

Este medo interno pode estar presente também nas AFAN que, por serem vivências pouco rotineiras e por dependerem de variáveis como o clima e por proporcionarem a aventura e o risco, acabam fazendo com que o homem re-descubra as suas emoções, entre elas, o medo.

Nos estudos de Sousa (2004), pode-se perceber que muitos praticantes de *Rafting*, em suas primeiras descidas, tiveram medo de enfrentar o desconhecido, mas não desistiram, talvez, como evidencia a autora, pela necessidade de liberação do espírito aventureiro. O medo é, nesse caso, um instinto primitivo, que alerta que algo de diferente está acontecendo, não possuindo intensidade suficiente para limitar as ações.

Em Carnicelli Filho (2005) aparecem resultados indicadores de que, até mesmo os instrutores sentem medo, no caso específico do *Rafting*, devido às alterações do nível da água durante uma descida. Isto implica que esta emoção não pode ser considerada em um contexto único, mas também, nas variáveis que podem alterar uma possível rotina. No caso deste estudo os guias mostraram-se receosos, justamente quando o *status quo* se alterava, colocando-os em estado de preocupação, alerta e medo, com relação ao sucesso da tarefa.

Porém, é importante diferenciar os tipos de medo e Machado (2006) aponta três grandes grupos que são: medo e angústia, “medrosismo” e medo como prazer. O primeiro grupo refere-se a mudanças, como agitação física, expectativas e pensamentos negativos ou de superação do perigo, além, de uma prontidão para agir. O segundo grupo pode ser compreendido como uma tendência ao medo, sendo uma característica da personalidade observada, principalmente, na infância. O terceiro grupo ocorre quando uma experiência de perigo e medo é transformada em excitante e estimulante.

O mesmo autor elabora, ainda, uma lista de seis tipos de medo, os quais ocorrem com maior frequência no mundo esportivo, são eles: medo realístico, medo do desconhecido, ansiedade, medo ilógico, medo divertido e medo do fracasso. O medo

realístico está ligado às situações em que o atleta corre risco de sofrer alguma lesão, sentir dor ou, até, morrer. O medo do desconhecido se dá ao realizar alguma atividade inédita ou em algum lugar desconhecido e que, devido às incertezas da situação, podem provocar medo.

A ansiedade, para o autor, é vista como um medo indefinido, difuso ou crônico e que ocorre em uma situação sem causa específica, sendo expressa por um sentimento de que algo de diferente irá acontecer. O medo ilógico está relacionado a uma causa específica externa, como o de acreditar que não se consegue realizar determinada atividade na frente dos pais, é um medo relacionado a pensamentos ilógicos. Medo divertido é definido pelo autor como aquele que surge em situações que produzem excitação. Por último, o medo do fracasso caracteriza-se pela busca do sucesso evitando constrangimentos. O temor do fracasso pode ser derivado de ansiedades externas, que influenciam o estado de ânimo do indivíduo.

Outra visão, mais filosófica, acerca do medo é apontada por Stocker e Hegeman (2002), indicando que as pessoas que sentem medo observam o mundo por meio de uma perspectiva de possibilidades, em que as coisas podem melhorar e a esperança está presente durante todo o processo. Percebem o mundo com base em um ponto de vista ativo, deixando de lado o expectador passivo e desinteressado e enxergam possibilidades efetivas de alterar a situação que estão vivenciando. Essa personalidade contrasta, sobretudo, com aquela da pessoa petrificada, imóvel, passiva, a qual, geralmente, está condicionada a uma situação de terror que se diferencia daquela de medo.

Neil (1975), baseando-se nas teorias freudiana e reichiana, separa os medos racionais, naturais e salutareos, daqueles irrealis e doentios, os quais podem estar imersos no inconsciente e que foram impostos em determinadas situações da vida, pelo fato de se acreditar ser muito mais fácil viver com crianças que têm medo dos adultos, que com crianças que os amem e demonstrem seus sentimentos de afeto, porque, quando temem, as crianças dão amplo espaço para que se faça o que se quer com elas.

É possível que uma criança criada em um ambiente no qual o medo não é imposto nem favorecido, ainda assim, carregue com ela alguns temores, pois é difícil compreender o grau de influência nas condições pré-natais e o quanto uma gestante pode contagiar o feto com seus próprios medos.

Relacionando com as AFAN, Cater (2006) enfatiza que é o medo e não o risco o atrativo principal, conforme já especificado anteriormente, e que os participantes “jogam” e “brincam” com seus próprios medos. Isso implica, na sua concepção, que o risco é algo que inibe as pessoas na prática dessas atividades, pois, quando estas sentem que correm riscos, logo essas atividades deixam de ser estimulantes, principalmente devido à preocupação com a possibilidade de se machucar ou morrer.

Para compreender estes medos de forma mais precisa é necessário observar suas origens e verificar se estes medos são inatos ou adquiridos para, a partir daí, compreender sua atuação junto ao ser humano.

3.9 MEDO INATO E MEDO ADQUIRIDO

Quando se abordam os aspectos do medo, é necessário saber suas origens e sua evolução. Portanto, torna-se importante promover uma reflexão sobre os estímulos que podem originar o medo adquirido de forma inata e a influência que a hereditariedade e o meio ambiente podem ter na susceptibilidade do indivíduo ao medo.

Em 1924, Watson salientava que os estímulos inatos são aqueles capazes de provocar o medo sem que se perceba a periculosidade ou a nocividade, podendo ser, por exemplo, um forte barulho, uma dor, ou a perda de um apoio. Isso pode implicar na suposição de que todos os estímulos que produzem medo tenham adquirido este poder por intermédio do condicionamento clássico, entendido, aqui, como a associação de um estímulo neutro, com um estímulo repleto de significado biológico, que leva esse estímulo neutro a se tornar condicionado, produzindo uma resposta condicionada.

É comum que se julgue que o animal, quando pequeno, não mostre sinais de medo a um determinado estímulo, porém, o medo aparece tempos depois dele ter aprendido que esse estímulo é perigoso.

Contudo, Gray (1976) afirma que os sistemas neurais dos animais pequenos podem, ainda, não estar em completo desenvolvimento, sofrendo, ao passar para a vida adulta, um processo chamado maturação.

Tal afirmação é corroborada por Tuan (2005), o qual enfatiza que crianças com até dois anos, geralmente, olham cobras sem sentir medo, porém, esse medo aumenta aos quatro anos e se manifesta, de forma ainda mais intensa, aos seis anos, mantendo-se

para a vida adulta. Este exemplo mostra com clareza o processo de maturação vivida pelos seres humanos por meio de uma aprendizagem, que pode ser natural ou cultural.

Gray (1976), ao incrementar a teoria watsoniana procurou incluir todos os estímulos de medo em quatro princípios fundamentais, sendo: intensidade, novidade, perigos evolutivos especiais e estímulos da interação social. Um forte ruído, por exemplo, é um dos estímulos relacionados à intensidade. A intensidade também pode estar presente no medo provocado pela dor, por luzes fortes ou por ventanias.

Já o medo de estranhos é um dos medos da novidade, presente em diversos animais filhotes. A própria falta de estímulo poder ser bastante surpreendente, a ponto de provocar medo. Isso se dá quando o estímulo, que se está acostumado a receber sempre em determinada hora e lugar, não acontece, provocando o medo de que algo diferente venha a ocorrer.

O perigo especial evolutivo está associado a acontecimentos que ocorrem em determinada espécie e que provocam a eliminação de grande parte de seus membros, sendo esperado, então, que os indivíduos restantes comecem a desenvolver um medo, que pode se tornar inato, daquela situação. Esse princípio pode ser o responsável pelo medo que se desenvolve, nas espécies, de seus predadores.

O último princípio está envolvido com a interação social dos membros da própria espécie. Tal espécie de estímulo é, possivelmente, resultante das formas de relações sociais, tais como, o domínio e a submissão, de ordem e desordem.

Porém, aos princípios de estímulos relativos à novidade e intensidade, parece que o homem consegue se adaptar com maior facilidade, tendo em vista que não carregam

possíveis conseqüências funestas, já que essas características propiciam um campo de aprendizagem maior.

Machado (2006) confirma tais teses ao citar características do medo, as quais podem ser adquiridas e mantidas por meio dos princípios do condicionamento clássico da reação de medo e o reforço instrumental de reação de fuga motora. Além disto, o autor avança, ao afirmar que, em idade progressiva, o medo pode ser descondicionado, pela associação destes às experiências prazerosas, que se contrapõem a situações traumáticas.

3.10 ASPECTOS NEURAIIS DO MEDO

Para se ampliar a compreensão do assunto até agora tratado, torna-se importante abordar a neurofisiologia que envolve o medo.

Observando o cérebro, deve-se levar em conta, para o estudo do circuito neural do medo, duas partes fundamentais, sendo a primeira a amígdala cortical e a segunda, o neocórtex. A descoberta da importância dessas partes do cérebro no desenrolar do medo nas pessoas, foi feita por LeDoux (1991), o qual observou que as informações captadas pelos sentidos passavam primeiro pelo tálamo, depois seguiam por duas vias. Um feixe de neurônios leva as informações diretamente à amígdala cortical e o segundo feixe leva as informações, primeiro para o neocortex, para depois, serem encaminhadas para a amígdala.

Isso acontece porque é necessário que a amígdala receba as informações, mesmo que sem muita precisão, antes e, se uma resposta de emergência for necessária, o processo não seja lento demais.

O neocortex serve, então, para que a informação seja analisada de forma mais adequada e comparada com as experiências já vividas para que nenhuma conduta seja tomada por impulso (GUYTON; HALL, 2002).

Goleman (2001) afirma que o hipocampo retém a informação, enquanto a amígdala busca verificar se essa informação tem valência emocional. O mesmo autor denomina o neocórtex como “administrador das emoções”, pois, é por meio de uma de suas estruturas, o córtex pré-frontal, que ele amortece as ondas cerebrais e controla o sentimento. Portanto, as ligações entre o sistema límbico, entre eles, a amígdala, e o neocórtex são os centros de “relacionamento” entre o pensamento e o sentimento, a cabeça e o coração.

Outras emoções e sensações, como a de prazer, provavelmente possuem as mesmas origens e podem ser resultantes destas interações.

3.11 PRAZER

O prazer, por si só, pode compreender diversas conotações, tanto no aspecto positivo, direcionando a sua concepção como sensação agradável, quanto no aspecto negativo, já que a sociedade ainda condena pessoas que levam suas vidas baseadas no prazer, principalmente se focalizado o prazer carnal.

Já, nos antigos filósofos, pode-se perceber, por exemplo, em Platão (1996), em sua obra *Filebo*, escrita em 360 A.C., que o prazer ocorre quando se estabelece a harmonia dos elementos que compõem o ser vivo, enquanto a dor acontece quando estes elementos estão comprometidos.

Para Kant (2006), o prazer é o sentido do incremento da vida, enquanto a dor é o impedimento dela e a vida animal é um contínuo jogo de antagonismo entre prazer e dor, sendo que esta última tem primazia.

Schopenhauer (2001) é ainda mais pessimista ao afirmar que viver é querer e querer significa desejar e o desejo implica na ausência do que se deseja e, portanto, torna-se dor. O prazer, nesta concepção, representa apenas um momento de trânsito, sendo a simples cessação da dor.

Abbagnano (1962) diferencia o prazer de felicidade, ao enfatizar que o primeiro é o indício de um estado ou condição particular ou temporânea de satisfação, enquanto a felicidade é um estado constante e duradouro de contentamento total ou quase total. Ele aponta duas concepções de prazer durante a evolução da filosofia, sendo uma a teoria positiva do prazer, que envolve pensadores como Hobbes e Nietzsche, e a teoria negativa, da qual o principal expoente é o já citado Schopenhauer.

Na perspectiva mais voltada ao psiquismo apresenta-se um dos discípulos de Reich, Alexander Lowen (1970), o qual define o prazer como a origem de todos os bons sentimentos e pensamentos, representando a força criativa da vida. O autor enfatiza que pessoas que não vivenciam experiências prazerosas tendem a desenvolver atitudes autodestrutivas. Para ele, o prazer é um modo de ser, é um fluxo de sentimentos que devem fluir de forma livre e espontânea, com uma diminuição da autoconsciência.

Esse autor, ao mesmo tempo em que enfatiza as experiências prazerosas como essências na vida das pessoas, aponta para a problemática do prazer imediato, vivido na sociedade do consumo e indica como uma das razões de não se ter prazer, o fato de se

tentar a diversão com coisas sérias e de se levar a sério as atividades que são apenas diversão. Para ilustrar este aspecto, Lowen (1970) afirma que simples jogos de cartas ou de bola, que deveriam ser praticados como diversão para se passar o tempo, são encarados, muitas vezes, pelos participantes, como um caso de vida ou morte, em que se atribui um forte significado ao resultado, o que afugenta o prazer. Em compensação, atividades como sexo, ingestão de drogas ou direção de automóveis em alta velocidade, que deveriam ser levadas mais a sério, são vistas como mera diversão em busca de prazer.

Portanto, o prazer é elemento fundamental nas vivências emocionais, demonstrando que exerce, além do papel psicológico, um reflexo nas ações das pessoas, que buscam muitas vezes, especialmente em momentos dedicados ao lazer, a agradável sensação de prazer não encontrada no cotidiano das obrigações.

Essa relação entre o prazer e o lazer está presente nas reflexões de Gutierrez (2001), o qual denota o prazer como uma categoria fundamental para a pesquisa do lazer, pois, segundo ele, o lazer não existe sem que exista antes uma expectativa de realização de alguma forma de prazer. Com essa afirmação, fica evidente que o lazer depende, de forma imprescindível, do prazer, sem que, necessariamente, todos os momentos de prazer estejam associados apenas ao lazer.

Relacionando com este ponto Lowen (1970) afirma que, para uma atividade ser divertida, ela deve proporcionar prazer. Pode-se concluir que o lazer, primeiramente, deve proporcionar prazer, para, então, poder ser considerado uma diversão. Entretanto, o trabalho que, por exemplo, não é considerado como uma atividade divertida, pode também

proporcionar prazer. Para o autor, pode-se sentir prazer nas circunstâncias comuns da vida, pois o prazer é um modo de ser.

Szasz (1976), abordando conceitos da psicanálise, considerava o prazer como um afeto derivado e que reflete processos fisiológicos, estando relacionado com momentos corpóreos, atribuídos, geralmente, a algo erótico. Apesar desta conotação erótica do prazer, o autor cita como possíveis geradores deste estado emocional os relacionamentos humanos e os eventos sociais. Nesse aspecto, abre-se espaço para considerar o prazer como um estado mais complexo, que envolve as relações dependentes do organismo e do ambiente.

É possível que a desvalorização das atividades geradoras de prazer, no contexto social, tenha suas raízes nesta associação direta do prazer com os aspectos eróticos, cuja expressão sofreu grande desestímulo, especialmente por instituições sociais como a família e a igreja, ao longo da história da humanidade, gerando campos de resistência importantes, como o movimento *hippie*, ou a liberação sexual feminina, quando do advento da pílula anticoncepcional.

O prazer diretamente associado ao erotismo deve ser relativizado, tendo em vista a amplitude muito maior cabível ao termo. Da mesma forma, a associação direta do lazer ao prazer é inevitável, entretanto, este último não deve ser a única forma de caracterizar o primeiro, para que as ações criminosas, delinquentes, ou doentias, como o sadismo (cometer crimes ou atos violentos por simples prazer), por exemplo, não sejam consideradas atividades do contexto do lazer.

Csikszentmihalyi (1992) descreveu o prazer como uma sensação de contentamento, que se atinge sempre que a informação da consciência diz que as expectativas estabelecidas pelos programas biológicos, ou pelo condicionamento social foram satisfeitas, concepção que será adotada para este estudo.

Apesar disso, o prazer, para o autor, não traz, por si só, a felicidade, ele é apenas uma experiência homeostática, a qual pode estar relacionada com outros aspectos como dormir, comer, descansar e amar. Esta definição pode ser considerada mais completa, por compreender, além do aspecto social, também os aspectos biológicos, fornecendo uma visão mais global ao tema.

A concepção de prazer deste autor está intimamente relacionada com a experiência de fluxo (CSIKSZENTMIHALYI, 1999) que é considerado como o “êxtase”, o momento principal, o “auge” da atividade. Este estado de fluxo é a experiência ótima, vivenciada quando existe um equilíbrio entre a capacidade do indivíduo e a oportunidade de ação, independente do contexto, considerando, assim, tanto o trabalho, quanto o lazer.

Porém, estas sensações prazerosas, por estarem associadas ao modo e ao estilo de vida do ser humano, alteraram-se com o passar dos anos, mesmo porque, os momentos dedicados ao lazer e a quantidade de tempo disponível, possíveis facilitadores de vivências prazerosas, sofreram alterações significativas.

Alguns estudos, como o de Betti (1992), apontam para o advento da era industrial como principal dissipador do prazer, devido, principalmente, ao aumento das horas de trabalho, aos baixos salários e à divisão extremada dos serviços. Com base neste modo de vida imposto pela primeira fase da industrialização, o ser humano reivindicou por

maior equilíbrio na distribuição do tempo de trabalho e dos momentos de tempo livre, assegurando os avanços sociais, os quais permanecem importantes até os dias atuais. Porém, mesmo com o aumento do tempo livre, o homem ainda se sentia preso por uma sociedade que o oprimia e que oprimia suas emoções, sensações e vontades.

Retomando as observações freudianas evidenciadas por Gutierrez (2001), com base nas quais se julga que a vida é demasiado pesada, por fazer com que o ser humano se depare constantemente com sofrimentos, decepções e ações impossíveis, o autor enfatiza a necessidade da busca por alternativas que tornem suportável esse viver, salientando a expectativa de vivência de verdadeiros atalhos para o prazer e para a felicidade, os quais, embora presentes no meio social, são sensações por demais fugazes e inconseqüentes. Porém, mesmo com esta afirmação do autor de que essas sensações são fugazes, é inevitável observar que as mesmas são importantes e representam possíveis motores estimulantes da vida humana.

Schwartz (2002) apresenta o prazer e a busca pela aventura e pela emoção como elementos potenciais na perspectiva de mudanças atitudinais, sendo capazes de interferir, inclusive, nas mudanças de estilos de vida.

A presença de aspectos como a energia, a ação e o encontro com o desconhecido, fornecidos pelo meio natural, tende a facilitar vivências de maior prazer durante as práticas das AFAN, se comparadas com outras modalidades esportivas convencionais.

Cater (2006) evidencia que estas atividades estão fundamentadas no prazer e na alegria e que é por isso que o risco não pode ser o principal atrativo, já que este, algumas

vezes limita as sensações prazerosas e as vivências emocionais destas práticas. Isso porque, colocar-se em risco, segundo o autor, não é natural da espécie, que busca, sempre, a preservação.

Ao contrário, Le Breton (2006) revela que estas atividades, ao associar criatividade e prazer, provocam um sentimento de júbilo, o qual aumenta e se desenvolve com a presença do perigo. Com base nesta ótica, as próprias vivências emocionais, mesmo envolvendo o medo e a angústia, podem ser prazerosas.

3.12 O PRAZER DO MEDO E O MEDO DO PRAZER

Pode-se afirmar que o medo faz parte das AFAN, porém o que torna inquietante é o porquê da procura por esse medo e as suas relações com as demais emoções vivenciadas nestas atividades, como o prazer de sentir medo. Essa relação entre medo e prazer, passa, segundo Lowen (1970), pelo aspecto da dor. Segundo o autor, o medo do prazer é medo da dor, não apenas da dor física que o prazer causa no corpo rígido e contraído, mas também, da dor psicológica da perda, da frustração, da humilhação em não se alcançar os objetivos esperados.

Reich (1995) também presta colaboração acerca desta imbricada relação entre prazer e medo descrevendo o medo que o masoquista tem do prazer, como se fosse um medo de estourar, se a excitação se tornar forte demais. O autor também apresenta um masoquismo “moral” que representa a disposição psíquica que está vinculada à auto-humilhação e a procura inconsciente pelo sofrimento e pelo fracasso que se aliam paradoxalmente ao prazer.

Para Reich (1995), todo tipo de medo poderia se associar a uma angústia genital e a uma angústia de orgasmo. Para o autor o desejo da desintegração e o medo da morte estão unidos pelo desejo inconsciente de uma solução para a angústia orgástica. Essa angústia do orgasmo nada mais é que o medo do ego à excitação plena do sistema genital e deve-se ao fato de se desconhecer a experiência do prazer pleno.

Portanto, o medo e o prazer transitam em diferentes esferas e perpassam diferentes modos de expressão e enfoques, podendo-se alcançar o prazer tendo-o como objetivo, ou, apenas, como mera consequência. Se buscado como objetivo, pode-se ter o medo de não alcançá-lo, de decepcionar-se consigo próprio, ou, até mesmo, de decepcionar os outros. Pode-se ter medo das reações que se terá ao entrar em estado de prazer, ou, de se sentir incapaz de alcançá-lo, sentindo-se diferente e com menos valor que os outros.

O prazer como consequência, talvez, possa ser sentido de forma mais pura, não é apenas algo momentâneo e não é, necessariamente, alcançado pela diversão e pela felicidade, como enfatiza Lowen (1970), ele não é um sentimento fugaz, mas, ao contrário, traz consigo um profundo senso de realização e, até mesmo, de satisfação.

Para MacFarlane (2003), a grande responsável por ver que o prazer poderia ser experimentado no medo foi a doutrina intelectual criada no século XVIII e conhecida como Sublime. Essa corrente estava ligada à Estética e se opunha aos neoclássicos. O Sublime procurava compreender e, até mesmo, apreciar os profundos sentimentos despertados na mente humana, por “coisas” que intimidavam, amedrontavam, mas, ao mesmo tempo, proporcionavam um prazer pouco compreensível.

Segundo esse autor, essas “coisas”, se fossem muito grandes, muito altas, muito rápidas, muito obscuras, ou muito poderosas, representavam muito para serem compreendidas e inspirava no observador uma mistura de prazer e terror. Esta concepção se aproxima, assim, da compreensão acerca do fascínio que as altas montanhas, a profundidade dos oceanos, a velocidade dos rios e a imensidão do céu, imprimem ao ser humano, despertando sua curiosidade.

Abbagnano (1962) afirma que um dos significados do sublime é o de ser um prazer que provém da imitação de uma situação dolorosa, noção que vem do conceito aristotélico de tragédia. Sendo que o terror, a dor em geral e as situações de perigo são as causas do Sublime. Neste sentido Burke (citado por Abbagnano, 1962) acredita que o prazer provém do movimento que a dor e o terror provocam na alma, quando são libertados do perigo real de destruição.

Além destes dois aspectos pode-se refletir, também, acerca da possibilidade de se sentir, ao mesmo tempo, prazer e medo e, inclusive, a sobreposição de um ou outro, isso porque, o fato de o ser humano possuir um complexo enredo emocional que permeia todo o seu existir, pode auxiliar a entender que dificilmente o ser está sentindo uma única emoção dissociada das outras. A cadeia de emoções impregnadas em cada momento vivido tornando-o único é o que caracteriza a beleza do humano como ser emocional.

Todos estes aspectos relativos ao prazer e ao medo podem perpassar as mais diferentes áreas do conhecimento humano e, de fato, uma das que mais pesquisa sobre este fenômeno é a Psicanálise, a qual, por intermédio dos conceitos de desejo e angústia abordam, de certa forma, este universo. Entre alguns autores que trabalham nesta

perspectiva estão Barbieri (2004) e Vanier (2006), cujas pesquisas nessa área da Psicanálise focalizam os conceitos de angústia, medo, desejo, gozo e prazer.

Barbieri (2004), ao apresentar um relato sobre um paciente, o qual, ao abandonar sua vida regrada em busca do grande amor encontra-se com um profundo sentimento de angústia provocado pela ausência da mulher amada. Este sentimento se relaciona com os desejos e medos presos no seu inconsciente, desejos de se manter próximo da mulher que o completa de jocosidade, porém, com medo da solidão, das mudanças que o envolvem quando ela sai e se distancia dele e com medo da própria realização de seu desejo. Tais relações, segundo a autora, provocam neuroses que o incomodam, porém, a busca por um psicanalista não é para a cura das mesmas, mas para um reequilíbrio deste gozo sentido. Da mesma forma parece acontecer na prática das AFAN, em que o praticante apresenta desejo de realização desta atividade, porém, carregado de medo acerca dos possíveis acontecimentos que a envolvem.

Costa e Costa (2004), também abordam a relação prazer-medo, utilizando, contudo, uma atividade de aventura em ambiente urbano, o *skate*, e na perspectiva dos *skatistas* ao mesmo tempo que sentem medo por explorar o desconhecido, preenchem-se de um prazer provocado pelo risco e pelo aspecto radical da atividade. O fato de os *skatistas* criarem outros modos de utilizar os obstáculos para realizarem as manobras, conferindo um aspecto lúdico à atividade, pode se tornar, segundo as autoras, um importante desencadeador de prazer e medo.

De fato, a relação prazer-medo pode permear todas as AFAN, porém em diferentes aspectos, os quais envolvem, desde a descoberta de novos lugares, o contato com

o próprio corpo e com os limites do mesmo, até a relação com o meio natural e a ação dos conceitos sociais que permeiam o âmbito psicológico de cada indivíduo.

4. OBJETIVO

Este estudo tem como objetivo investigar o prazer e o medo e suas possíveis relações durante as vivências de AFAN, focalizando especificamente o Rafting, a Escalada e o Pára-Quedismo, na perspectiva de pessoas iniciantes nessas práticas.

5. MÉTODO

5.1 NATUREZA DA PESQUISA

Esse estudo é de natureza qualitativa, tendo em vista que esta abordagem permite a compreensão da essência de um fenômeno social, podendo ser útil na descrição, na análise, na compreensão e na classificação dos processos vividos por diferentes grupos sociais.

Richardson (1999), a este respeito, aponta que as pesquisas com uma metodologia qualitativa são as mais adequadas para descrever a complexidade do problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinados grupos, possibilitando um maior nível de profundidade e de entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

O estudo foi desenvolvido em duas etapas, sendo a primeira relativa à revisão bibliográfica, a qual envolveu reflexões referentes aos aspectos emocionais, focalizando, especificamente, as temáticas do medo e do prazer relacionados à prática das AFAN, e a segunda etapa corresponde a uma pesquisa exploratória, para que se possa aproximar do universo pesquisado.

5.2 INSTRUMENTOS

Como instrumento de coleta de dados foi utilizada uma entrevista semi-estruturada, a qual, segundo Thiollent (1987), favorece ao entrevistador uma situação de “atenção flutuante” que permite uma exploração não forçada do universo cultural do entrevistado.

Para Triviños (1992), as questões que nascem da entrevista semi-estruturada são resultados, tanto da teoria que fundamenta o investigador, quanto da informação que ele capta sobre o fenômeno social que interessa e de seu contato com os entrevistados.

Para Gil (1999), a entrevista é uma forma de interação social onde um busca coletar dados e o outro se apresenta como fonte de informação e pode auxiliar na busca de conhecimentos acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer ou fizeram, bem como, sobre as explicações ou razões dos fatos. Além de ser uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano.

Rampazzo (1998) aponta como aspecto relevante das entrevistas o fato de permitirem maior flexibilidade nas respostas, em que o entrevistador, percebendo a necessidade dos entrevistados, pode repetir ou esclarecer perguntas, formulando-as de maneira diferente e proporcionando verbalmente as informações relevantes e necessárias ao estudo.

Richardson (1999) relata que a entrevista é uma técnica importante por incrementar a relação entre as pessoas, sendo um método de comunicação, no qual a

informação é transmitida de uma pessoa para outra, evidenciando-se, assim, a característica de reciprocidade do instrumento, importante elemento em qualquer tipo de interação.

A entrevista pode, então, ter diferentes níveis de estruturação, desde aquelas mais informais e próximas de uma conversação, até aquelas rígidas e diretas, mais próximas a um formulário (PARRA FILHO; SANTOS, 2000).

O tipo de entrevista proposto por este estudo visou a uma coleta de informações, por meio de perguntas mais amplas e outras mais diretas, sendo considerada uma entrevista semi-estruturada, na qual o entrevistador procurou retomar o tema original quando o entrevistado se desviasse do assunto de interesse.

A entrevista-piloto (ANEXO III) passou pelo processo de validação, sendo aplicada a uma amostra semelhante àquela participante do estudo, além da avaliação feita por três especialistas da área de Motricidade Humana, com título de Doutor. As sugestões advindas desses dois processos de validação nortearam a elaboração do instrumento definitivo, enviado e aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Biociências da Unesp – Rio Claro (ANEXO IV), o que permitiu maior clareza e maior grau de fidedignidade para a aplicação.

5.3 PARTICIPANTES

A amostra intencional composta para o estudo envolveu 30 participantes adultos, acima de 18 anos, de ambos os sexos, de nível socioeconômico e de escolaridade diversificados, que vivenciavam pela primeira vez uma das modalidades de atividade física de aventura na natureza, focalizadas neste estudo (*Rafting*, Escalada e Pára-quedismo).

Os 30 participantes foram divididos em 10 representantes de cada uma das três modalidades de AFAN, sendo o *Rafting* uma modalidade de água, o Pára-quedismo de ar e a Escalada de terra, oferecidas pelas agências² situadas em pólos de ecoturismo no Estado de São Paulo.

Antes da realização da entrevista o pesquisador apresentou o objetivo da pesquisa aos participantes e recolheu o termo de consentimento livre e esclarecido, o qual o autorizou a utilizar as informações oferecidas pelos sujeitos.

5.4 PROCEDIMENTOS

Para dar início à pesquisa exploratória o pesquisador entrou em contato com três agências situadas, respectivamente, nas cidades de Brotas, Boituva e Analândia, no Estado de São Paulo. A escolha destas três cidades se deu devido ao fato de serem consideradas importantes para a prática do *Rafting*, do Pára-Quedismo e da Escalada, respectivamente.

O pesquisador agendou uma visita técnica, ocasião em que colheu informações sobre as atividades e a programação das mesmas.

No dia da coleta dos dados, os sujeitos foram inquiridos acerca da possibilidade de participação no estudo, recebendo as informações necessárias e, com base na anuência dos mesmos, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO V).

² As Agências onde foram realizadas as entrevistas não autorizaram a divulgação do nome no texto final.

Após a assinatura do referido termo, os participantes responderam às questões da entrevista semi-estruturada, antes da vivência e voltaram a respondê-las, logo após o término da atividade.

As respostas fornecidas pelos participantes foram armazenadas utilizando-se um gravador Panasonic, modelo RN-305, transferidas para um computador, por meio do *software* GoldWave, transcritas na íntegra (ANEXO VI), para facilitar a análise e o acesso às respostas completas.

No início da entrevista foram evidenciados alguns dados pessoais dos participantes, como idade, sexo e local de procedência e, posteriormente, foram apresentadas as questões propriamente dita.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados coletados foram analisados descritivamente, por meio da técnica de Análise de Conteúdo Temático, que favoreceu a visualização apenas dos conceitos mais relevantes presentes nas falas dos sujeitos.

A Análise de Conteúdo Temático é um instrumento que permite a descrição, a análise, a compreensão e a classificação dos processos vivenciados, conforme evidencia Richardson (1999), assimilando o que é efetivamente relevante para o estudo em questão.

Os conteúdos foram categorizados como preconiza Bardin (2004), implicando na classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, em seguida, por analogia, com os critérios previamente definidos.

Tal categorização pode seguir aspectos semânticos (temas), sintáticos (verbos e adjetivos), lexicais (sentido das palavras) ou expressivos (perturbações da linguagem). Para este estudo, foram adotados procedimentos de categorização semântica, envolvendo as temáticas de base de interesse para a pesquisa.

Ao analisar os dados dos participantes da pesquisa tem-se que, apenas dois participantes eram menores de 20 anos, doze entre 20 e 25 anos, nove tinham idade entre 26 e 30 e sete acima dos 30 anos. Porém, um fato interessante é que a média de idade mais alta foi na prática do *Rafting* com uma média de 31, 9 anos, na Escalada esta média foi de 29,1 e no Pára-quedismo a média foi de apenas 22 anos. Portanto, o fato de atividades como o

Rafting e a Escalada exigirem maior condicionamento físico, não implica, necessariamente, em serem praticadas por pessoas mais jovens. Estes dados discordam dos encontrados por Tahara (2004) em sua pesquisa, na qual, 55% dos sujeitos encontrados tinham idade entre 26 e 30 anos. A pesquisa de Tahara (2004) buscou avaliar a aderência à estas atividades e, portanto, também se interessou pelo perfil dos praticantes.

Outro aspecto interessante é a relação entre a prática destas atividades de aventura e o nível de escolaridade. Dos trinta sujeitos, onze tinham completado cursos superiores, oito ainda freqüentavam cursos superiores, sete tinham apenas o segundo grau completo e quatro cursavam pós-graduação. Este dado pode demonstrar que efetivamente os indivíduos que buscam estas AFAN em seus momentos destinados ao lazer são pessoas com maior nível de instrução, corroborando os dados apresentados por Tahara (2004).

Com relação à origem dos participantes da pesquisa, a grande maioria provinha da cidade de São Paulo (quatorze participantes), outros seis eram da grande São Paulo, mais especificamente das cidades de Santo André e Taboão da Serra (cinco de Santo André e um de Taboão da Serra) e dez indivíduos eram de cidades do interior do estado de São Paulo (dois de Jaboticabal, quatro de Franca, um de Pirassununga, dois de Campinas e um de Piracicaba). Talvez, esta caracterização geográfica possa ser atribuída ao fato de que, muitas vezes, as pessoas organizam-se em grupos para a prática desta atividade e este fato aconteceu na pesquisa pois, nos dias de coleta de dados, nas três atividades (Pára-Quedismo, Escalada e *Rafting*), encontrou-se grupos de amigos ou familiares que participaram das entrevistas.

Os participantes, então, após as perguntas relativas aos dados pessoais, responderam às questões da entrevista realizada antes da prática, considerando-se que, após a realização das mesmas, os participantes retornariam para responderem uma segunda sessão de perguntas.

A primeira questão era sobre as emoções que estavam sentindo antes da atividade e dos dez participantes do Pára-Quedismo, nove afirmaram estarem ansiosos, porém, destes, dois justificaram que a ansiedade estava combinada com alguma outra emoção. Um respondeu que estava ansioso, mas feliz e outro que estava ansioso e com medo. Apenas um dos entrevistados afirmou que estava tranqüilo.

No *Rafting*, a ansiedade esteve presente na resposta de seis participantes, dois afirmaram estar nervosos, um alegre e um com prazer e curiosidade. Na Escalada a emoção presente antes da prática, para cinco indivíduos, foi a ansiedade, para dois, a tranqüilidade, para um, a ansiedade e o medo, para um, a ansiedade e o nervosismo e, para um, a ansiedade e o prazer. Estes dados são apresentados na Tabela 1 (Emoções antes da prática):

Tabela 1 (Emoções antes da Prática):

Pára-Quedismo	<i>Rafting</i>	Escalada
7 – Ansiedade	6 – Ansiedade	5 – Ansiedade
1 – Tranqüilidade	2 – Nervosismo	2 – Tranqüilidade
1 – Ansiedade/Felicidade	1 – Alegria	1 – Ansiedade/Medo
1 – Ansiedade/Medo	1 – Prazer/Curiosidade	1 – Ansiedade/Nervosismo
		1 – Ansiedade/Prazer

Tabela 2 (Recorrência das Emoções antes da Prática):

Pára-Quedismo	Rafting	Escalada
9 – Ansiedade	6 – Ansiedade	8 – Ansiedade
1 – Tranqüilidade	2 – Nervosismo	2 – Tranqüilidade
1 – Felicidade	1 – Alegria	1 – Medo
1 – Medo	1 – Prazer	1 – Nervosismo
	1 – Curiosidade	1 – Prazer

Na pergunta 1 pode-se perceber que a ansiedade é o elemento mais constante antes da prática das AFAN, isso deve-se à expectativa criada acerca das atividades, dos elementos que as compõem e, até mesmo, aos pré-conceitos estabelecidos socialmente pelas pessoas de que estas atividades devem gerar fortes emoções e de um possível risco em que se estaria envolvido.

A resposta do participante P-6 caracteriza com clareza esta situação, pois, ao ser questionado que emoções estava sentindo naquele momento antes da atividade, a resposta foi: “Acho que aquilo que todo mundo sente, frio na barriga na hora, ansiedade na hora”. Esse aspecto apontado por P-6, de sentir aquilo que “todo mundo sente”, pode, eventualmente, demonstrar certa influência social, já que alguns participantes não demonstraram tal ansiedade, ao afirmarem estarem tranqüilos.

Esta ansiedade, segundo Machado (2006), pode ser causada por um sentimento de insegurança, que provém da expectativa de um perigo ou ameaça existente,

ainda que isto esteja implícito em uma simples situação de desconhecido. Esta ansiedade é, segundo o autor, a resposta emocional determinada de um acontecimento, cujo resultado não depende apenas da própria pessoa, mas também, de outros fatores e situações, as quais, muitas vezes, não podem ser controladas pelo participante.

Uma caracterização mais precisa das emoções foco, deste estudo, foi o que as perguntas 2 e 3 buscaram identificar. A pergunta 2 buscou compreender a definição de medo dos participantes, enquanto a pergunta 3 era sobre o significado de prazer. As respostas dadas pelos participantes deste estudo variaram muito. No Pára-Quedismo, quatro pessoas disseram que o medo é algo inesperado ou desconhecido; três afirmaram que é algo que limita e torna as pessoas incapazes de agir em alguma situação; para uma, o medo é uma emoção boa por impôr limites; uma pessoa afirmou que o medo é um sentimento comum vivenciado diariamente; para outro participante, o medo é uma mistura de ansiedade e tensão.

Já, para três participantes do *Rafting*, o medo caracterizou-se como algo desconhecido; três afirmaram ser uma sensação ruim e que paralisa ou domina; uma pessoa afirmou não saber definir o termo; um disse que o medo é principalmente o de que alguma coisa de ruim aconteça; para uma pessoa, a insegurança é o principal medo e, para um participante, o medo é uma mistura de ansiedade e curiosidade.

Para os participantes que realizaram a Escalada, o número de respostas também foi amplo. Para três pessoas, o medo é algo desconhecido; para duas, o medo é ansiedade e algo que surpreende; para outras duas pessoas, o medo paralisa, sendo uma

sensação ruim; um instinto natural foi a resposta de outros dois participantes; e, para um, o medo é a liberação de adrenalina que leva a tentar vencer os desafios.

Se considerados todos os participantes desta pesquisa têm-se que, um terço caracteriza o medo como o desconhecido, o que pode configurar a dificuldade existente em se conceituar o termo e traduzir a emoção em palavras. O Participante E-10 define o medo: “É uma sensação de desconhecido porque você não sabe o que vai enfrentar lá na frente”. Esta resposta assemelha-se a do participante R-5, o qual diz que: “Medo é uma sensação desconhecida, eu acho, você tem medo do desconhecido, depois que você conhece você não tem mais medo”. Estes dados podem ser comparados aos encontrados por Sousa (2004) na sua pesquisa acerca do imaginário social na prática do *Rafting*, em que, os participantes apresentaram o medo de enfrentar o desconhecido, de ter que desbravar e encontrar-se com algo nunca visto e com experiências nunca vividas.

A terceira pergunta, a qual abordava o significado do Prazer, revelou um resultado próximo à pergunta anterior, sendo que o leque de respostas foi extremamente abrangente e, portanto, mostrando a dificuldade em verbalizar os estados subjetivos.

Dentre os participantes do Pára-Quedismo, quatro apontaram que o prazer é aquela sensação gostosa de realização, a qual leva a ter vontade de sentir de novo (de fazer novamente a atividade) e que, por sua vez, traz boas recordações. Para três participantes, o prazer foi definido como adrenalina, termo utilizado popularmente para definir emoções intensas, marcantes e positivas. Para duas pessoas, o prazer está associado à alegria e/ou à felicidade e, para um participante, o prazer é um sentimento comum, já que este se apresenta cotidianamente, em diversas situações.

Ao serem entrevistados antes da prática, seis participantes do *Rafting* identificaram o prazer como algo bom, que traz felicidade, júbilo e excitação. Para dois, o prazer é a sensação que leva a ter vontade de fazer novamente a atividade; para um, o prazer é diversão e, para outro, o prazer é adrenalina, aproximando-se do significado encontrado junto aos participantes do Pára-Quedismo.

Por último, averiguou-se o conceito de Prazer entre “os aventureiros” da Escalada, os quais responderam, em sua maioria (cinco pessoas), que o prazer é a realização ao superar desafios e vencer o medo. Para três pessoas, o prazer é algo que faz sentir bem, sendo uma coisa boa e natural. Para um participante, o prazer é traduzido como euforia e, para outro, o prazer é quando algo supera as expectativas.

Se relacionadas todas as respostas, pode-se chegar próximo da definição que foi tomada em consideração para este estudo, na qual Csikszentmihalyi (1992) descreve o prazer como uma sensação de contentamento, que se atinge quando a consciência diz que as expectativas dos programas biológicos, ou aquelas estabelecidas pelo condicionamento social foram satisfeitas. Isso significa que esta sensação de euforia, alegria, de excitação e júbilo, diagnosticada pelos participantes e que ocorre em situações como a de vencer desafios ou de se realizar algo que se gosta, transforma-se no que é mais conhecido como prazer.

A partir da caracterização e da identificação das duas principais variáveis deste estudo (o prazer e o medo) trabalhou-se, na quarta pergunta, com o imaginário dos participantes, ao se indagar sobre a possibilidade de se sentir prazer e medo ao mesmo tempo, na atividade que eles iriam realizar.

No Pára-Quedismo, oito pessoas acreditavam ser possível sentir as duas emoções simultaneamente, para dois participantes, eles sentiriam medo antes e prazer durante e depois. No *Rafting*, todos os entrevistados afirmaram que sentiriam o prazer e o medo ao mesmo tempo durante a atividade. Já na Escalada obtiveram-se dados idênticos ao do Pára-Quedismo, sendo que oito acreditavam nessa relação simultaneamente, enquanto dois apontavam que o medo seria apenas antes do início da atividade.

Estas respostas demonstram uma concepção estabelecida *a priori*, de que o medo e o prazer podem estar juntos e vivenciados ao mesmo tempo e, se isto se aplica às atividades de aventura, esta mesma relação emocional pode tornar-se verdadeira também em outros momentos da vida. Este aspecto é justamente o que vimos na teoria do sublime, apontada por MacFarlane (2003) como a responsável por este sentimento de prazer nos momentos em que se atinge, por exemplo, grande velocidade em queda livre.

Perguntou-se, então, para os entrevistados, se eles estavam sentindo medo e, conseqüentemente, quanto, de 0 a 5, sendo 0 o mínimo e 5 o máximo utilizando uma escala do tipo Likert. Dentre os Pára-Quedistas, seis afirmaram que não estavam sentindo medo, dois afirmaram que estavam com um pouco de medo e dois disseram que estavam efetivamente com medo, como mostra a Tabela 3:

Tabela 3 (Medo antes do Pára-Quedismo):

	MEDO?	DE 0 A 5
P-1	NÃO	3
P-2	UM POUCO	2
P-3	NÃO	1
P-4	NÃO	0
P-5	SIM	3
P-6	SIM	4
P-7	NÃO	1
P-8	NÃO	1
P-9	UM POUCO	3
P-10	NÃO	2

Dentre os participantes do *Rafting* (Tabela 4), as respostas apontaram que oito não estavam com medo; um estava com um pouco e um estava com medo.

Tabela 4 (Medo antes do *Rafting*):

R-1	NÃO	0
R-2	NÃO	0
R-3	NÃO	0
R-4	NÃO	1
R-5	NÃO	0
R-6	NÃO	2
R-7	UM POUCO	3
R-8	NÃO	3
R-9	NÃO	1
R-10	SIM	5

Dentre os que realizaram a escalada, os dados obtidos foram (Tabela 5):

Tabela 5 (Medo antes da Escalada):

E-1	SIM	2
E-2	SIM	3
E-3	NÃO	2
E-4	NÃO	1
E-5	SIM	2
E-6	NÃO	1
E-7	NÃO	1
E-8	SIM	2
E-9	NÃO	1
E-10	NÃO	1

Observa-se, portanto, que, neste caso as respostas foram mais equilibradas sendo que seis participantes negaram estar com medo e quatro afirmavam que medo já fazia parte de seus respectivos enredos emocionais naquele instante. Neste caso, porém, as respostas foram mais coerentes já que ninguém apresentou desvio entre a avaliação numérica e a afirmação ou negação de estar sentindo medo.

Se observadas as respostas das três atividades, têm-se que dois terços dos participantes negaram estar com medo, mesmo alguns deles apontando incoerências no ato de quantificar este medo. Talvez o fato de muitos não estarem sentindo medo antes da atividade, tenha relação com a incapacidade de imaginar a atividade que seria realizada pela primeira vez e a incapacidade de imaginar que algo inesperado, como um acidente, pudesse acontecer. A preocupação com o que poderia acontecer e, o medo decorrente disto, ficou evidente na fala do participante E-1 que, ao ser questionado sobre as emoções que estava sentindo antes da prática, afirmou: “Ah, Expectativa, né? É a primeira vez que vou fazer escalada, vamos ver se tudo corre bem, né? Mas medo também, tô com muito medo também!”

Este aspecto acaba exigindo uma volta à discussão do medo imaginário (MACHADO, 2006) que, de fato, exerce seu papel em toda a extensão da atividade, nos momentos distantes, quando ainda falta muito tempo para realizar a atividade, nos momentos que antecedem imediatamente a prática, naqueles durante a prática e, até mesmo, depois dela, quando se retorna à imaginação e especula-se o que poderia ter acontecido. É esta imaginação que Machado (2006), afirma ter papel importante no surgimento da emoção, é este estado hipotético que altera o comportamento psicológico e provoca o medo nas pessoas.

Na sexta questão buscou-se saber se os participantes das atividades estavam sentindo prazer momentos antes do início. No Pára-Quedismo (Tabela 6), sete responderam que sim e três que não; no *Rafting* (Tabela 7), oito responderam que sim e dois que não e, na Escalada (Tabela 8), nove responderam que sim e um que não.

Tabela 6 (Prazer antes do Pára-Quedismo)

	PRAZER?	DE 0 A 5
P-1	SIM	5
P-2	NÃO	3
P-3	NÃO	2
P-4	SIM	3
P-5	SIM	5
P-6	SIM	5
P-7	NÃO	1
P-8	SIM	5
P-9	SIM	5
P-10	SIM	5

Tabela 7 (Prazer Antes do Rafting):

R-1	SIM	5
R-2	NÃO	0
R-3	SIM	5
R-4	SIM	3
R-5	SIM	3
R-6	NÃO	2
R-7	SIM	5
R-8	SIM	5
R-9	SIM	5
R-10	SIM	5

Tabela 8 (Prazer antes da Escalada):

E-1	NÃO	1
E-2	SIM	5
E-3	SIM	3
E-4	SIM	3
E-5	SIM	4
E-6	SIM	2
E-7	SIM	4
E-8	SIM	3
E-9	SIM	4
E-10	SIM	4

É evidente, portanto, que as situações prazerosas destas atividades englobam, não apenas a prática em si, mas toda a preparação, a expectativa e o momento da prática, que, geralmente, ocorrem no tempo disponível, sendo uma escolha pessoal. O participante E-3, ao ser questionado se estava sentindo antes de participar da atividade afirmou: “Sim, tô na expectativa pra ver o que vai acontecer...”. O prazer, neste ponto, pode ser explicado tendo em vista que aqueles momentos que antecedem a prática já fazem parte

da atividade e esse momento também pode ser gerador de intensas emoções, que levam a reconhecer, consciente ou inconscientemente, que se está fazendo algo de livre e espontânea vontade, durante o tempo disponível, sendo uma atividade do Lazer e, que, segundo Gutierrez (2001), não pode estar dissociada do componente prazer.

Na sétima questão da entrevista pré-atividade, buscou-se averiguar o que poderia dar mais prazer nas atividades. No Pára-Quedismo, quatro indivíduos responderam que acreditavam que o momento que daria mais prazer seria a queda livre; três disseram que seria o momento de saída do avião; uma pessoa imaginava que o momento de mais prazer seria a visão que se teria no momento do salto; para outra, seria prazeroso chegar inteiro após a atividade e, para um outro participante, a experiência em si seria o que daria mais prazer.

Para quatro participantes que realizariam o *Rafting*, o que poderia proporcionar mais prazer seria a experiência de fazer algo novo e diferente, para dois seria o momento dividido com pessoas queridas, para outros dois seriam as corredeiras, para um as quedas e para outro as incertezas que a atividade estaria proporcionando.

Já, dentre os que fariam a Escalada, a resposta mais incidente foi a de que, chegar ao topo do morro seria o motivo de maior prazer, argumento utilizado por cinco pessoas. O momento da subida foi a resposta dada por dois participantes, mesmo número daqueles que enfatizaram que o que daria mais prazer seria o visual que se teria ao chegar ao topo. Uma pessoa respondeu que o que poderia dar mais prazer seria o momento da descida.

De fato, o aspecto de estar realizando algo novo e diferente, durante seu tempo disponível, de livre e espontânea vontade e, geralmente, junto aos amigos e/ou familiares, já era, por si só, um motivo desencadeador de prazer. O participante R-7, ao ser questionado sobre o que proporcionaria mais prazer, afirmou: “Ah, fazer uma coisa que eu nunca fiz, vencer a dificuldade de estar aqui e ter sua família toda num barco”. De fato, é o que Csikszentmihalyi (1992) afirma ser a sensação de contentamento, quando as expectativas são satisfeitas e estas podem estar relacionadas à paisagem vista de cima de uma montanha, à sensação de vertigem durante uma queda livre, às vibrações dentro de um bote após superar uma queda de água, ou mesmo, conseguir completar um desafio em que se achava incapaz.

A oitava e última pergunta questionou sobre o que os participantes acreditavam que daria medo na atividade. Dentre os que realizaram o salto de pára-quedismo, seis responderam que o que mais dava medo era pensar em algum problema técnico, como, por exemplo, o pára-quedas não abrir. Três pessoas acreditavam que sentiriam medo ao estarem no avião e perceberem a altura que estavam prestes a saltar e, para apenas um participante, o maior medo seria enfrentar o desconhecido, de realizar algo que nunca fez antes.

Dentre os praticantes do *Rafting*, cinco acreditavam que teriam medo de cair do bote; dois de se machucar; um acreditava que não teria medo de nada; um de o bote virar e um das fortes corredeiras.

Para os que realizaram a Escalada, a descida seria o ponto de maior medo para cinco pessoas; a subida, para duas; cair, para uma; olhar para baixo quando chegassem

ao topo do Morro do Cuscuzeiro, para um e se algo desse errado tecnicamente como, por exemplo, a corda estourar, seria o momento de maior medo para outro participante.

Esses medos, em sua maioria, podem estar associados ao medo da morte, já que muitas respostas remetem a acidentes, dos quais, dificilmente, se sobreviveria, como a queda do avião, a queda do morro ou as falhas dos equipamentos. Este medo da morte é elucidado por Bellato e Carvalho (2005), os quais apontam que a morte em si não é o grande problema para aquele que morre, mas sim, o sentimento de desesperança, de desamparo e de isolamento que a acompanha, este nasce do medo que outras pessoas têm de enfrentar a certeza da própria morte.

Estas foram, portanto, as perguntas feitas aos participantes antes da realização das atividades. Ao retornarem das vivências, os mesmos responderam novamente a algumas questões, para que se pudesse traçar uma comparação entre as emoções, o prazer e o medo antes e após a realização das aventuras.

Que emoções estavam sentindo naquele momento após a atividade (Tabela 9), foi a primeira pergunta da segunda entrevista e as respostas entre os que realizaram o Pára-Quedismo foram que dois estavam aliviados; dois estavam felizes e/ou alegres; um estava alegre e realizado; um estava aliviado e realizado; um estava agitado, aliviado e feliz; um sentia-se aliviado e tomado por sensações prazerosas; um estava aliviado e feliz e um estava com vontade de fazer a atividade de novo e cheio de “adrenalina”.

Dentre os que realizaram o *Rafting*, dois estavam com vontade de fazer a atividade novamente; um estava relaxado e extasiado; um estava feliz; um repleto de

“adrenalina”; um estava satisfeito; um feliz e relaxado; um apenas relaxado; um estava com a sensação de leveza e um estava satisfeito e alegre.

Já os que praticaram a Escalada apontaram, em quatro respostas, que estavam realizados; dois satisfeitos; um com “adrenalina”; um realizado e com “adrenalina”; um surpreendido e um feliz.

Tabela 9 (Emoções após a Prática):

Pára-Quedismo	Rafting	Escalada
2 - Aliviado	2 – Vontade de Fazer de Novo	4 - Realizado
2 – Felicidade/Alegria	1- Relaxado/Extasiado	2 - Satisfação
1 – Alegria/Realização	1- Feliz	1 - Adrenalina
1 – Aliviado E Realizado	1 – Adrenalina	1 - Realização/Adrenalina
1 - Agitado/Aliviado/Feliz	1 – Satisfação	1 - Surpreendida
1 – Aliviado/ Prazer	1 - Feliz/Relaxado	1 - Feliz
1 - Aliviado/ Felicidade	1 – Relaxado	
1 - Vontade De Fazer De Novo/ Adrenalina	1 – Leveza	
	1 - Satisfação/Alegria	

Se observada a recorrência das emoções (Tabela 10), percebe-se que, no Pára-Quedismo, a principal resposta foi a de estar Aliviado (citada por seis participantes), no *Rafting* (citada por três participantes), foi de estar Relaxado e, na escalada, a de Realizado (citada por cinco participantes).

Tabela 10 (Recorrência das Emoções após a Prática):

Pára-Quedismo	Rafting	Escalada
Aliviado – 6 respostas	Relaxado – 3 respostas	Realização – 5 respostas
Feliz – 3 respostas	Feliz – 2 respostas	Adrenalina – 2 respostas
Realização – 2 respostas	Extasiado/Leve – 2 respostas	Satisfação – 2 respostas
Alegria – 2 respostas	Satisfação – 2 respostas	Surpreendida – 1 resposta
Agitado – 1 resposta	Adrenalina – 2 respostas	Feliz – 1 resposta
Prazer – 1 resposta	Vontade de Fazer de novo – 2 respostas	
Adrenalina – 1 resposta	Alegria – 1 respostas	
Vontade de Fazer de novo – 1 resposta		

Ao se comparar os aspectos emocionais de antes e depois das atividades, tem-se que, enquanto os participantes se apresentaram, em sua maioria, ansiosos antes da prática, após a mesma eles estavam mais relaxados, aliviados, realizados e felizes, por terem praticado algo que muito desejavam. Esta concepção corrobora a de Machado (2006a), o qual afirma que as atividades de aventura, efetivamente, proporcionam emoções intensas e que alteram, de fato, o estado de ânimo dos participantes.

A segunda pergunta da entrevista feita após a prática averiguou se os participantes sentiram prazer e medo ao mesmo tempo durante a atividade. Dentre os que realizaram o Pára-Quedismo, sete responderam que sim e três que sentiram medo antes e

prazer durante e depois. Dos que fizeram o *Rafting*, seis responderam que sim, dois que não e dois responderam “mais ou menos”. Dos participantes da Escalada, seis responderam que sim, sentiram medo e prazer ao mesmo tempo e quatro que sentiram medo antes e prazer durante e depois.

Observa-se que, dentre os participantes do Pára-Quedismo, o número de pessoas que respondeu que sentiria medo antes e prazer durante e depois aumentou de duas respostas para três. Já dentre os praticantes de *Rafting*, os quais, na entrevista realizada antes da prática haviam respondido que sentiriam prazer e medo ao mesmo tempo, durante as perguntas após a atividade apresentaram um resultado diferente, pois, duas pessoas disseram que não e duas responderam mais ou menos. Na Escalada, o número de pessoas que responderam que sentiram medo antes e prazer durante e depois passou de dois para quatro.

As alterações de percepção das emoções, evidenciadas nesta pergunta, ressaltam a concepção de que o imaginário das pessoas age de forma incisiva nos aspectos emocionais dos participantes. Sendo assim, as pessoas, ao chegarem para a primeira prática de uma das AFAN, estão com o imaginário repleto de concepções e idéias, não apenas sobre a atividade, mas, também, sobre as expectativas emocionais que vivenciariam. É o que Bruhns (2003) afirma, ao dizer que a busca por emoções proporcionadas pelas aventuras na natureza pode representar uma reaproximação com os estados de surpresa e medo, num efeito catártico, o qual pode produzir prazer. São, justamente, estas emoções que se confundem nos praticantes, os quais, muitas vezes, antes da primeira prática,

esperam emoções não tão complexas e intensas quanto realmente são, ou esperam emoções muito fortes e quando realizam a prática se decepcionam com o que sentiram e viveram.

A terceira pergunta da entrevista pós-atividade foi sobre o medo e, dentre os que fizeram Pára-Quedismo, sete afirmaram que em algum momento da atividade sentiram medo, enquanto três afirmaram que não. No *Rafting* o índice foi igual ao da atividade anterior, sendo que sete pessoas afirmaram que sentiram medo e três que não sentiram. Já na Escalada, todos os participantes afirmaram que sentiram medo durante algum momento da atividade. Estas respostas indicam que, efetivamente, as AFAN tendem a proporcionar esta emoção, que, possivelmente, pode ser proporcionada pela concepção de se estar vivenciando o risco e/ou algo perigoso.

Le Breton (2006) avança neste aspecto, ao dizer que, apesar de sentir medo nestas atividades, este não se torna algo insuportável, pois existe uma livre decisão de se submeter a tal situação. Ou seja, o medo é saboreado com prazer, pois se trata de uma escolha própria, que implica previamente em vivenciar estes riscos, em se sentir intensamente.

Quando perguntados quanto de medo sentiram, em uma escala de 0 a 5, sendo 0 o mínimo e 5 o máximo, as respostas apresentaram, no pára-quedismo (Tabela 11), que o índice mais apontado foi o quatro, com três respostas, seguido pelo cinco, um e zero, com duas respostas cada e o três, com apenas uma resposta. Isso significa que metade dos participantes estava com índices máximos entre quatro e cinco.

Tabela 11 (Medo após o Pára-Quedismo):

	MEDO?	DE 0 A 5
P-1	SIM	5
P-2	SIM	4
P-3	SIM	1
P-4	NÃO	1
P-5	SIM	3
P-6	SIM	4
P-7	SIM	4
P-8	SIM	5
P-9	NÃO	0
P-10	NÃO	0

Dentre os que realizaram o *rafting* (Tabela 12), quatro pessoas responderam que, de 0 a 5, sentiram dois de medo; três pessoas apontaram que chegaram ao nível três; duas ficaram no zero e uma no quatro. Neste caso, a maioria dos praticantes (seis) ficou entre zero e dois, no índice de medo sentido durante a atividade.

Tabela 12 (Medo Após o Rafting):

	MEDO	DE 0 A 5
R-1	SIM	2
R-2	NÃO	0
R-3	SIM	2
R-4	SIM	2
R-5	SIM	3
R-6	NÃO	2
R-7	SIM	4
R-8	NÃO	0
R-9	SIM	3
R-10	SIM	3

Dentre os que realizaram a escalada (Tabela 13), cinco pessoas relataram atingir o nível cinco de medo; três atingiram o nível quatro e duas o nível três, o que aponta

uma grande maioria nos níveis quatro e cinco, em que o medo se torna um elemento fortemente tocante.

Tabela 13 (Medo após a Escalada):

	MEDO	DE 0 A 5
E-1	SIM	5
E-2	SIM	5
E-3	SIM	3
E-4	SIM	5
E-5	SIM	5
E-6	SIM	4
E-7	SIM	3
E-8	SIM	5
E-9	SIM	4
E-10	SIM	4

Se comparados os resultados das três modalidades, observa-se que a Escalada apresentou um índice de medo muito superior aos demais. Se feita a média destas escalas tem-se que a média de medo no pára-quedismo foi de 2,7; no *rafting*, de 2,1 e na Escalada, a média foi de 4,3. Pode-se observar que as atividades que envolviam maior velocidade e maior altura não foram as que efetivamente despertaram maior medo nos participantes, enquanto a escalada foi a que exigiu maior esforço físico dos participantes.

De fato, Greco (2006) enfatiza que, dentre as atividades físicas de aventura na natureza, esta modalidade é uma das que mais exigem condicionamento físico e que, geralmente, a frequência cardíaca das pessoas nem sempre acompanha a resposta do consumo de oxigênio, tendo em vista, não só as contrações isométricas intermitentes dos músculos do braço, mas também, as reações de ansiedade e de medo. Ou seja, o medo, nesta atividade, influencia, não apenas em termos psicológicos, mas também, diretamente, a

performance fisiológica dos participantes, os quais, muitas vezes, podem achar que não conseguem mais continuar a atividade, o que pode acarretar no aumento de emoções “negativas”.

Numa outra abordagem, mais próxima a psicologia, Tuan (2005) enfatiza que o medo não é apenas uma circunstância objetiva, mas também, uma resposta subjetiva. Para o autor, a natureza e suas florestas, montanhas e riachos já foram moradias para espíritos e, por isso, empunham respeito e medo, porém, com o passar dos anos, vê-se uma extinção gradual do poder do mundo natural e o domínio do ser humano sobre ele.

A quarta pergunta da entrevista, feita após as atividades, investigava se a atividade realizada tinha sido prazerosa e quanto, de 0 a 5, tinha sido a intensidade do prazer. Dentre os que praticaram Pára-Quedismo (Tabela 14), todos responderam que sentiram prazer durante a atividade e indicaram o número cinco como intensidade (maior nível de intensidade).

Tabela 14 (Prazer após o Pára-Quedismo)

	PRAZER	DE 0 A 5
P-1	SIM	5
P-2	SIM	5
P-3	SIM	5
P-4	SIM	5
P-5	SIM	5
P-6	SIM	5
P-7	SIM	5
P-8	SIM	5
P-9	SIM	5
P-10	SIM	5

Os participantes do *Rafting* (Tabela 15) também apresentaram as mesmas respostas, sendo que 100% afirmaram sentir prazer e todos com intensidade cinco.

Tabela 15 (Prazer após o *Rafting*)

	PRAZER	DE 0 A 5
R-1	SIM	5
R-2	SIM	5
R-3	SIM	5
R-4	SIM	5
R-5	SIM	5
R-6	SIM	5
R-7	SIM	5
R-8	SIM	5
R-9	SIM	5
R-10	SIM	5

Uma pequena variância apresentou-se nas respostas dos indivíduos que realizaram a Escalada (Tabela 16), já que, apesar de todos responderem que sentiram prazer durante a atividade, obtiveram-se três níveis de intensidade que destoaram, sendo que uma pessoa apontou nível três e duas apontaram nível quatro.

Tabela 16 (Prazer após a Escalada)

	PRAZER	DE 0 A 5
E-1	SIM	5
E-2	SIM	5
E-3	SIM	3
E-4	SIM	5
E-5	SIM	5
E-6	SIM	5
E-7	SIM	5
E-8	SIM	4
E-9	SIM	4
E-10	SIM	5

Se observados os resultados, tem-se que apenas na Escalada existiram participantes que não apontaram o índice máximo de prazer. Talvez, isto tenha sido decorrente do desconforto de realizar um intenso esforço físico, o que, muitas vezes, é visto por turistas pouco preparados como uma grande dificuldade, já que alguns apontaram índices menores de prazer. Porém, dos três participantes que não apontaram o valor máximo, dois disseram que chegaram ao nível quatro de prazer e apenas um indicou o nível três. O participante E-3 sentiu nível três de medo e três de prazer, o que pode indicar uma sensibilidade reduzida, uma capacidade pouco elevada de percepção das emoções ou uma incapacidade de quantificar suas emoções.

Estes dados podem remeter à idéia de que, de certa forma, as atividades de aventura podem ser tomadas, por alguns indivíduos com a perspectiva de vivência do “lazer desviante”. Esta concepção de lazer desviante foi, inicialmente, proposta por Stebbins (1997), o qual via, no aspecto do desvio de conduta, duas possibilidades, as quais ele denominou de *Deviant Casual Leisure (DCL)* e *Deviant Serious Leisure (DSL)*. O primeiro (DCL) apresenta-se de forma mais relativizada e esporádica, sendo que, pode ser mais tolerável para a sociedade. Já o segundo (DSL), torna-se quase que uma característica pessoal e, praticamente, incorpora-se à personalidade do indivíduo, não sendo aceito facilmente pela sociedade.

No caso das AFAN, estes tipos de atitudes e condutas desviantes podem promover, não apenas um ato de se colocar em risco, algo visto por muitos como uma conduta “anormal”, mas também, por misturar ações e sentimentos, que são considerados como antagonistas e que remetem a um desvio atitudinal, de conduta ou de caráter, aspecto

que é considerado por Galloway (2006) como o estado ou a condição que difere da normalidade.

O mesmo autor afirma que a percepção de aventura e das respectivas emoções, como o prazer, altera-se, dependendo da experiência particular de cada indivíduo, confirmando, assim, o caráter complexo que as emoções possuem, também quando se trata de atividades de aventura.

A quinta questão da entrevista após a atividade foi sobre o momento que deu mais prazer na atividade. Dentre os participantes do Pára-Quedismo, sete responderam que foi o momento de Queda Livre; para um foi o momento da saída do avião; para um foi o fato de ter uma experiência nova, nunca antes realizada; para um participante o salto todo foi prazeroso.

Para os que realizaram o *Rafting*, o momento de maior prazer, para sete pessoas foi aquele relacionado às quedas de água; para duas pessoas foi o momento em que caíram na água e puderam flutuar nas corredeiras e, para uma pessoa, o prazer maior foi a junção de estar com pessoas que gosta, cair na água e vencer as quedas.

Para cinco dos que fizeram a Escalada, o momento de maior prazer foi a descida de Rapel; para dois participantes foi a visão que tiveram ao chegar ao topo do Morro do Cuscuzeiro; para um foi o momento da chegada; para um, dois momentos foram mais prazerosos: chegar no alto do morro e chegar de volta da atividade e, para outro, os momentos mais prazerosos foram a visão do alto do Morro e a chegada da atividade.

Nesta questão, observou-se que os momentos em que as pessoas afirmaram sentirem mais prazer são aqueles que, teoricamente, proporcionam maior vertigem. Ou seja,

a queda livre no Pára-Quedismo, as quedas de água e corredeiras no *Rafting* e o Rapel durante a Escalada são os momentos onde os participantes perdem suas “referências” e pouco podem fazer perante a situação.

Machado (2006a) aponta que esta sensação prazerosa está no fato de conseguir superar obstáculos e limites, nem sempre transpostos no cotidiano, o que pode proporcionar elementos emocionais que são melhor compreendidos quando se observa o encontro do ser humano consigo próprio, com o outro e com a natureza.

A última questão do questionário após a atividade foi sobre os momentos de maior medo. Para seis participantes do Pára-Quedismo, o medo foi quando perceberam a altura que estavam, antes de saltar; para um foi ver a demora da abertura dos pára-Quedas dos outros, imaginando que o seu também não abriria; para um foram os momentos que antecederam a abertura de seu próprio pára-quedas; para um foi a saída do avião e outro não teve medo em momento algum.

Dentre os que realizaram o *Rafting*, três não sentiram medo em momento algum; dois ficaram com medo de cair do bote e não conseguirem voltar; um ficava com medo com a proximidade das quedas; um durante as quedas; um ficou com medo de perder o capacete e, conseqüentemente, machucar-se e um ficou com medo durante todo o percurso.

Na Escalada, cinco pessoas afirmaram que o momento de maior medo foi o início do Rapel; para dois foi a parte da subida (escalada); para um foi quando estava no alto do Morro e olhou para baixo; para um foi o momento quando escorregou e caiu e para outro o maior medo foi ter que confiar nos equipamentos que o sustentariam.

Supostamente, os momentos de maior medo são aqueles que as pessoas estão diante do desafio e, então, percebem os riscos das atividades, podendo imaginar, de forma mais significativa, os acontecimentos que vão ocorrer, elaborando hipóteses positivas, mas, também, negativas. É justamente esta consciência plena que atinge o praticante de Pára-Quedismo antes de saltar, o de *Rafting*, nos momentos que antecedem o início da atividade e as quedas e os Escaladores quando percebem que devem descer de uma grande altura, pendurados apenas em uma corda. Esta consciência se refere ao fato de compreender que a ação vai mesmo ser realizada e, portanto, alguma consequência haverá, podendo ser boa ou ruim. Imaginando, então, algo ruim que possa acontecer, o medo se manifesta.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender os enredos emocionais e, em especial, o prazer e o medo envolvidos na prática das AFAN, foi o intuito desta pesquisa, a qual, por intermédio de uma abordagem qualitativa, buscou encontrar caminhos e abrir horizontes para novas reflexões acerca da temática.

Buscando estes elementos emocionais, identificou-se que a principal emoção que aflige os participantes antes do início das atividades é a ansiedade sendo que esta constatação amplia a necessidade de pesquisas acerca dos motivos deste estado ansioso, os quais, evidentemente, podem ser causados pela preocupação de que algo ruim aconteça, pelo fato de se realizar um sonho, enfrentar um obstáculo nunca vivenciado, entre outros.

A ansiedade encontrada nos participantes desta pesquisa, provavelmente, diferirá da ansiedade encontrada em pessoas que já tenham praticado as modalidades, isso se deve, em especial, ao desconhecido, que é, de fato, marcante nas vivências ansiosas do cotidiano. Este elemento pode ser observado na fala da maioria dos sujeitos que apontaram o fato de ser a primeira prática, como dispositivo desencadeador da ansiedade.

Porém, levando-se em consideração que o foco da pesquisa era o de averiguar o Prazer e o Medo e, observando a análise feita após a definição dada pelos participantes, tem-se que estados subjetivos, como é o caso destas emoções, ainda

confundem os Seres Humanos, os quais não conseguem verbalizar os seus sentimentos, deixando clara a complexidade emocional que os envolvem.

A presença destes elementos, no entanto, faz parte, não apenas das atividades em si, mas de todo um imaginário e de conceitos trazidos pelos participantes de que, em sua primeira prática, apostam que vivenciarão fortes emoções. Esta carga de informações, a qual induz as pessoas a acreditarem na vivência das emoções, é oferecida, principalmente, pelo *marketing* utilizado pelas agências, as quais, por intermédio de fotos e vídeos mostram, em alguns momentos, pessoas com sorrisos e caras de felicidade e, em outros, caras de tensão e apreensão.

Além disto, a indução feita por este sistema acerca da vivência do risco é outro aspecto que auxilia na criação e formulação de um imaginário sobre a atividade. No entanto, estes elementos passam do mundo imaginário para o real, quando a realização da atividade se torna fato, promovendo as vivências emocionais.

Por ser uma atividade realizada durante o tempo disponível, por ser de livre e espontânea vontade (apesar de, em alguns momentos, existirem pressões sociais inerentes à escolha), esperava-se que o elemento prazer estivesse presente e fosse marcante durante a experiência. De fato, para que as atividades de risco não se tornem desagradáveis é preciso que os participantes as realizem espontaneamente (LE BRETON, 2006).

Entretanto, observou-se que, em alguns instantes em que, por exemplo, o esforço físico incomodou os participantes, os momentos prazerosos foram reduzidos significativamente, aspecto este que pode ser foco de novas pesquisas, que busquem

compreender, de maneira mais específica, a relação entre o esforço físico e as emoções nele implícitas, seja como estimulador ou como repressor.

Refletindo sobre o outro elemento, o medo, também encontrou-se que aspectos sociais podem ter influenciado na percepção deste pelos aventureiros. Mas, mesmo assim, muitos afirmaram que o fato de se amedrontar também fazia parte do complexo enredo emocional que envolve as atividades, da sua preparação até seu final. É este aspecto que vale ser elucidado, pois as atividades iniciam-se emocionalmente, para os participantes, antes mesmo da prática.

Outro aspecto que chamou atenção na pesquisa foi o fato de a maioria dos participantes afirmarem que o medo e o prazer estavam juntos durante a prática, segundo, algumas vezes, difícil identificá-los separadamente durante a atividade.

Após a realização das atividades, as respostas dos participantes nas três modalidades indicaram um nível elevado de prazer, clareando a idéia de que estas aventuras não representam apenas um momento, mas também, proporcionam boas lembranças, capazes de reacender as emoções sempre que se lembra do que se passou. Contudo, as emoções e sensações mais recorrentes após a prática foram as de alívio, de realização, de relaxamento e de felicidade. A diversidade das respostas nesta questão evidenciou as complexidades psicológicas que estas atividades despertam nos praticantes, mostrando que podem atuar de forma significativa no despertar de um ser mais sensível e emocional.

Acredita-se que a incerteza do sucesso e a vivência do risco são elementos essenciais, não apenas do desenvolvimento do medo, mas também, no surgimento de um prazer que não é apenas momentâneo, mas uma emoção que sempre será revivida, quando

os momentos forem lembrados. Isso porque a intensidade da experiência e da vivência torna aquele momento de aventura vivido junto à natureza algo único e extremamente significativo na história de cada indivíduo.

Esta pesquisa buscou, não apenas consolidar o medo e o prazer como emoções fundamentais nas vivências destas atividades, mas também, despertar o interesse de outros estudos no aprofundamento das reflexões nesta área, a qual tem conexões, tanto nas esferas da Administração e do Turismo, quanto na Psicologia e na Educação Física. Este fato se dá devido às influências que as emoções exercem, não apenas no lado comercial das atividades de aventura, mas também, nos aspectos técnicos e sociais das mesmas.

Com base nos resultados deste estudo, algumas outras inquietações foram despertadas, como, por exemplo: as possíveis diferenciações de gênero acerca dos elementos perceptuais sobre as emoções; as possibilidades de identificação de outros sentimentos e emoções, além de novos modos de se olhar a maneira como os profissionais atuantes neste setor da atividade física lidam com as subjetividades inerentes a estas práticas.

De fato, os elementos Prazer e Medo agem de forma profunda nas relações traçadas entre estas atividades e os sujeitos praticantes, levando em conta aspectos sociais e psicológicos, os quais podem e devem ser ainda mais aprofundados. Este estudo torna-se um ponto inicial nas buscas pela compreensão das complexas inter-relações subjetivas do sujeito com os aspectos psicológicos e os reflexos destas nas atitudes e ações dos seres humanos.

Estas e outras temáticas tornam-se desafios interessantes para futuros estudos, elucidando os componentes afetivo-emocionais vinculados às vivências de aventura na natureza.

8. REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 2.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

ABDALAD, L.S. **A participação feminina nos esportes de aventura e risco: um vôlei no universo do desafio e da incerteza**. 2001. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio De Janeiro, 2001.

BAKER, R. **Ataques de pânico e medo**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BARBIERI, C. P. A angústia do desejo satisfeito. **Cogito**, vol. 6, p. 57-59, 2004.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3ed. Lisboa: Edições70, 2004.

BARROS, M.I.A.; DINES, M. Mínimo impacto em áreas naturais: uma mudança de atitude. In: SERRANO, C.A. **Educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo: Chronos, 2000, p. 47-84.

BELLATO, R.; CARVALHO, E.C. O jogo existencial e a ritualização da morte. **Revista Latino Americana de Enfermagem**. Vol.13, nº1, p.99-104, 2005.

BERNSTEIN, P.L. **Desafio aos deuses: a fascinante história do risco**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BETRÁN, J. O. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: análisis sociocultural. **Apuntes: Educación Física y Deportes**, Barcelona, nº 41, p. 5-8, 1995.

_____. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. **Turismo, Lazer e Natureza**. Barueri: Manole, 2003, p.157-202.

BETTI, I.C.R. **O prazer em aulas de educação física escolar**: a perspectiva discente. 1992. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

BONOW, I.W. **Elementos de Psicologia**: Para escolas normais e de Segundo grau. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.18, n.2, p.86-91, 1997.

_____. (Org). **Temas sobre Lazer**. Coleção Educação Física e Esporte. Campinas: Autores Associados, 2000.

_____. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. **Turismo, Lazer e Natureza**. Barueri: Manole, 2003, p.29-52.

BURGOS, M.S.; PINTO, L.M.S.M.(Org.) **Lazer e estilo de vida**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.

CAILLOIS, R. **Os Jogos e os Homens**: a máscara e a vertigem. Lisboa: Cotovia, 1990.

CALLANDER, M; PAGE, S.J. Managing risk in adventure tourism operations in New Zealand: a review of the legal case history and potential for litigation. **Tourism Management**, v.24, p.13-23, 2003.

CAMARGO, L.O.L. **Educação para o Lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

CARNICELLI FILHO, S. **Rafting: Emoções e Sensações no Meio Natural**. 2005. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista – Campus Rio Claro, Rio Claro, 2005.

CARNICELLI FILHO, S; SCHWARTZ.G.M. Guias de *Rafting*: perfil e emoções. **Lécturas educación física y deportes (Buenos Aires)**. Año 10 - Nº 85, 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd85/rafting.htm>> Acesso em: 22 out. 2007.

CATER, C. I. Playing with risk? Participant perceptions of risk and management implications in adventure tourism. **Tourism Management**, n.27, p. 317-325, 2006.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PÁRA-QUEDISMO. **Histórico do Pára-Quedismo**. Fortaleza, 2007. Disponível em: < <http://www.cbpq.org.br/historia.php>>. Acesso em: 19 mar. 2007.

CORNELOUP, J. **Escalades et société**: contribution à l'analyse du système, du communicationnel et du social. Paris: Thèse de docteur, 1993.

COSTA, C. S. C. **Formação Profissional no Esporte Escalada**. 2004. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

COSTA, V.L.M. **Esportes de aventura e risco na montanha**: um mergulho no imaginário. São Paulo: Manole, 2000.

COSTA, M.R.M; COSTA, V.L.M. As vagabundagens de Dionísio apresentadas na tribo de skatistas streeters. **Lecturas en Educación Física y Deporte**. nº 74, 2004.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **A Psicologia da Felicidade**. São Paulo: Saraiva, 1992

_____. **A descoberta do Fluxo**: A psicologia do envolvimento com a vida cotidiana. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DAMÁSIO, A. **O Erro de Descartes**: Emoção, Razão e o Cérebro Humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **O Mistério da Consciência**: Do Corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DARWIN, C. **The Expression of the emotions in man and animals**. Londres: John Murray, 1872.

DE MASI, D. **O Ócio Criativo**. 2ªed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DIEGUES, A.C. **O mito moderno da natureza intocada**. 3ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

ENGELMANN, A. **Os estados subjetivos, uma tentativa de classificação de seus relatos verbais**. São Paulo: Ática, 1978.

EWERT, A. Managing Fear in the Outdoor Experiential Education Setting. **Journal of Experiential Education**. n.12, v. 1, p. 19-25, 1988.

EWERT, A. **Outdoor Adventure Pursuits**: foundations, models and theories. Columbus: Publishing Horizons, 1989.

- EWERT, A; HOLLENHORST, S. Testing the Adventure Model: Empirical Support for a Model of Risk Recreation Participation. **Journal of Leisure Research**. vol. 21, nº2, p.124-139, 1989.
- FECHET, J.E; CRANE, J.; SMITH, G.H. **Parachutes**. New York: National Aeronautics Council, INC, 1942.
- FERREIRA, A.B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000.
- FREIRE, M. **Mergulho**: desvelando emoções e sensações. 2005. 150f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.
- FRIEDMAN, G. **El Trabajo Desmenuzado**. Especializacion Y Tiempo Libre. Buenos Aires: Sudamericana, 1958.
- FREUD, S. **Escritos sobre a Psicologia do inconsciente**, vol. I. Rio de Janeiro: IMAGO, 2004.
- GALLOWAY, S. Adventure Recreation Reconceived: Positive Forms of Deviant Leisure. **Leisure/Loisir**. vol. 30, nº1, p. 219-231, 2006.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GRAY, J. A. **A Psicologia do Medo e do “Stress”**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

- GRECO, C.C. O Treinamento Físico e as Atividades na Natureza. In: SCHWARTZ, G. **Aventuras na Natureza: consolidando significados**. Jundiaí, 2006. p.81-97.
- GUTIERREZ, G.L. **Lazer e Prazer: questões metodológicas e alternativas políticas**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- GUYTON, A.C.; HALL, J. E. **Tratado de Fisiologia Médica**. 10 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- HACKFORT, D. Functional attributions to emotions in sports. In: NITSCH, J.; SEILER, R. **Motivation, Emotion, Stress**. Sankt August: Academia Verlag, 1993. p.143-149.
- HONGLER, R. El stress y el miedo em deporte. **Revista de Entrenamiento Deportivo**. Volume II, nº 4, p. 20-31, 1988.
- HONORÉ, C. **Devagar**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HUBER, A. **El miedo**. Madri: Acento Editorial, 2000.
- IBRAHIM, H.; CORDES, K.A. **Outdoor Recreation: Enrichment for a lifetime**. 2ed, Champaign: Sagamore Publishing, 2002
- KANT, E. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. 1ª ed, São Paulo: Iluminuras, 2006.
- LAZARUS, R.S. **Emotion and adaptation**. New York: University Press, 1991.
- LE BRETON, D. Risco e Lazer na Natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. **Viagens, Lazer e Esporte: o espaço da natureza**. Barueri: Manole, 2006, p.94-117.

LEDOUX, J. Emotion and the Limbic System Concept. **Concepts in Neuroscience**, v.2, p. 169-199, 1991.

_____. **O Cérebro Emocional**: os misteriosos alicerces da vida emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

LOWEN, A. **Prazer**: uma abordagem criativa da vida. São Paulo: Círculo do Livro, 1970.

MACFARLANE, R. **Mountains of the mind**: How desolate and forbidding heights were transformed into experiences of indomitable spirit. Nova York: Pantheon Books, 2003.

MACHADO, A.A. **Psicologia do Esporte**: da educação física escolar ao esporte de alto nível. Série Educação Física no Ensino Superior. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MACHADO, F.H. Mundo Emocionado e as Atividades Físicas de Aventura na Natureza. In: Schwartz, G. **Aventuras na Natureza**: Consolidando significados. Jundiaí: Fontoura, 2006a, p. 103-112.

MACHLIS, G.E; ROSA, E.A. Desired Risk: Broadening the social amplification risk framework. **Risk Analysis**. v.10, p.161-168, 1990.

MAY, R. (Org) **Miedo y Sociedad**. Buenos Aires: Escuela, 1966.

MARCELLINO, N.C.(Org.) **Lazer**: Formação e atuação profissional. 4ªed. Campinas: Papirus, 2001.

MARINHO, A. Da Aceleração ao pânico de não fazer nada: corpos Aventureiros como possibilidade de resistência. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. **Turismo, Lazer e Natureza**. Barueri: Manole, 2003, p.1-28.

_____. **Da busca pela natureza aos ambientes artificiais:** reflexões sobre a escalada esportiva. 2001. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

_____; BRUHNS, H.T. **Turismo, lazer e natureza.** Barueri: Manole, 2003.

MARINO, R. J. **Fisiologia das emoções:** introdução a neurologia do comportamento, anatomia e funções do sistema límbico. São Paulo: Savier, 1975.

MELO, V. A. Lazer, Animação Cultural e Cinema. **Licere.** vol. 8, n. 1, p. 93-110, 2005.

MERKLE, L.A. **Apostila destinada à formação básica de guias de Rafting.** Vale do Itajaí, 53p. 2002, Disponível em: <<http://cbca.org.br/biblioteca/biblioteca.php?modalidade=9>> Acesso em 19 mar. 2007.

MIRANDA, J; LACASA, E; MURO, I. Actividades físicas en la naturaleza: un objeto a investigar – dimensiones científicas. **Apunts: Educación Física y Deportes**, Barcelona, nº. 41, 1995. p. 53-69.

MORGAN, D; MOORE, K; MANSELL, R. Adventure tourists on water: linking expectations, affect, achievement and enjoyment to the sports tourism adventure. **Journal of Sport Tourism.** vol. 10, n. 1, p. 73-88, 2005.

MORIN, E. **O método:** o conhecimento do conhecimento. São Paulo: Europa-América, 1986

MORTLOCK, C. **The adventure alternative.** Cumbria: Cicerone Press, 1984.

PAPEZ, J.W. A proposed mechanism of emotion. **Archives of Neurology and Psychiatry**. Chicago, 1937.

PLATÃO. **Protagoras, Philebus and Gorgias**. 1ª Ed. New York: Prometheus Books, 1996.

POCIELLO, C. Os desafios da leveza – as práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, D.B. (Org) **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 115-120.

PARRA FILHO, D.; SANTOS, J.A. **Metodologia Científica**. 3 ed. São Paulo: Futura, 2000.

POYNTER, D.F. **Parachuting**: the skydiver's handbook. Santa Barbara: Para, 1989.

PRIEST, S. Factor exploration and confirmation for the dimensions of an adventure experience. **Journal of Leisure Research**. vol.24. p.127-139, 1992

_____; CARPENTER, G. Changes in perceived risk and competence during adventurous leisure experience. **Journal of Applied Recreation Research**. vol. 18, nº 4, p.265-280, 1993.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica**: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. São Paulo: UNISAL, 1998.

REBEL, G. **El Lenguaje Corporal**: lo que expresan las actitudes, las posturas, los gestos y su interpretación. Madri: EDAF, 2002.

REICH, W. **A função do orgasmo**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROAZZI, A.; FREDERICCI, F. C. B.; CARVALHO, M. R. A.; A questão do consenso nas representações sociais: um estudo do medo entre adultos. **Psicologia:** Teoria e Pesquisa, vol. 18, n.2, 179-192, mai/ago, 2002.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do Esporte:** Manual para a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia. Barueri: Manole, 2002.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SCHWARTZ, G.M. ; SILVA, R.L. Lazer, turismo, ecologia: contribuições para uma nova atitude. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 11, 1999, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu, 1999, p.418-422.

SCHWARTZ, G.M. Emoção, aventura e risco - a dinâmica metafórica dos novos estilos. In: BURGOS, M.S.; PINTO, L.M.S.M.(Org.). **Lazer e estilo de vida.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.

_____. O Conteúdo virtual do Lazer: Contemporizando Dumazedier. **Licere.** Vol. 6, n. 2, 2003, p.23-31.

SOUSA, F.R. **O imaginário no rafting:** uma busca pelos sentidos da aventura, do risco e da vertigem. 2004. 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

STEBBINS, R. A.Casual Leisure: A conceptual statement. **Leisure Studies**, Vol. 16, nº1, p. 17-25. 1997.

STOCKER, M.;HEGEMAN, E. **O valor das emoções**. São Paulo: Palas Athenas, 2002.

SWARBROOKE, J.; BEARD, C.; LECKIE, S.; POMFRET, G. **Turismo de aventura:** conceitos e estudos de casos. Rio de Janeiro: Campos/Elsevier, 2003.

SZASZ, T.S. **Dor e Prazer:** Um estudo das Sensações Corpóreas. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

TAHARA, A.K **Aderência às Atividades Físicas de Aventura na Natureza, no Âmbito do Lazer**. 2004. 97 f. Dissertação (Mestrado em Pedagogia da Motricidade Humana) – Universidade Estadual Paulista – Campus Rio Claro, Rio Claro, 2004.

THIOLLENT, M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1987.

THOMAS, A. **Esporte:** Introdução à psicologia. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992.

TUAN, Y. **Paisagens do Medo**. São Paulo: Unesp, 2005.

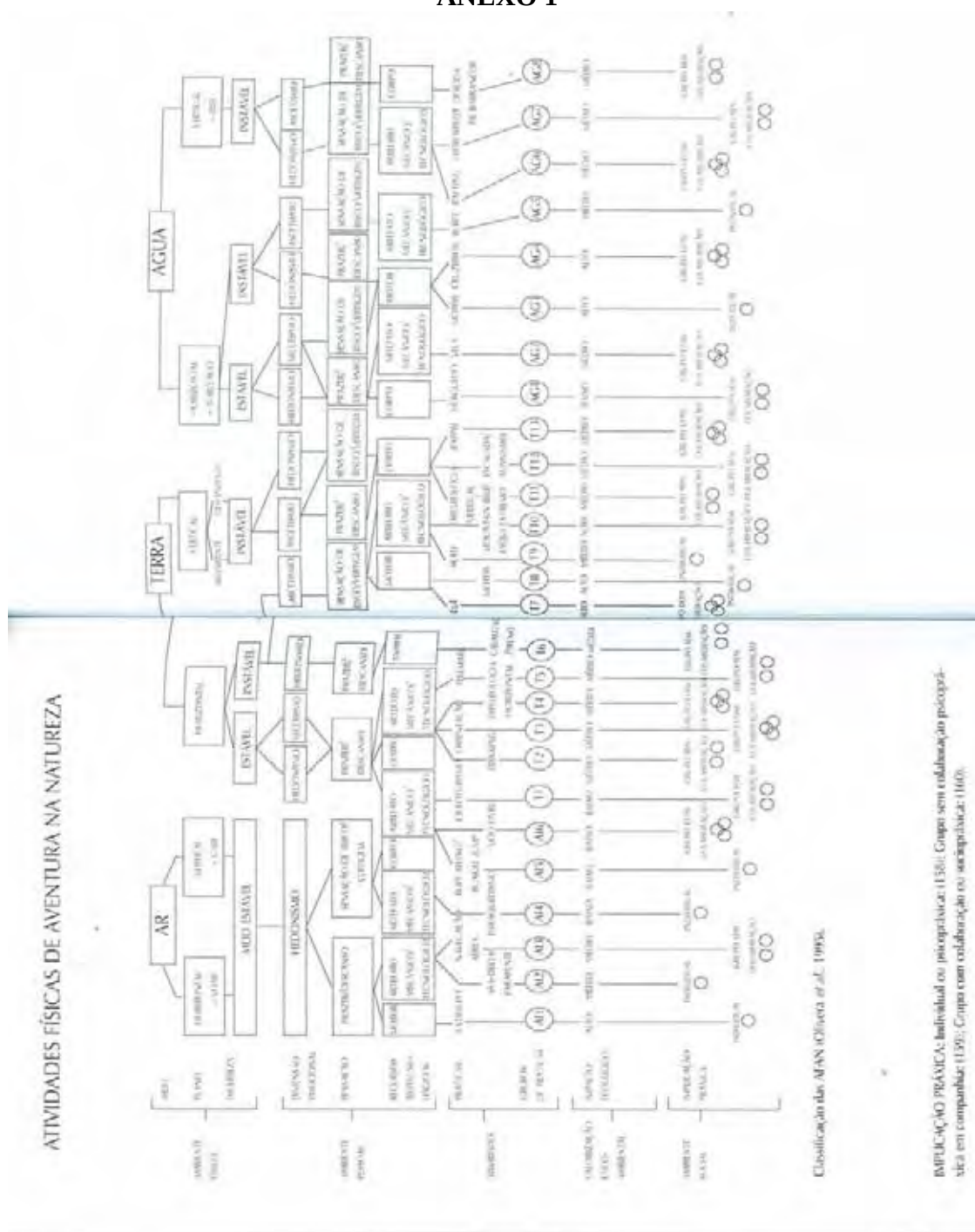
VANIER, A. Temos Medo de Quê?. **Ágora**. Vol. 9 , nº2, p.285-298, 2006.

WATSON, J.B. **Behaviorism**. New York: Norton, 1924.

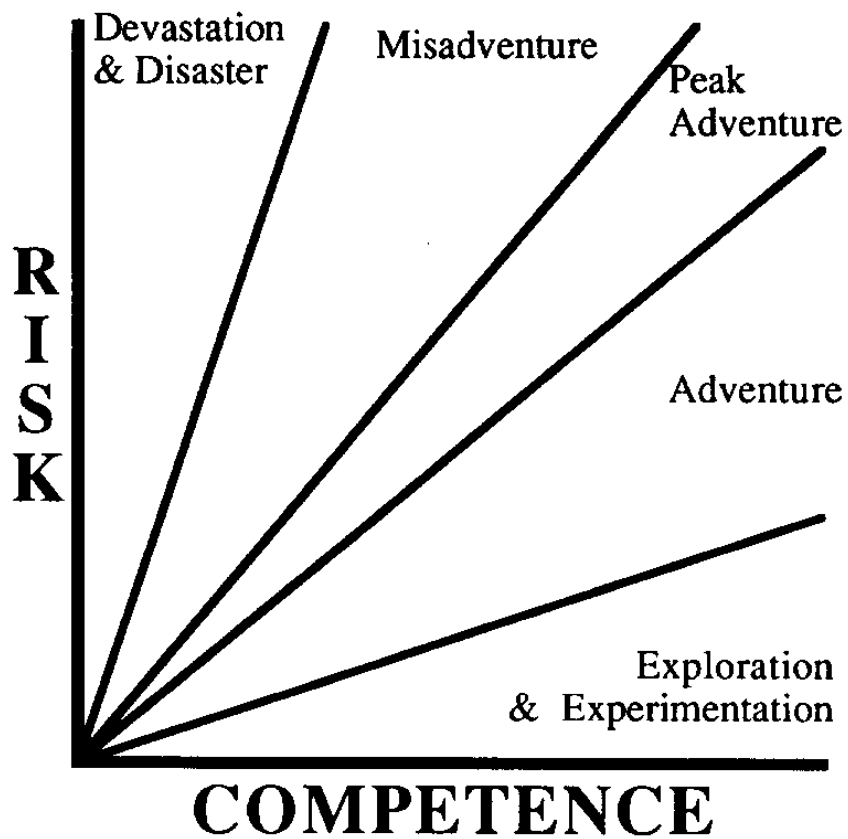
WHITTAKER, J.O. **Psicologia**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1976.

WOODWORTH, R.S; MARQUIS, D.G. **Psicologia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

ANEXO 1



ANEXO 2



Priest (1992): *Adventure Experience Paradigm (AEP)*

ANEXO 3

Perguntas realizadas durante a entrevista, que foi realizada momentos antes do início da atividade e logo após o término.

Idade:

Grau de Escolaridade:

Pratica há quanto tempo/ quantas vezes já fez:

1. Que emoções você está sentindo nesse momento? Explique.
2. Como você define Medo? (pergunta feita somente antes do início da atividade).
3. Como você define Prazer? (pergunta feita somente antes do início da atividade).
4. Nessas atividades, você acha possível sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
5. Em relação à atividade, você está sentindo (sentiu) medo? Explique? Se SIM, de 0 a 5, sendo 0 o menor índice e 5 o maior, aponte a intensidade de seu medo!
6. Em relação à atividade, você está sentindo (sentiu) prazer? Explique? Se SIM, de 0 a 5, sendo 0 o menor índice e 5 o maior, aponte a intensidade de seu prazer!
7. Nesta atividade, o que pode lhe causar mais prazer?
8. Nesta atividade, o que pode lhe causar mais medo?

ANEXO 4



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Rio Claro
Seção Técnica Acadêmica
Comitê de Ética em Pesquisa



Rio Claro, 17 de maio de 2006.

Ofício CEP 074/2006

Prezado Senhor,

Informo que em reunião realizada em **16.05.2006**, o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências, UNESP, Campus de Rio Claro (CEP-IB-UNESP), aprovou o projeto de pesquisa intitulado "**As relações de Prazer e Medo focalizadas nas Atividades Físicas de Aventura na Natureza**", sob sua responsabilidade, protocolo 2599, datado de 10/04/2006 e, tendo como orientadora a Profa. Dra. Gisele Maria Schwartz.

Atenciosamente,

Profa. Dra. **Rosa Maria Feiteiro Cavalari**
Coordenadora do Comitê

Ilmo. Sr.
SANDRO CARNICELLI FILHO
Avenida P-21, 60
13506-829 Rio Claro - SP

ANEXO 5

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu,, RG....., DO SEXO....., NASCIDO EM....., MORADOR E DOMICILIADO À (RUA/AV).....Nº....., NA CIDADE DE, ESTADO....., TELEFONE..... tendo sido convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado: “As relações de Prazer e Medo focalizadas nas Atividades de Aventura na Natureza” orientado pela Profª Drª Gisele Maria Schwartz DECLARO ESTAR INFORMADO E PLENAMENTE ESCLARECIDO pelo Sr. SANDRO CARNICELLI FILHO, mestrando do programa de Ciências da Motricidade, no INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS da UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” – CAMPUS DE RIO CLARO, localizado na Av. 24-A, 1515 – Bela Vista, Rio Claro-SP – CEP: 13506-900, fone (19) 3526 4125, sobre a minha participação no projeto

Fui informado de que o propósito da pesquisa é investigar a presença do medo e do prazer durante a primeira prática de uma atividade de aventura na natureza e suas possíveis relações.

Minha participação se dará através das respostas de duas entrevistas a serem realizadas antes e após a atividade.

Compreendo que os resultados do estudo da pesquisa podem ser publicados, mas que meu nome ou identificação não serão revelados. Para manter a confiabilidade de meus registros, o Sr. Sandro Carnicelli Filho, usará códigos para os sujeitos e irá transcrever na íntegra todas as entrevistas.

Fui informado também que qualquer dúvida que tiver em relação à pesquisa ou à minha participação, antes ou depois do meu consentimento, serão respondidas por SANDRO CARNICELLI FILHO, RG. 23245228-3, RESIDENTE À AV. P-21, Nº 60 – RIO CLARO-SP-FONE: (19) 35333537.

Declaro ter sido plenamente esclarecido sobre a natureza, demanda, riscos e benefícios do projeto e compreendo que posso interromper minha participação a qualquer momento.

Declaro ainda que recebi cópia deste Termo.

Local

Data.

Assinatura

ANEXO 6

ENTREVISTAS - PÁRA-QUEDISMO

P-1 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 24 anos
- Grau de escolaridade?
- Superior incompleto.
- Já fez alguma vez?
- Não, primeira vez.
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- To muito ansiosa mas como era uma coisa que eu queria ter feito a bastante tempo, eu to muito feliz agora
- Pra você o que é medo?
- É uma sensação boa porque te dá limite.
- E prazer?
- É melhor ainda porque é aquilo que você gosta de estar fazendo e vai ser uma realização pra você.
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
- Com certeza, eu vou estar saltando e não vou saber o que vai, o que pode acontecer.
- Você está sentindo medo?
- Não, seria mais ansiedade!
- De 0 a 5, quanto de medo?
- Ah, 3,
- E você está sentindo prazer?
- Sim, muito
- De 0 a 5, quanto?
- 5
- O que você acha que pode te dar mais prazer na atividade?
- A hora que sair do avião, o salto, a queda livre.
- E o que você acha que pode te dar medo?
- Ah, antes de sair, a hora que eu estiver vendo a altura que estiver lá em cima pra saltar.

P-1 APÓS A ATIVIDADE

- Agora, que emoções você está sentindo nesse momento depois da atividade?
- Ah, realizei o que eu estava querendo, foi muito melhor do que eu esperava.
- Você acha que deu pra sentir prazer e medo ao mesmo tempo?
- Muito, principalmente na hora que eu tava lá na porta, pra saltar.
- Você sentiu medo?
- Senti.
- De 0 a 5, quanto?
- 5
- Deu pra sentir prazer?

- 5 também
- O que te deu mais prazer?
- A queda livre, eu estava esperando que seria a hora da queda livre mesmo, porque depois, quando você voa, dá também, acho que a parte toda dá pra sentir
- E o que te deu medo?
- A hora que fiquei com medo foi a hora que o meu pára-quedas abriu e o do cinegrafista não ai, eu, assim, eu sabia que o dele ia abrir mas eu fiquei preocupada, fiquei olhando muito, assim...

P-2 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 21 anos
- Grau de escolaridade?
- Superior incompleto.
- Já fez alguma vez?
- Não.
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Um pouco de ansiedade.
- Pra você o que é medo, como você define?
- Ah, algo inesperado que pode acontecer, desagradável.
- Como você define prazer?
- Ah,uma coisa muito boa, que te traz recordações depois.
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
- Com certeza.
- Com relação a atividade, você está sentindo medo?
- Acho que um pouco...
- De 0 a 5, quanto de medo?
- De 0 a 5? 2.
- E você está sentindo prazer?
- Por enquanto acho que não, mais pra frente, acho que sim...
- De 0 a 5,quanto?
- 3
- O que você acha que pode te dar mais prazer na atividade?
- A hora que estiver caindo
- E o que você acha que pode te dar medo?
- Ah, se começar a dar alguma coisa errada, vai dar medo!

P-2 APÓS A ATIVIDADE

- Agora, que emoções você está sentindo nesse momento na volta?
- Nossa, muito bom cara, experiência fantástica. Acho que um pouco aliviado, uma emoção muito grande
- Deu pra sentir prazer e medo ao mesmo tempo?

- Não acho que foram momentos diferentes, assim, acho que no começo, como eu falei na subida , um pouco de medo lá no avião e depois foi só prazer.
- Deu pra sentir medo?
- É, como eu disse, no começo lá foi um pouco tenso, daí eu, nossa, o que é que eu to fazendo aqui, mais no avião, daí quando começou rolar mais pra cima, daí foi indo, acostumando e mudando pro prazer.
- De 0 a 5, quanto de medo?
- No começo uns 3,4 assim e depois foi diminuindo
- E prazer, deu pra sentir?
- Deu, muito, cara, nossa, queda livre, depois, dando uma volta lá no pára-quedas assim, muito bom.
- De 0 a 5, quanto?
- ah, 5 cara, muito bom!
- Que momento te deu mais prazer?
- Ah, a hora que você sai do avião, que você começa a sair é muito bom, cara
- E que momento te deu mais medo?
- Na subida, no avião.

P- 3 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 27 anos
- Grau de escolaridade?
- Mestrando.
- Já fez alguma vez?
- Não.
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Ansiedade
- Pra você o que é medo, como você define medo?
- Algo inesperado
- E prazer?
- Alegria
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
- Acho que sim
- Você está sentindo medo?
- Não,
- De 0 a 5, quanto?
- 1
- E você está sentindo prazer?
- Por enquanto não
- De 0 a 5,quanto?
- 2
- O que você acha que pode te dar mais prazer na atividade?
- O salto, a saída do avião.
- E o que você acha que pode te dar medo?

- Algo inesperado que der errado.

P-3 APÓS A ATIVIDADE

- Agora, que emoções você está sentindo nesse momento depois da atividade?
- Ah, é muito bom, é animal. Acho que to sentindo um pouco de tudo, To agitado, aliviado, feliz, é bacana.
- Você acha que deu pra sentir prazer e medo ao mesmo tempo?
- Sim, deu
- Você sentiu medo?
- Medo, não sei, acho que sim. De 0 a 5, acho que senti de medo 1 mesmo.
- Deu pra sentir prazer?
- Prazer, saiu de 2 pra 5
- O que te deu mais prazer?
- Depois da estabilização, depois do salto, quando a gente estabilizou, deu pra curtir mais o salto
- E o que te deu medo?
- Quando tava a 6 mil pés que eu olhei pela janela.

P-4 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 20 anos
- Grau de escolaridade?
- To fazendo faculdade.
- Já fez alguma vez?
- Não.
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Um friozinho na barriga e to na expectativa pra pular.
- Pra você o que é medo, como você define medo?
- sei lá, é a incapacidade de mudar alguma coisa, sei lá, não ter como me proteger de alguma forma, sabe?
- E prazer, pra você o que é prazer?
- Prazer sei lá, é a felicidade, estar alegre.
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
- É claro, o medo é o frio na barriga, mas depois que você acostuma daí é prazer.
- Com relação a atividade, você está sentindo medo?
- Não!
- De 0 a 5, quanto de medo?
- 0
- E você está sentindo prazer?
- Pouco
- De 0 a 5,quanto?
- 2, 3..
- O que você acha que pode te dar mais prazer na atividade?
- Ah, não sei acho que por ser uma experiência diferente.

- E o que você acha que pode te dar medo?
- Por que eu não conheço.

P-4 APÓS A ATIVIDADE

- Agora, que emoções você está sentindo nesse momento, na volta?
- Ah, to feliz, curti muito, muito louco.
- Você achou possível sentir prazer e medo ao mesmo tempo?
- Sim
- Você sentiu medo?
- Não, acabei não sentindo.
- De 0 a 5, quanto?
- 1, vai.
- Deu pra sentir prazer?
- Sim
- De 0 a 5, quanto?
- 5
- O que te deu mais prazer?
- A queda livre, a hora da queda livre
- E esse pouco de medo, o que foi que te deu medo?
- Medo de estar no avião e ter que pular de uma avião mó alto.

P-5 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 23 anos
- Grau de escolaridade?
- Superior completo.
- Já fez alguma vez?
- Primeira vez.
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Ah, Normal, frio na barriga mesmo e a vontade de pular, já estamos aqui...
- Pra você o que é medo?
- Ah, eu sinto direto, é normal, é um sentimento comum.
- E prazer?
- Também, um sentimento comum que você vai sentir sempre
- Nessa atividade que você vai fazer você acha possível sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
- Acho mais medo antes e prazer durante e depois
- Você está sentindo medo?
- To
- De 0 a 5, quanto?
- Ah, acho que uns 3
- E você está sentindo prazer?
- A prazer mais, velho, to
- De 0 a 5,quanto?

- Ah, uns 5, tá dando vontade de pular..
- O que você acha que pode te dar mais prazer na atividade?
- Cara, não sei, talvez conseguir enxergar, talvez conseguir pular sem nuvem, ver tudo, seria legal
- E o que você acha que pode te dar medo?
- Ah, mais medo é óbvio, não abrir o pára-quedas.

P-5 APÓS A ATIVIDADE

- Agora na volta que emoções você está sentindo?
- Ah igual meu irmão alívio e prazer assim dá mó relax veio, parece quando você passou no vestibular, saca que dá um puta alívio da porra?
- Você acha que deu pra sentir prazer e medo ao mesmo tempo?
- Sempre... não só no pára-quedismo, mas em quase tudo que você faz, você acaba sentindo as duas coisas
- Você sentiu medo?
- Senti, claro
- De 0 a 5, quanto?
- Eu senti menos do que quando eu tava aqui, a ansiedade, na verdade é pior, cheguei lá e de 0 a 5, sei lá, 2, 2...3.
- E prazer, sentiu?
- Demais demais
- de 0 a 5, quanto?
- ah, 5 véio
- O que te deu mais prazer?
- Ah, cara, pra mim foi fazer alguma coisa nova que eu nunca provou, velho, tipo, deve ser igual a primeira vez no sexo, cara, é meio igual, você fica meio assim, mas é bom, veio, é muito bom
- E o que te deu medo?
- Ah, o pára-quedas não abrir, fica olhando direto pra cima, ver se estava aberto.

P-6 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 20 anos
- Grau de escolaridade?
- Superior incompleto.
- Já fez alguma vez?
- Não, primeira vez.
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Acho que aquilo que todo mundo sente, frio na barriga na hora, ansiedade na hora.
- Pra você o que é medo?
- Medo é alguma coisa que você não conhece, que você vai enfrentar a primeira vez
- E prazer?
- Prazer é adrenalina.
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo prazer e medo?

- Acho que medo antes e prazer, depois e durante...
- Com relação a atividade, você está sentindo medo?
- No momento eu tô
- De 0 a 5, quanto?
- Uns 4
- E você está sentindo prazer?
- To
- De 0 a 5, quanto?
- 5
- O que você acha que pode te dar mais prazer?
- Chegar aqui inteiro
- E o que você acha que pode te dar medo?
- O pára-quedas não abrir

P-6 APÓS A ATIVIDADE

- Agora, que emoções você está sentindo nesse momento depois da atividade?
- Alívio e felicidade de estar inteiro
- Você achou possível sentir prazer e medo ao mesmo tempo?
- Não, senti só prazer, medo é só antes mesmo.do pulo, durante só prazer mesmo.
- Você sentiu medo?
- Só antes.
- De 0 a 5, quanto?
- Acho que uns 4, de altura, de pensar será que eu pulo.
- Sentiu prazer?
- Senti, ô, muito.
- De 0 a 5, quanto?
- Ah, 5!
- O que te deu mais prazer?
- A queda livre,
- E o que te deu medo?
- O medo, foi só antes, mesmo, foi ver a altura, a altura é o que dá mais medo.

P-7 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 23 anos
- Grau de escolaridade?
- Segundo grau
- Já fez alguma vez?
- Não, primeira vez.
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Até agora nada... to tranquilo. Agora to tranquilo, só na hora que eu acho que vou ficar meio nervoso.
- Pra você o que é medo, como você define?
- É algo que não se conhece.

- E prazer?
- Prazer é tudo o que você gosta de fazer
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
- Com certeza.
- Você está sentindo medo?
- Ainda não.
- De 0 a 5, quanto?
- Ah, 1, por enquanto
- E você está sentindo prazer?
- Ainda não também...
- De 0 a 5, quanto?
- 1 também
- O que você acha que pode te dar mais prazer na atividade?
- Não sei ainda... imagino que na queda livre
- E o que você acha que pode te dar medo?
- Ah, não abrir o pára-quedas.

P-7 APÓS A ATIVIDADE

- Agora, que emoções você está sentindo nesse momento?
- Animal, muito bom, muito bom.
- Você achou possível sentir prazer e medo ao mesmo tempo?
- Deu
- Você sentiu medo?
- Na hora que você salta você sente medo, dá aquele frio na barriga.
- De 0 a 5, quanto?
- Ah, foi, vou te falar que é tão rápido que não chega a 5, mas que foi uns 4, foi.
- E prazer?
- Muito, 5, 10, até aumenta
- O que te deu mais prazer?
- A queda livre,
- E o que te deu medo?
- Só o salto, a hora que salta dá um medinho.

P-8 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 18 anos
- Grau de escolaridade?
- Cursando a faculdade, superior.
- Já fez alguma vez?
- Não, não, primeira.
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Ansiedade.
- Pra você o que é medo?

- Quando você termina e nunca mais quer fazer ou se você não consegue fazer alguma coisa.
- Pra você o que é prazer?
- Quando você termina e quer fazer de novo
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
- Acho
- Você está sentindo medo?
- Não!
- De 0 a 5?
- 1, tranquilo.
- E você está sentindo prazer?
- Ah, mais que cinco
- O que você acha que pode te dar mais prazer na atividade?
- Ah, na hora que você se soltar livre no ar, é o ápice...
- E o que você acha que pode te dar medo?
- Quando eu estiver antes de saltar lá no avião, olhando pra baixo.

P- 8 APÓS A ATIVIDADE

- E aí? Que emoções você está sentindo nesse momento na volta?
- Vontade de fazer de novo, veio, adrenalina total.
- Deu pra sentir prazer e medo ao mesmo tempo?
- Deu, deu sim!!!
- Sentiu medo?
- Só na hora que abriu a porta do avião, nesse momento
- De 0 a 5, quanto?
- Ah, naquela hora uns 10 meu, 10-15
- E de pra sentir prazer?
- Deu
- De 0 a 5, quanto?
- Também, 50, 100, muito bom...!
- O que te deu mais prazer?
- Ah, o salto todo, não tem um momento específico.
- E que momento te deu mais medo?
- No momento que começa a ficar alto com o avião, já começa a dar medo...

P-9 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 22 anos
- Grau de escolaridade?
- Superior incompleto.
- Já fez alguma vez?
- Pára-quedas? Não, primeira vez.
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Muito medo, frio na barriga, tremedeira

- Pra você o que é medo?
- Medo? Como que eu posso dizer? É uma sensação estranha que você fica tremendo, medo de não sobreviver.
- Pra você o que é prazer, como você define prazer?
- Prazer é uma sensação gostosa, uma adrenalina é ao mesmo tempo uma mistura de medo também.
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
- Com certeza, é o que eu disse antes, uma mistura.
- Você está sentindo medo?
- Agora não muito, vamos ver lá encima.
- De 0 a 5, quanto de medo?
- Ah, 3..
- E você está sentindo prazer?
- Sim, sim, muito
- De 0 a 5, quanto?
- 5
- O que você acha que pode te dar mais prazer na atividade?
- Na hora que eu estiver em queda livre.
- E o que você acha que pode te dar medo?
- Ah hora que eu estiver sentada no avião, antes de pular.

P-9 APÓS A ATIVIDADE

- Agora, que emoções você está sentindo nesse momento na volta?
- É muita emoção, nossa, é a coisa mais gostosa do mundo, quando você cai em queda livre não parece que você ta caindo. To aliviada de mais, lá em cima não senti medo nenhum, o medo é consequência da ansiedade
- Deu pra sentir prazer e medo ao mesmo tempo?
- Quando o avião tava subindo eu senti os dois ao mesmo tempo, mas na queda não.
- Sentiu medo?
- Não
- De 0 a 5, quanto de medo?
- 0
- E sentiu prazer
- Senti, de 0 a 5, 5....
- Que momento te deu mais prazer?
- Cair de Queda Livre, queda livre, é!
- E que momento te deu mais medo?
- Realmente quando o avião tava subindo, subindo e aí o instrutor disse que ainda tava na metade, aí deu um pouco de medo.

P-10 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 22 anos
- Grau de escolaridade?

- Superior incompleto.
- Já fez alguma vez?
- Não, primeira vez.
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Agora to um pouco assim, tenso né?, mas não to com medo não, to empolgado, a galera já saltou já todo mundo desceu e Ah, da hora, legal, daí to ansioso pra ir logo.
- Pra você o que é medo?
- Medo é uma junção de várias coisas é ansiedade, com a vontade de passar rápido, tensão...
- E prazer, como você define prazer?
- Prazer vai ser pular daqui a pouco, adrenalina.
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
- Pelo o que a turma descreveu aí, vai ser isso mesmo.
- Ta com medo?
- Não, agora não;
- De 0 a 5, quanto?
- 2
- E você está sentindo prazer?
- To
- De 0 a 5,quanto?
- 5
- O que você acha que pode te dar mais prazer na atividade?
- Na hora que sair do avião, a velocidade que cai, aproveitar esses 50 segundos que cai mesmo e depois só observar a paisagem com o pára-quedas aberto.
- E o que você acha que pode te dar medo?
- Alguma falha, não sei, abrir o reserva, não abrir, enroscar, mas não vai acontecer nada de errado.

P- 10 APÓS A ATIVIDADE

- Que emoções você está sentindo agora?
- Nossa, come é bom pisar no chão. É um pouco disso, tremendo um pouco as pernas, muito bom
- Deu pra sentir prazer e medo ao mesmo tempo?
- Deu, deu, no momento da saída, também no momento que abre a porta você olha pra fora, ta com vontade de sair, mas não quer sair ao mesmo tempo, então você mistura essas duas coisas
- Sentiu medo?
- Não, eu pensei que ia sentir, mas não senti, na hora não.
- De 0 a 5, quanto de medo?
- Lá em cima 0
- Deu pra sentir prazer?
- Deu...
- De 0 a 5 quanto?
- 5, 5...
- Que momento te deu mais prazer?

- A Queda Livre,antes de abrir o pára-quedas, depois que você saltou, você vai descendo naquela velocidade, o vento gelado na cara, foi a melhor parte
- E medo, em nenhum momento?
- Não dá pra descrever nada como medo não...

ENTREVISTAS - *RAFTING*.

R-1 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 21 anos
- Grau de escolaridade?
- Superior incompleto.
- Já praticou alguma vez Rafting?
- Não, é a primeira vez.
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Ansiedade!
- Explique!
- To esperando faz tempo por esse passeio.
- Como você define medo?
- Não sei definir no momento!
- E prazer, como você define?
- Uma coisa boa, uma sensação boa.
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
- Eu acho!
- Em relação à atividade você está sentindo medo?
- Não, não to!
- E você está sentindo prazer?
- Sim, estou!
- De 0 a 5, sendo 0 o mínimo e 5 o máximo, quanto de medo você está sentindo?
- 0
- De 0 a 5, sendo 0 o mínimo e 5 o máximo, quanto de prazer você está sentindo?
- 5
- Nessa atividade o que você acha que pode te dar mais prazer?
- a aventura em si
- Nessa atividade pode ter alguma coisa que te causa medo?
- Gostaria que não

R- 1 APÓS A ATIVIDADE

- Que emoções você está sentindo nesse momento depois da atividade?
- Relaxado, Extasiado e cansado e muito feliz!
- Nessa atividade deu pra sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
- Deu, deu!
- Em relação à atividade você sentiu medo em algum momento?
- Na hora que eu cai e não conseguia voltar
- De 0 a 5, quanto de medo?
- 2
- E você está sentindo prazer?
- Deu, 5!

- Nessa atividade o que você acha que te deu mais prazer?
- O final, as quedas maiores
- E medo?
- A hora que eu cai

R- 2 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 20 anos
- Grau de escolaridade?
- Segundo grau completo.
- Já praticou alguma vez Rafting?
- Não.
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Prazer, curiosidade!
- Como você define medo?
- To com medo de me machucar!
- E prazer, como você define?
- Excitante, uma coisa muito boa, gostosa
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo medo e prazer?
- Sim, ao mesmo tempo que se diverte dá um pouquinho de medo!
- Em relação à atividade você está sentindo medo?
- Por enquanto não!
- Então, de 0 a 5?
- 0
- Em relação à atividade você está sentindo prazer?
- Vamos esperar chegar lá! Ainda não, to esperando
- De 0 a 5?
- 0
- Nessa atividade o que você acha que pode te dar mais prazer?
- Tudo, ta junto com ele, esse lugar diferente
- E o que te causa mais medo?
- Ah, me machucar!

R- 2 APÓS A ATIVIDADE

- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Muito bom, to muito feliz, foi melhor do que eu esperava.
- Nessa atividade deu sentir ao mesmo tempo medo e prazer?
- Mais ou menos na hora que esse aqui caiu!
- Em relação à atividade você sentiu medo?
- Com relação a mim, não!
- Então, de 0 a 5?
- 0
- E prazer, sentiu prazer?
- Bastante

- De 0 a 5?
- 5
- Nessa atividade o que te deu mais prazer?
- Na hora das quedas, bem gostoso
- E o que te causou medo?
- Nada....

R- 3 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 29 anos
- Grau de escolaridade?
- Segundo grau completo.
- Já praticou alguma vez Rafting?
- Não, primeira vez
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Bom, como é a primeira vez, é emoção de nervosismo, a gente sempre espera um bom passeio, uma boa adrenalina
- Como você define medo?
- Cara, medo, como posso falar, O medo vem de repente, eu não sei falar o que realmente é o medo, é a primeira vez que a gente vai fazer, né? Então a gente fica pô como que é e tal, ansioso, então a gente tem a curiosidade.
- E prazer, como você define prazer?
- é uma coisa, muito boa, demais
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo medo e prazer?
- Com certeza, prazer e medo ao mesmo tempo
- Em relação à atividade você está sentindo medo?
- Quase nada
- Então, de 0 a 5?
- 0
- Em relação à atividade você está sentindo prazer?
- Muito, 5
- De 0 a 5?
- 5
- Nessa atividade o que você acha que pode te dar mais prazer?
- Do Rafting? A descida, as quedas
- E Medo, o que pode dar mais medo?
- A gente levar um escorregão de repente, né? Numa das quedas a gente cair....

R- 3 APÓS A ATIVIDADE

- E aí? Como que foi? Que emoções você está sentindo nesse momento após a atividade?
- Adrenalina pura
- Nessa atividade deu pra sentir ao mesmo tempo medo e prazer?
- Deu
- Em relação à atividade você sentiu medo?

- Não, em algumas partes eu senti... mas no resto correu tudo bem
- Então, de 0 a 5?
- 2
- Em relação à atividade você sentiu prazer?
- 5, deu muito prazer
- Nessa atividade o que você acha que te deu mais prazer?
- As quedas
- E Medo, o que mais te deu medo?
- Foi na hora das pedras, a gente achou que não ia conseguir passar.

R- 4 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 28 anos
- Grau de escolaridade?
- Superior completo.
- Já fez alguma vez Rafting?
- Não, primeira vez.
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Ainda estou na expectativa!
- Como você define medo?
- Medo é algo que você não conhece, então você tem receio, insegurança!
- E prazer, como você define prazer?
- Prazer é uma sensação de adrenalina, de vida, de desfrutar das coisas que a vida lhe proporciona
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo medo e prazer?
- Ah, com certeza, em algumas situação elas se misturam, né?
- Você está sentindo medo em relação à atividade?
- Não, não..... não!
- Então, de 0 a 5?
- 1, vai
- E Prazer, ta sentindo prazer antes de ir pra atividade?
- Ah, tô, porque aqui é lugar gostoso, então, o ambiente, você já ta na expectativa de fazer o passeio então você já vai curtindo.
- De 0 a 5?
- 3, por enquanto
- Nessa atividade o que você acha que pode te dar mais prazer?
- Ah, puxa ainda não sei exatamente assim o que, mas acho que a atividade em si por ser um esporte radical, diferente, que sai do dia a dia, da nossa rotina, isso por si só já dá prazer.
- E medo o que você acha que pode te dar medo?
- Ah, o bote virar, bater em alguma pedra, acontecer alguma coisa com alguém...

R- 4 APÓS A ATIVIDADE

- Que emoções você está sentindo nesse momento?

- Ah, satisfação
- Nessa atividade você achou possível sentir ao mesmo tempo medo e prazer?
- Um pouco, mas mais prazer do que medo
- você sentiu medo em relação à atividade?
- Um pouquinho!
- Então, de 0 a 5?
- 2
- E Prazer, deu pra sentir prazer?
- Deu, deu...
- De 0 a 5?
- 5
- O que te causou mais prazer nessa atividade?
- Na hora que a gente pulou na água, caiu na água, foi bem gostoso, foi legal...
- E medo deu medo em algum momento?
- Justamente nessa hora, porque não sabia até onde poderia ir, então aumenta a apreensão....

R- 5 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 27 anos
- Grau de escolaridade?
- Segundo grau completo.
- Já praticou alguma vez Rafting?
- Já
- Quantas vezes?
- 1
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Ansiedade, muita vontade de estar lá, de chegar lá....
- Como você define medo?
- Medo é uma sensação desconhecida, eu acho, você tem medo do desconhecido, depois que você conhece você não tem mais medo
- E prazer, como você define?
- Ah, o que você conhece, tem vontade de repetir, fazer de novo
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo medo e prazer?
- Acho!
- Em relação à atividade você está sentindo medo?
- No momento não, é mais ansiedade!
- Então, de 0 a 5, você acha quanto?
- Medo pro enquanto 0
- Em relação à atividade você está sentindo prazer?
- Tô
- De 0 a 5 quanto de prazer?
- Ah, acho que uns 3
- Nessa atividade o que você acha que pode te dar mais prazer?
- No momento que você vai sentir medo, quando você não sabe se vai virar, se vai cair....

- E o que te causa mais medo?
- Depois que você caiu e não conseguiu mais voltar pro bote!

R- 5 APÓS A ATIVIDADE

- Que emoções você está sentindo nesse momento, após a atividade?
- Ah, vontade de voltar, foi muito bom....
- Nessa atividade achou possível sentir ao mesmo tempo medo e prazer?
- Por mais que tivesse com prazer estava com medo daquilo que ainda podia vir a acontecer....
- Em relação à atividade você está sentiu medo?
- Fiquei com medo de sentir medo
- De 0 a 5?
- ah, 3
- Sentiu prazer?
- Ah senti
- De 0 a 5 ?
- Ah 5
- O que te deu mais prazer?
- A hora que a gente foi pra água...
- E o que te causou mais medo?
- Fiquei apreensiva,mas não teve nada que eu tive realmente medo

R- 6 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 56 anos
- Grau de escolaridade?
- Superior completo completo.
- Já praticou alguma vez Rafting?
- Nunca, primeira vez?.
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Curiosidade, Expectativa!
- Como você define medo?
- Medo, é aquela sensação ruim, paralizante!
- E prazer, como você define?
- Prazer é algo bom, que traz felicidade!
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo medo e prazer?
- Creio que sim
- Em relação à atividade você está sentindo medo?
- Não, to curioso e na expectativa!
- Então, de 0 a 5 quanto de medo o senhor ta sentindo?
- 1...2
- Em relação à atividade você está sentindo prazer?
- Não, no momento não... to na expectativa.... vamos ver!!
- De 0 a 5 de prazer?

- 2, agora.....
- Nessa atividade o que você acha que pode te dar mais prazer?
- A emoção de estar fazendo uma coisa diferente, que não é seu hábito.
- E medo, o que te causa mais medo?
- Falhar alguma coisa, cair do barco....

R- 6 APÓS A ATIVIDADE

- Que emoções você está sentindo nesse momento, após a atividade?
- Feliz e Relaxado
- Deu pra sentir ao mesmo tempo medo e prazer?
- Não senti medo, estava seguro, tava tranquilo, preencheu muito além das expectativas
- Então o senhor não sentiu medo? De 0 a 5?
- Continua no 1...2
- Em relação à atividade você está sentindo prazer?
- Muito prazer, muito bom
- De 0 a 5 ?
- 5
- Nessa atividade o que você acha que te deu mais prazer?
- Nessa hora que você descia aquelas cachoeiras, dava aquela adrenalina...

R- 7 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 56 anos
- Grau de escolaridade?
- Superior completo.
- Já praticou alguma vez Rafting?
- Não, primeira vez
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Acho que deve ser muito legal, não só pela oportunidade mas depois de 4 anos ta conseguindo reunir toda a família pra comemorar o aniversário de um deles! Então tem tudo isso junto...
- Como você define medo?
- Ah, medo é um negócio que parece um monstro, um gigante e a gente fica pequeno...
- E prazer, como você define?
- Prazer é muito bom, é uma expectativa, é júbilo, fica leve com a vida
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo medo e prazer?
- Ah, acho, acho que é por isso que a gente ta aqui, na busca dos dois.
- Em relação à atividade você está sentindo medo?
- Um pouquinho, uma pouquinho de expectativa, um pouquinho de medo, meu coração ta batendo um pouco mais rápido....
- Então, de 0 a 5?
- Ah, uns 3
- Em relação à atividade você está sentindo prazer?
- Ah, aí é 7, ahahahahaha, porque eu tirei do medo....

- Nessa atividade o que você acha que pode te dar mais prazer?
- Ah, fazer uma coisa que eu nunca fiz, vencer a dificuldade de estar aqui e ter sua família toda num barco.
- E o que te causa mais medo?
- Ah, por exemplo, se tiver corredeiras muito fortes.... acho que é só isso.

R- 7 APÓS A ATIVIDADE

- Que emoções você está sentindo nesse momento após a atividade?
- Ah, foi ótimo, uma sensação maravilhosa, muito melhor do que eu esperava e to totalmente relaxada
- Nessa atividade você sentiu ao mesmo tempo medo e prazer?
- Ah sim, várias vezes, pois no mesmo momento que a gente tinha aquela sensação de medo, a gente tava lá por opção e tinha prazer também
- E sentiu medo?
- Senti, medo com apreensão.
- Então, de 0 a 5?
- Ah, uns 3.... 4
- Em relação à atividade você está sentindo prazer?
- ah, muito....
- De 0 a 5?
- Ah... 5
- O que te deu mais prazer nessa atividade?
- Ah, toda vez que a gente vencia as quedas, todo mundo estar trabalhando junto e depois quando a gente foi pra água, foi muito bom!
- E o que te causa mais medo?
- Medo era antes das corredeiras, mas nosso guia era muito segura e passou muita segurança pra nós!

R- 8 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 28 anos
- Grau de escolaridade?
- Superior completo.
- Já praticou alguma vez Rafting?
- Nunca, primeira vez
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Ah, to com a adrenalina toda, primeira vez, nervoso
- Como você define medo?
- Ah, medo, é uma sensação muito ruim, que as vezes atrapalha muito, mas depois passa, sabe...
- E prazer, como você define?
- Ah, é uma coisa muito boa ainda mais depois que você sente, quer de novo
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo medo e prazer?
- É, prazer e medo ao mesmo tempo

- Em relação à atividade você está sentindo medo?
- Em relação a atividade não, é mais ansiedade
- Então, de 0 a 5?
- 3
- Em relação à atividade você está sentindo prazer?
- Oh, total!!!
- De 0 a 5?
- Ah, vou por 8
- Nessa atividade o que você acha que pode te dar mais prazer?
- Mais, na hora que nos tiver no bote e descendo aquelas corredeiras
- E medo? O Que pode te dar medo?
- Ah, de cair, do bote.... fora isso?

R- 8 APÓS A ATIVIDADE

- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Muito bom, agradável, to leve
- Você achou possível sentir prazer e medo ao mesmo tempo na atividade?
- Não, senti mais prazer!
- Você sentiu medo?
- Em relação a atividade não
- Então, de 0 a 5?
- 0
- E prazer?
- 1000
- O que te causou mais prazer?
- A foram as quedas...
- E medo? Não sentiu?
- Não, não, medo não!

R- 9 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 23 anos
- Grau de escolaridade?
- Superior completo.
- Já praticou alguma vez Rafting?
- Já
- Quantas vezes?
- 1 vez
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Ansiedade! Muita!
- Como você define medo?
- Insegurança, tem o medo saudável pra proteção e o medo ruim, mas no momento um medo bom, de aventura!
- E prazer?

- Ah, diversão
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo medo e prazer?
- É possível!
- Em relação à atividade você está sentindo medo?
- Não, to ansiosa!
- Então, de 0 a 5, quanto de medo?
- 1
- Em relação à atividade você está sentindo prazer?
- Sim, 5!
- Nessa atividade o que você acha que pode te dar mais prazer?
- Os obstáculos, as descidas
- E o que te causa mais medo?
- Ah, cair e não conseguir subir!

R- 9 APÓS A ATIVIDADE

- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Ah, Satisfação, alegria...
- Você achou possível sentir prazer e medo ao mesmo tempo?
- Sim!
- Você sentiu medo?
- Senti
- Então, de 0 a 5, quanto de medo?
- 3
- Sentiu prazer?
- Sim
- De 0 a 5?
- 5
- O que te causou mais prazer?
- As quedas!
- E o que te causou mais medo?
- Perder o capacete... passar nos galhos...foi horrível, até conseguir pegar o capacete de volta!

R- 10 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 31 anos
- Grau de escolaridade?
- Segundo grau
- Já praticou alguma vez Rafting?
- Não, primeira vez.
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Não tem como explicar, to ansiosa, muito ansiosa!
- Como você define medo?
- Ah, sei lá, é algo estranho, algo ruim

- E prazer?
- Algo muito bom, muito bom
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo medo e prazer?
- Sim
- Em relação à atividade você está sentindo medo?
- Um pouquinho, é mais ansiedade
- Então, de 0 a 5, quanto de medo?
- 3
- Em relação à atividade você está sentindo prazer?
- Muito!
- De 0 a 5?
- 5
- Nessa atividade o que você acha que pode te dar mais prazer?
- Ah, o lugar, a água, aquela loucura toda, deve ser muito bom!
- E o que te pode te dar mais medo?
- Ah, cair, né? Me machucar....

R- 10 APÓS A ATIVIDADE

- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Muito bom, vontade de voltar, muita adrenalina....
- Você achou possível sentir ao mesmo tempo medo e prazer?
- Sim
- Em relação à atividade você sentiu medo?
- Um pouquinho,
- De 0 a 5?
- 3
- E prazer? Sentiu prazer?
- Muito, 5
- O que te deu mais prazer?
- Ah, as descidas das cachoeiras...
- E o que te pode te dar mais medo?
- as descidas também.....

ENTREVISTAS - ESCALADA.

E-1 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 20 anos
- Grau de escolaridade?
- Segundo grau completo.
- Já fez alguma vez Escalada?
- Não, não, a primeira vez.
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Ah, Expectativa, né? É a primeira vez que vou fazer escalada, vamos ver se tudo corre bem, né? Mas medo também, to com muito medo também!
- Como você define medo?
- Ah, uma sensação que te parabiliza, te, deixa você descontrolado, seus movimentos não correspondem, uma série de sensações inexplicáveis, a maioria inexplicáveis.
- E prazer, como você define?
- Um outro tipo de sensação, completamente contrário, muito boa, como o nome diz prazerosa, você se sente bem em fazer....
- Nessa atividade você acha possível sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
- Ah, com certeza, primeiro medo e depois muito prazer!
- Em relação à atividade você está sentindo medo?
- To!
- De 0 a 5, quanto?
- Ah, eu gosto desse tipo de esporte, eu já fiz bóia-cross, fiz rafting, eu gosto desse tipo de esporte, digamos que uns 5, a metade...
- Não de 0 a 5....
- Ah, de 0 a 5, uns 2, vai...
- E você está sentindo prazer?
- Até agora não muito
- De 0 a 5,quanto?
- Ah, 1, vai
- O que você acha que pode te dar mais prazer na escalada?
- Ah, acho que a vista, a vista deve dar uma sensação muito boa
- E o que você acha que pode te dar medo?
- Ah, medo de cair, né? Sei lá, a corda estourar ou o negócio quebrar, muito medo

E-1 APÓS A ATIVIDADE

- Que emoções você está sentindo nesse momento depois da atividade?
- Ah, satisfação, to muito satisfeito com a atividade.
- Deu pra sentir prazer e medo ao mesmo tempo?
- Deu, claro, bom pra caramba lá, descendo senti muito medo, prazer também, muito boa a vista, muito legal lá.
- Você sentiu medo?

- Senti, senti medo, pra descer o Rappel, muito alto, nunca imaginei que fosse descer
- De 0 a 5, quanto?
- Ah,5,fácil fácil fácil....
- Deu pra sentir prazer?
- Deu também, quando eu parei, parei assim no meio da rocha, olhei pro lado, olhei pro outro, o sol lá em cima, muito, muito prazer
- De 0 a 5?
- 5 também, muito bom!
- O que te deu mais prazer?
- Descer o Rapel, a descida do Rapel, deu mais prazer
- E o que te deu medo?
- A saída do Rapel, pra começar a descer, senta assim, senta na cadeirinha, senti a corda puxando, deu mais medo, porque o medo de cair, você não conhece, você fez aqui, mas 2m, se cair não dá nada, no máximo você quebra uma perna, mas lá se você cair você vai pro saco.

E- 2 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 19
- Grau de escolaridade?
- Segundo grau completo.
- Já praticou alguma vez?
- Não, primeira vez.
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Ansiedade! De saber como que é...
- Como você define medo?
- Medo? É uma coisa natural de qualquer ser vivo que faz a gente fazer qualquer coisa, a gente sempre tem medo de alguma coisa, é instintivo
- E prazer?
- Prazer, também é uma coisa natural no ser humano, é uma coisa boa
- Você acha possível, nessa atividade que você vai fazer, sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
- É, acho que sim!
- Você está sentindo medo Em relação à atividade?
- To, um pouco!
- De 0 a 5, quanto?
- 3
- E você está sentindo prazer em ir pra atividade?
- Eu to mais ansiosa, porque eu quero saber como que vai ser, né? Pra mim... agora um pouco
- De 0 a 5?
- De 0 a 5.....6
- Não, de 0 a 5

- 5
- O que pode te dar mais prazer você acha, nessa atividade o que?
- Acho que quando chegar lá em cima
- O que pode te dar medo?
- Você ficar olhando pra baixo e pensar que pode cair...

E- 2 APÓS A ATIVIDADE

- Que emoções você está sentindo nesse momento depois da atividade?
- To muito cansada, não achei que fosse tão mole, mas é muito bom, é uma coisa que eu nunca passei por isso, né? Muito Bom. To realizada, consegui, né? tava com bastante medo a hora cheguei lá em cima, mas eu consegui.
- Você achou possível sentir prazer e medo ao mesmo tempo nessa atividade?
- Dá, dá, mas eu acho que senti medo antes e depois prazer. Não ao mesmo tempo
- Você sentiu medo?
- Senti
- De 0 a 5, quanto de medo?
- 5
- Deu pra sentir prazer?
- Deu, muito
- De 0 a 5?
- 5 também!
- O que te deu mais prazer na atividade?
- Ah, na hora que eu subi, o visual que eu tive e na hora que eu estava descendo
- E que momento te deu medo?
- Na hora que quando eu ia descer porque eu não sabia se estava tudo certo não sabia como eu ia fazer direito, esqueci tudo, mas depois que eu peguei o jeito...

E- 3 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 37
- Grau de escolaridade?
- Superior completo.
- Já praticou alguma vez?
- Não
- Primeira vez?
- Primeira
- Que emoções você está sentindo nesse momento antes de ir pra atividade?
- No momento, normal, to tranquilo, sem problema nenhum
- Como você define medo?
- O que é o Medo?Medo... Não sei...É uma sensação estranha né? De algo que você não conhece, vai descobrir talvez na volta eu saiba definir melhor
- E prazer, como você define?

- No momento é tentar descobrir o medo, é uma coisa boa
- Nessa atividade Você acha possível, que você vai fazer, sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
- Com certeza!
- Em relação à atividade você está sentindo medo?
- Não, no momento não
- Quanto? De 0 a 5, 0 o mínimo e 5 o máximo?
- 2
- E você está sentindo prazer em ir pra atividade?
- Sim, to na expectativa pra ver o que vai acontecer...
- De 0 a 5?
- 3
- O que pode te dar mais prazer você acha, nessa atividade o que?
- A descida, a volta.
- O que pode te dar medo?
- A subida.

E- 3 APÓS A ATIVIDADE

- Que emoções você está sentindo nesse momento depois da atividade?
- Adrenalina total, valeu a pena!
- Nessa atividade deu pra sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
- Sim, na descida principalmente
- Você sentiu medo na atividade?
- Medo é talvez com relação ao equipamento, mas demonstraram total confiança pra gente, a gente acreditou, eu acreditei e fui embora e não teve problema não...
- De 0 a 5, quanto de medo?
- uns 3
- Deu pra sentir prazer?
- Dá!
- De 0 a 5?
- 3 também!
- O que te deu mais prazer na atividade?
- Prazer? Ah, difícil, o finalmente foi ooo, teve início, o meio, o final foi mais prazeroso
- E medo, que momento te deu mais medo?
- Ah, na subida, a subida foi a pior parte.

E-4 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 29
- Grau de escolaridade?
- Superior completo.
- Já praticou alguma vez?
- Não
- Primeira vez?

- Só indoor
- Que emoções você está sentindo nesse momento antes de ir pra atividade?
- To ansiosa, mas não to com medo agora...
- E, Como você define medo?
- Por exemplo, altura seria um medo, é bom depois que você vence o medo
- E prazer, como você define?
- Seria, estar bem, é, você, é, vencer, estar com as pessoas que você gosta do lado, você tá lá em cima, por exemplo, agora, fazer escalada e ver aquele visual todo
- Nessa atividade Você acha possível, que você vai fazer, sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
- Sim, aha, pelo menos pra mim!
- você está sentindo medo?
- Agora não
- De 0 a 5?
- 1
- E Prazer?você está sentindo prazer em relação a atividade?
- Sim
- De 0 a 5?
- 3
- O que pode te dar mais prazer você acha,?
- Depois que estiver lá em cima
- E mais medo?
- Quando tiver que descer

E-4 APÓS A ATIVIDADE

- Que emoções você está sentindo nesse momento depois da atividade?
- Agora é tudo maravilhoso, né? Pego, o que tinha que fazer a gente fez, desceu, ninguém se machucou, tudo direitinho, então tá beleza. To realizada
- Você achou possível sentir prazer e medo ao mesmo tempo na atividade?
- Não, geralmente, assim, medo acontece antes, eu acho, depois quando você pega e realiza daí vira prazer., né?
- Sentiu medo?
- Senti
- De 0 a 5, quanto?
- Onde? Na descida ou na subida?
- No geral
- No geral? Ah, 5, Na descida do Rapel, na pontinha
- E sentiu Prazer?
- Senti, mesmo na hora que estava descendo, daí já estava tranquilo.
- De 0 a 5, quanto?
- Prazer 5 também
- O que te deu mais prazer?
- A descida
- E o que te deu mais medo?

- Ah, lá na pontinha mesmo, na hora do Rapel, de começar a descer.
- E a escalada, como foi?
- A escalada? A escalada na verdade, assim, em pontos que eu achei que ia ter dificuldade eu não tive, e alguns que eu vi que o pessoal tava passando tudo certinho eu tive dificuldade por causa da altura.

E-5 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 34
- Grau de escolaridade?
- Pós graduação.
- Já praticou alguma vez escalada?
- Não
- Primeira vez?
- primeira vez
- Que emoções você está sentindo nesse momento antes de ir pra atividade?
- Ansiedade...
- E, Como você define medo?
- é uma sensação bem ruim
- E prazer, como você define?
- Baseado nessa pergunta do medo, depois que ultrapassa o medo, você sente prazer, é algo bom
- Nessa atividade Você acha possível, que você vai fazer, sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
- Eu acho que não, vem o medo antes e depois vê o prazer!
- você está sentindo medo?
- To
- De 0 a 5?
- 2
- E Prazer?você está sentindo prazer em relação a atividade?
- To
- De 0 a 5?
- 4
- O que pode te dar mais prazer na atividade?
- Mais prazer?, a hora que estiver lá em cima, vencer o medo e começar a descida
- E mais medo?
- Os momentos que antecedem a descida

E-5 APÓS A ATIVIDADE

- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- Emoção de realização e bastante adrenalina.
- Deu pra sentir prazer e medo ao mesmo tempo?
- Não, não.

- Com relação a atividade, você sentiu medo?
- Senti na subida, na descida não
- De 0 a 5, quanto?
- Na subida 5, na descida 1
- Deu pra sentir prazer?
- Na descida também, na subida não
- De 0 a 5?
- De 0 a 5, 0 na subida e 5 na descida.
- O que te deu mais prazer?
- A descida, o problema acho que foi a falta de preparo físico e de conhecimento técnico na subida por isso que não causou tanto prazer quanto a descida
- E medo, que momento te causou mais medo?
- Teve um momento em que eu acabei escorregando e bati o corpo na pedra, na subida, esse foi o momento de mais medo

E- 6 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 30
- Grau de escolaridade?
- Superior completo.
- Já praticou alguma vez escalada?
- Só indoor
- Que emoções você está sentindo nesse momento antes de ir pra atividade?
- Tranquilo
- Como você define medo?
- Medo é aquele friozinho que dá na barriga, assim, quando você se depara com uma situação que você não ta acostumado a lidar com ela diariamente.
- E prazer?
- Prazer é uma euforia, né? Que eu sinto no caso, né?
- Nessa atividade você acha possível, que você vai fazer, sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
- Sim, com certeza.
- você está sentindo medo?
- Não
- De 0 a 5?
- 5 é muito?
- 5 é muito e 0 é pouco....
- É 1
- E Prazer? Você está sentindo prazer em relação a atividade?
- Uhhh, 2
- O que você acha que pode te dar mais prazer na atividade?
- A subida
- E o que você acha que pode te dar mais medo?

-A descida

E- 6 APÓS A ATIVIDADE

- Que emoções você está sentindo nesse momento depois da atividade?
- Muito louco, é uma emoção muito boa, que superou as expectativas do que eu ia sentir. Realizado.
- Deu pra sentir prazer e medo ao mesmo tempo?
- Sim, certeza, os dois andam juntos.
- Você sentiu medo?
- Sim
- De 0 a 5, quanto?
- Ah, 4, quando começo a descer de Rapel
- E Prazer, deu pra sentir prazer?
- Sim
- De 0 a 5, quanto?
- 5, na hora que estava no meio do Rapel
- E na hora da Escalada?
- Na Escalada medo vai, medo foi 2 e satisfação foi 5, na escalada deu menos medo do que o Rapel
- O que te deu mais prazer?
- Durante o Rapel
- E o que te deu mais medo?
- Começar o Rapel

E-7 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 30
- Grau de escolaridade?
- Superior completo
- Já praticou alguma vez escalada?
- Ainda não
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- To curiosa e ansiosa pra subir, a paisagem e tudo que a gente for encontrando no meio do caminho
- Como você define medo?
- é um frio na barriga, mas algo que a gente não pode estar controlando, administrando, algo que te surpreende
- E prazer?
- Prazer, é algo que pode estar te surpreendendo algo mais que suas expectativas.
- Nessa atividade Você acha possível sentir ao mesmo tempo prazer e medo?
- Só vendo, pode ser ao mesmo tempo dá prazer ao mesmo tempo que dá medo, não sei.... só vendo
- Você acha que sim ou acha que não?

- Eu acho que vai dar mais prazer
- Com relação à atividade, você está sentindo medo?
- Não, to mais curiosa, to curiosa, ansiosa pra ver
- De 0 a 5?
- 1, né?
- Você está sentindo prazer em relação a atividade?
- Claro que sim
- De 0 a 5?
- 4
- O que pode te dar mais prazer na atividade?
- Na hora escalada? Acho que a subida, a subida, com certeza
- E mais medo?
- Medo? A corda arrebentar

E-7 APÓS A ATIVIDADE

- Que emoções você está sentindo agora depois da atividade?
- assim, foi super 10, pela expectativa, show de bola, gostei pra caramba, o visual, a emoção de estar lá em cima. As pessoas surpreendem, porque a gente não sabe da reação de cada uma. Muito Legal
- Tá, mas que emoção você está sentindo agora?
- Agora, surpreendente, bem assim... surpreendente
- E como você define medo agora?
- Você achou possível sentir prazer e medo ao mesmo tempo?
- Acho que não, eu acho que são coisas distintas na hora que eu senti medo o prazer estava na metade, Sentia medo e depois prazer. Medo na hora, que eu não sabia, tava me ajeitando pra poder descer, aí depois foi prazer total, conhecendo a vista
- Você sentiu medo?
- Senti, na hora que começou a descer.
- De 0 a 5, quanto?
- 3
- E Prazer, sentiu?
- Sim, de tudo, das coisas novas, de estar fazendo o que eu gosto.
- De 0 a 5, quanto?
- 5
- O que te deu mais prazer?
- Na hora que cheguei lá em cima, vi o visual, senti o ar, e que a gente é muito pequenininho nesse mundo
- E o que te deu mais medo?
- Deu mais medo? Foi na hora de começar a descer.

E-8 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?

-33

-Grau de escolaridade?

-Pós graduada

- Já praticou alguma vez?

-Escalada não, só Rapel

-Que emoções você está sentindo nesse momento?

- Expectativa, ansiedade, pouco nervosa

- Como você define medo?

- Medo é uma coisa ruim, porque a gente não conhece algo um pouco mais forte que nós mesmos que a gente não pode esperar

- E prazer?

- é o oposto disso, é o algo boa que vêm quando a gente consegue superar o medo.

- Nessa atividade Você acha possível sentir prazer e medo ao mesmo tempo?

- Sim, eu acho, conforme vai superando o medo o prazer vai aumentando

- Você está sentindo medo pra atividade,?

- Tô

- De 0 a 5, sendo 0 o mínimo e 5 o máximo?

- Nesse momento ainda um nível 2

- Você está sentindo prazer?

-Também tô

- De 0 a 5?

- Podemos colocar uns 3

- O que pode te dar mais prazer na atividade?

-Ah, quando eu finalizar, estiver lá em cima e tiver superado o medo, também.

- E o que pode te dar mais medo?

-O retorno! A volta de Rapel.

E-8 APÓS A ATIVIDADE

-Que emoções você está sentindo agora, na volta?

-Sensação de missão cumprida, mas muito cansada, muito despreparada.

- Deu pra sentir prazer e medo ao mesmo tempo?

- Sim, na descida, tava realmente sendo muito legal, tava curtindo, tava sendo prazeroso, mas dava medo também.

- Deu pra sentir medo?

-Deu, deu

- De 0 a 5, quanto?

- Ai, pode por um 5 aí, muito medrosa

- E prazer? Deu pra sentir?

- Deu, um pouco menos, mas deu

- De 0 a 5?

-4, o medo ainda tava mais.

-O que te deu mais prazer?

- O retorno, A descida.

- O que te deu mais medo?

- Quando eu caí, eu bati a cabeça e as costas nas pedras, aí fiquei realmente com medo de ter me machucado, não andar mais, ter ficado tetraplégica....aqueles exageros...

E- 9 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 28
- Grau de escolaridade?
- Superior Completo
- Já praticou alguma vez esportiva?
- Só indoor
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- É, ansioso, e um pouco de prazer
- Como você define medo?
- Liberação de bastante adrenalina no corpo e tentar vencer os desafios complicados pra enfrentar
- E prazer, como você define?
- Prazer é quando você consegue vencer esses desafios, superar esses desafios, superar esse medo e terminar a prova.
- Nessa atividade, você acha possível sentir prazer e medo ao mesmo tempo?
- Sim, é possível
- Com relação à atividade, você está sentindo medo?
- Não, to tranquilo
- De 0 a 5, sendo 0 o mínimo e 5 o máximo?
- 1
- E prazer, ta sentindo prazer pra fazer a atividade?
- Sim, bastante.
- De 0 a 5?
- 4
- O que pode te dar mais prazer na atividade?
- Ah, o visual que vou ter quando chegar lá em cima
- E o que pode te dar mais medo?
- A descida, a hora que me travar e não conseguir mais me mexer.

E-9 APÓS A ATIVIDADE

- Que emoções você está sentindo agora, nesse momento depois da atividade?
- Ah, satisfação, muito bom!
- Deu pra sentir prazer e medo ao mesmo tempo?
- Sim, deu, na descida do Rapel dá aquele medinho de cair e ao mesmo tempo é gostoso.
- E na escalada?
- Na escalada é a preocupação de não achar onde por o pé, onde colocar a mão pra puxar pra poder subir.
- Você sentiu medo?
- Na escalada?

- No geral!
- No geral senti mais na descida!
- De 0 a 5, quanto?
- 4
- Deu pra sentir prazer?
- Sim, bastante
- De 0 a 5, quanto?
- 4 também!
- O que te deu mais prazer?
- Quando tava lá no topo, ter vencido o medo da descida do Rapel, de ter chegado inteiro no chão, sem ter me espatifado lá no chão
- E o que te deu medo?
- Medo? A sensação do medo de cair, né? De não conhecer o equipamento, não confiar no equipamento, pensar que aquela cadeira lá não vai te segurar.

E-10 ANTES DA ATIVIDADE

- Idade?
- 31
- Grau de escolaridade?
- Pós Graduada
- Já praticou alguma vez esclada?
- Não, primeira vez
- Que emoções você está sentindo nesse momento?
- To um pouco ansiosa
- Como você define medo?
- É uma sensação de desconhecido, por que você não sabe o que vai enfrentar lá na frente.
- E qual a definição de prazer?
- Prazer é quando a gente realiza um sonho, algo que a gente se sinta bem, realizado e estar com as pessoas que a gente gosta.
- Nessa atividade, você acha possível sentir prazer e medo ao mesmo tempo?
- Sim.
- Com relação à atividade, você está sentindo medo?
- Acho que vou sentir na hora que chegar lá, começar a escalar
- E agora, de 0 a 5, quanto de medo você ta sentindo?
- Agora,1.
- E prazer, ta sentindo prazer?
- Sim.
- De 0 a 5?
- De 0 a 5, 4
- Nessa atividade o que pode te dar mais prazer?
- Quando eu chegar lá em cima
- E o que pode te dar mais medo?
- O momento que começar a subir pela rochas.

E-10 APÓS A ATIVIDADE

- Que emoções você está sentindo nesse momento depois da atividade?
- Ah, feliz e cansada.
- Deu pra sentir prazer e medo ao mesmo tempo?
- Sim,
- Você sentiu medo?
- Na hora da escalada, achava que não ia conseguir alcançar alguns pontos e na hora da descida aquele pedacinho que tem que começar a colocar os pés....daí deu um poquinho de medo
- De 0 a 5, quanto?
- 4
- E Prazer, deu pra sentir prazer?
- Deu, Deu
- De 0 a 5, quanto?
- 5
- O que te deu mais prazer?
- Quando eu cheguei até lá em cima pra poder ver a paisagem e depois quando eu consegui chegar até o final, completar todo o trajeto
- E o que te deu mais medo?
- Ta lá em cima e olhar pra baixo e ter aquela medo, aquela sensação de cair, ficar com tontura.

ABSTRACT

This Qualitative research is aimed at verifying pleasure and fear in the first adventure tourist experience. The research involves two distinct parts. The first stage, was dedicated to a large analysis of documents, papers, and bibliography about the theme. The second part employed a qualitative method using an interview to collected data. A semi-structured interview was utilized as instrument for data collection, composed of 8 questions applied before and after the adventure to a sample of 30 tourists of AFAN, in Brotas/SP, Analândia/SP and Boituva/SP, of both sexes and different school levels. 10 parachuting, 10 rafting and 10 rock climbing first time tourists was interviewed. Data was descriptively analyzed through Content Analysis and the results indicated that the presence of emotional elements is part of human imaginary and the participant concepts influence the emotions that will be felt. Before start the adventure, tourists are sure that they will feel overwhelming emotions. It Was verified that Pleasure and Fear are present in the relation adventure activities/humans and the social and psychological aspects are important and influence the actions before, during and after the activity. In Conclusion Pleasure and Fear are the basis of the emotional aspects involving adventure activities.